Contingentia

Revista do Setor de Alemão da UFRGS

V. 12 n. 1

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Sofia Froehlich Kohl
(Orgs.)

200 anos de imigrações alemãs para o Brasil

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Contingentia

Contingentia vol. 12 n. 1

Editores: Gerson Roberto Neumann, UFRGS, Helano Ribeiro, UFPB, Sofia Froehlich Kohl, UPorto

Editoração Digital-SEER

Sofia Froehlich Kohl, UPorto

Apoio Editorial

Eduardo Spieler, UFRGS

Conselho Editorial (Nacional)

Bernardo K. Limberger, UFPel
Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, USP
Cléo V. Altenhofen, UFRGS
Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG
Felix Valentin Bugueno Miranda, UFRGS
Gabriel Sanches Teixeira, UFSC
Helmut Galle, USP
Karen Pupp Spinassé, UFRGS
Márcia Ivana Lima e Silva, UFRGS
Paulo Soethe, UFPR
Rosani Úrsula Ketzer Umbach, UFSM
Tito Lívio Cruz Romão, UFC

Conselho Editorial (Internacional)

Arne Ziegler, Universität Graz
Dirk Niefanger, Friedrich-Alexander-Universität
Elóide Kilp, Universität Salzburg
Göz Kaufmann, Universität Freiburg
Joachim Born, Universität Giessen
Jürgen Fohrmann, Universität Bonn
Ligia Chiappini Moraes Leite, Freie Universität Berlin
Mechthild Habermann, Friedrich-Alexander-Universität
Sebastian Kuerschner, Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt
Susanne Klengel, Universität Mainz/Germersheim
Zinka Ziebell-Wendt, Universität Bremen/Freie Universität Berlin

CONTINGENTIA / Instituto de Letras/ Setor de Alemão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024. v. 12, n. 1, Jan-Jul (p. 01-104) ISSN 1980-7589

Contingentia. Org. Gerson Roberto Neumann,
Helano Jader Cavalcante Ribeiro e Sofia Froehlich Kohl.

1. Letras –Periódicos. 2. Literatura. 3. Linguística. 4. Línguas estrangeiras. 5. Tradução. I. Neumann, Gerson Roberto; Ribeiro, Helano Jader Cavalcante; Froehlich Kohl, Sofia.

Contingentia

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Sofia Froehlich Kohl
(Orgs.)

Vol. 12, No. 1, Jan-Jul. 2024| ISSN 1980-7589

Apresentação
Gerson Roberto Neumann, Helano Jader Cavalcante Ribeiro,
Sofia Froehlich Kohl 6

Artigos

Wilde Schtoram 8
Henrique Enzweiler

Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri.
Da literatura brasileira de expressão alemã 9
Celeste Ribeiro-de-Sousa

A vitalidade de marcas linguísticas do alemão (Hunsrückisch) em relação
à dominância do português em contato no Brasil e na Bacia do Prata 22
Cléo V. Altenhofen, Amanda Timmen Mello

Artigos de temática livre

Ensino da Língua Alemã na Graduação em Secretariado
da Universidade Federal do Paraná 48
Vitoria dos Santos Turquenitch

Deutschunterricht in Brasilien: Fokus auf Wissensproduktion 59
Felipe Furtado Guimarães

A literatura do trauma e o relato testemunhal em "Tudo o que tenho levo comigo", de Herta Müller 78
Marinês Andrea Kunz, Lovani Volmer, Juracy Assmann Saraiva

Walter Benjamin e Haroldo de Campos: interlocução sobre a Aura
e a tradução como Transcriação 94
Josafá de Assis Silva, Eliana Vasconcelos Medeiros do Nascimento

Edição especial comemorativa

200 anos de imigrações alemãs para o Brasil

Contingentia
Revista do Setor de Alemão do UFGRS
UFRGS
PAEP

Apresentação

Edição especial comemorativa

200 anos de imigrações alemãs para o Brasil

No ano do bicentenário do início das imigrações de língua alemã para o Brasil, temos a alegria de apresentar o volume 12 da Revista Contingentia, que, além dos costumeiros artigos de temática livre nas áreas de Literatura, Linguística, Tradução e Didática da Língua Alemã, também conta com uma sessão especial dedicada à língua e à cultura de imigração. O volume 12, por seu caráter comemorativo, contará excepcionalmente também com produções literárias e textos não científicos, que exploram as vivências linguísticas e culturais de descendentes de imigrantes. Nossa intenção com a publicação de textos não acadêmicos é aproximar a academia da realidade das comunidades que ainda preservam a cultura de imigração, parte integrante da cultura brasileira há quase 200 anos.

Abrimos o primeiro número do volume 12 com um poema de Henrique Enzweiler, intitulado *Wilde Schtoram*, em que o autor tematiza em primeiro plano as emoções do eu-lírico ao se separar da amada, comparando as perturbações em seu peito a uma tempestade violenta. O autor é falante nativo da variedade Hunsrückisch e tem grande apreço por literatura, ainda que não trabalhe profissionalmente na área.

O segundo texto da sessão especial é uma contribuição da professora Celeste Ribeiro sobre a literatura brasileira de expressão alemã. Com seu artigo, Celeste Ribeiro procura diferenciar, primeiramente, a "literatura de expressão alemã no Brasil" e "literatura brasileira de expressão alemã". Para tanto, a autora utiliza o exemplo da escritora Hilda Siri e traz um texto de Siri, *Die Rache des Urwalds: Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik*, seguido da tradução da professora Maria António Hörster. Ao longo do artigo, são apresentadas diferentes fontes bibliográficas que oferecem análises ainda mais detalhadas sobre o tema e procuram destarte aprofundar o debate.

No artigo, *A vitalidade de marcas linguísticas do alemão (Hunsrückisch) em relação à dominância do português em contato no Brasil e na Bacia do Prata*, Cléo Vilson Altenhofen e Amanda Timmen Mello tematizam a vitalidade linguística da língua de imigração Hunsrückisch em contato com o português no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Com base em dados do projeto ALMA-H (Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), os pesquisadores analisaram o grau de dominância do português em diferentes grupos, considerando fatores como idade e escolaridade, para estabelecer uma relação entre o perfil dos falantes e a vitalidade da língua.

O quarto artigo do volume e primeiro da sessão de temática livre (*Ensino da Língua Alemã na Graduação em Secretariado da Universidade Federal do Paraná, de* Vitória Santos Turquenitch) tematiza as competências relativas à língua alemã desenvolvidas no Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR. Em seu texto, Vitória Santos Turquenitch comenta a presença de disciplinas de alemão na estrutura do currículo do curso superior em questão, pontuando as principais dificuldades com que os estudantes brasileiros se deparam ao incorporar o estudo da língua alemã em sua formação.

Na toada do ensino de língua alemã, o texto (em alemão) de Felipe Furtado Guimarães analisa a produção de conhecimento sobre o ensino da língua no Brasil, adotando a base de dados da SciELO para a construção do corpus de análise. O autor observa, entre outras tendências, o eixo Rio-São Paulo como predominante nas publicações sobre o tema, além de estabelecer a predominância de alguns tópicos (como a análise de materiais didáticos) em detrimento de outros.

No artigo *A literatura do trauma e o relato testemunhal em "Tudo o que tenho levo comigo", de Herta Müller*, as autoras Marinês Andrea Kunz, Lovani Volmer e Juracy Assmann Saraiva analisam a obra de uma das mais proeminentes escritoras de língua alemã. As autoras amparam sua análise nas teorias sobre memória, relato testemunhal e literatura do trauma, estabelecendo uma conexão complementar entre literatura e história.

Fechamos o primeiro número desse volume com o artigo de Josafá de Assis Silva e Eliana Vasconcelos Medeiros do Nascimento, *Walter Benjamin e Haroldo de Campos: interlocução sobre a Aura e a tradução como Transcriação,* que também procuram interligar, de certa forma, a literatura e a história. As autoras se propõem a examinar o texto traduzido como mantenedor do que Walter Benjamin denomina *Aura*, e observar como esse processo de manutenção é abordado nas teorias tradutórias, sobretudo na vertente transcritiva de Haroldo de Campos, assumindo a tradução como ferramenta de regaste do tempo, à medida em que narra a história novamente.

Desejamos uma boa leitura!

Os editores.

Gerson Roberto Neumann – UFRGS

Helano Jader Ribeiro – UFPB

Sofia Froehlich Kohl – UPorto

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS

Henrique Enzweiler[1]

Wilde Schtoram

So en medchen hon ich imma gesuft
Du loscht maine Gedanke in Luft
Ich denke in dich schon so lang
Und mit dea hon ich ke pan

Awa dann sin Ich fat gefloo mit´em Wind
Und uhne dich, sin ich blind
Tzait dass, ich dich nieme sin
Sin die Behme nieme so grin

Etwas tut mea feêle
So kann ich net wara leve
Main Hertz ist kalt wie Eis
und nore du mascht es haiss

Mein Herz leed ufan Poram
Und tat trin ist en wilde Schtoram
Wilde Schtoram von mein Herz
Wan gehscht du fat? Januar, Februar ore Métz?

[1] Falante nativo de Hunsrückisch, é engenheiro mecânico e escritor por hobby.

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS
PAEP

Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri. Da literatura brasileira de expressão alemã[1]

Celeste Ribeiro-de-Sousa[2]

Resumo: O presente texto tem três objetivos: 1. Mostrar a diferença entre "literatura de expressão alemã no Brasil" e "literatura brasileira de expressão alemã". 2. Oferecer outros ensaios em que esta problemática é apresentada em análise detalhada. 3. Propiciar, a título de ilustração, a leitura direta de uma produção poética no âmbito da "literatura brasileira de expressão alemã".

Palavras-chave: Brasil alemão; literatura brasileira multilíngue; Hilda Siri.

Zusammenfassung: Dieser Text hat drei Ziele: 1. Den Unterschied zwischen „deutschsprachiger Literatur in Brasilien" und „deutschsprachiger brasilianischer Literatur" aufzuzeigen. 2. Andere Essays anzubieten, in denen diese Problematik ausführlich dargestellt und diskutiert wird. 3. Zur Veranschaulichung die unmittelbare Lektüre einer poetischen Produktion im Rahmen der „deutschsprachigen brasilianischen Literatur" darzubringen.

Schlüsselwörter: Deutsch-Brasilien; mehrsprachige brasilianische Literatur; Hilda Siri.

[1] Este texto foi por mim originalmente apresentado na palestra com o título "A floresta brasileira no olhar poético de Hilda Siri", pronunciada no dia 24 de maio de 2024 no Deutschland Corner (USP), por ocasião da homenagem aos 200 anos da imigração de língua alemã no Brasil, no âmbito do evento "Saudação da rede? Literatura brasileira de expressão alemã", promovido pela parceria entre o Curso de Alemão/FFLCH-USP, o Instituto Martius-Staden, a Associação dos Empreendedores e Moradores do Brooklin (Maifest), o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e as representações diplomáticas da República Federal da Alemanha no Brasil.

[2] Celeste Ribeiro-de-Sousa é Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo (USP). É criadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa RELLIBRA (Relações linguísticas e literárias Brasil - Países de língua alemã), desde 1993 > www.rellibra.com.br. É criadora e coordenadora do Macroprojeto de Pesquisa LIBEA (Literatura brasileira de expressão alemã) desde 2006 > https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=1. É tradutora e ensaísta.

Introdução

Hilda Siri é uma grande escritora da literatura brasileira de expressão alemã.

Hilda Siri em 1946, aos 28 anos.

Pseudônimo de Hilda Iris Zwanziger, nascida Gressler, Hilda Siri nasceu e faleceu no Brasil. Descendente de alemães, veio ao mundo em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 21 de janeiro de 1918 e faleceu em Campinas, São Paulo, em 28 maio de 2007, com 89 anos. Recebeu uma educação alemã esmerada, e detalhes de sua biografia assim como sua obra completa estão disponíveis no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Hilda Siri é uma grande representante, uma figura de proa, dessa literatura que eu chamo de "literatura brasileira de expressão alemã", cujo universo ainda não foi totalmente identificado. E, perante as dificuldades imensas de levar este fenômeno da cultura brasileira ao conhecimento dos brasileiros de todas as idades, principalmente por causa da barreira da língua (ainda hoje poucos brasileiros dominam o idioma alemão), criei em 2006 um macroprojeto de pesquisa interuniversitário e aberto a todos os interessados na matéria com o nome "Literatura brasileira de expressão alemã", cuja sigla é "LIBEA".

Neste projeto conjugam-se esforços para levantar o nome de todos os autores e autoras de idioma alemão, residentes no Brasil, que publicaram seus textos poéticos e

ensaísticos predominantemente em editoras brasileiras. Identificados os nomes e os dados biográficos de cada um, procedemos à descoberta e sistematização de suas obras, publicadas no país nos muitos *Kalender* e jornais de língua alemã existentes e preservados em vários arquivos – o maior está em São Paulo no Instituto Martius-Staden. Algumas dessas obras também se apresentam em forma de brochuras. Dependendo do tamanho dos textos, eles são digitados, porque muitos estão registrados em caracteres góticos, e traduzidos para o português. Tudo está on-line na plataforma do citado Instituto Martius-Staden sob a sigla LIBEA.

Sobre a designação "literatura brasileira de expressão alemã", que substitui a antiga denominação "literatura teuto-brasileira", há um artigo meu, intitulado "A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica", publicado em 2016 na Revista Pandaemonium Germanicum, que se encontra on-line. Neste ensaio, explicito entre outros que uma literatura (conjunto considerável de textos com variados graus de poeticidade: poesia, prosa, teatro) produzida sistematicamente no Brasil por imigrantes aqui residentes e por seus descendentes, publicada por editoras brasileiras, que tematiza preponderantemente o país e que apenas não é escrita em português, mas em alemão, é literatura brasileira de expressão alemã. Os teutões remontam à História antes de Cristo e estão muitíssimo distantes da realidade brasileira em torno de 1824, ano oficial a marcar a imigração de gente de idioma alemão para o Brasil. Esta literatura brasileira de expressão alemã tem apenas um ponto comum – o idioma – com a designação ampla "literatura de expressão alemã no Brasil", que abarca toda a literatura de língua alemã já produzida no mundo, bem como sua tradução, ambas lidas e/ou estudadas no país. No ensaio mencionado também discorro sobre os enormes preconceitos que pesam sobre esta literatura brasileira de expressão alemã até os dias de hoje e os desconstruo.

Sobre o problema do cânone poético brasileiro e este fenômeno literário, protagonizado pela imigração de língua alemã e seus descendentes no Brasil, há igualmente um texto meu com o título "Forçando as fronteiras artificiais do cânone", no livro *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*, organizado por Lyslei Nascimento e Neide Nagae, publicado em 2018.[3] Nele, mostro que, no âmbito da literatura brasileira de expressão alemã, há produções literárias muito bem construídas, de amplo significado, que atendem às altas exigências preconizadas por um cânone, neste caso o cânone literário e brasileiro[4].

[3] Forçando as fronteiras artificiais do cânone: o caso da literatura brasileira de expressão alemã. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*. Belo Horizonte, Editoras Associadas, 2018, p. 60-80. ISBN 9788566256239.

[4] Sobre a problemática do cânone há o texto muito sábio de Walnice Nogueira Galvão "As invisíveis", parte 3, publicado na Revista *A terra é redonda*, de 30.05.24. On-line.

Um panorama comentado dessa literatura brasileira de expressão alemã já foi por mim apresentado em 26 de outubro de 2020 num webinar que organizei, intitulado "Preservação da memória literária do Brasil de língua alemã", realizado no Instituto de Estudos Avançados da USP, que está on-line para quem se interessar. Nesse webinar, o título de minha apresentação é: "Ontem e hoje. A parte alemã da literatura brasileira" e refere-se às realizações poéticas levadas a cabo por representativos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil até os dias de hoje.

Na segunda parte do presente ensaio, "Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri", retomo o texto atrás referido em *Desafios críticos* e trago à leitura imediata uma das muitas criações de Hilda Siri, valendo-me dela como ilustração e demonstração da minha tese – há pérolas poéticas na literatura criada por imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil.

Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri

Posto isto, penso que para esta ocasião, que celebra os 200 anos da imigração de idioma alemão para o Brasil, o mais importante é trazer à leitura imediata uma narrativa curta da escritora, que a meu ver, mereceria fazer parte do cânone literário brasileiro, assim como outras mais. Quero com isto dizer que a História da literatura brasileira deveria dedicar um capítulo ao fenômeno da produção poética dos imigrantes e pósteros no país. Trata-se aqui de uma narrativa de Hilda Siri, publicada em 1955 no *Serra-Post Kalender*, depois no livro *Die alte Truhe*, financiado em 1999 pela própria escritora, que conheceu uma segunda tiragem em 2000, e que depois em 2008 foi disponibilizado em forma de e-book – Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. Este e-book oferece o acréscimo dos dados biobibliográficos da autora (português), suas peças de teatro, suas crônicas, (original e tradução), a tradução de alguns outros textos, o resumo comentado de sua produção literária (português) e a bibliografia crítica existente sobre sua obra.

A narrativa aqui focada leva o título: *Die Rache des Urwalds* (A vingança da floresta virgem) e foi traduzida por Maria António Hörster, professora da Universidade de Coimbra, colaboradora do nosso mencionado projeto LIBEA.

Mas antes de apresentar os textos da narrativa para leitura, gostaria de justificar minha escolha. E, neste passo, volto a uma passagem de meu ensaio "Forçando as fronteiras artificiais do cânone" acima referido. Digo eu: A vingança da floresta virgem é uma história concisa e concentrada na construção de um único clímax, é contada numa linguagem sóbria, de significativo poder imagético, no desenrolar de uma única cena, em um só dia, por uma narradora que se pode, em parte, confundir com a autora, que registra

suas memórias, tal como o subtítulo "Um destino de imigrante. De uma crônica familiar" (*Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik*) indica, e por uma personagem feminina – mãe de família, emigrada recentemente da Alemanha com o marido e onze filhos. A voz masculina do pai inexiste. A voz masculina vem da floresta. Apenas essa voz é potente e se faz ouvir: a voz de sua grande inimiga – a floresta virgem brasileira, com quem se confronta: mãe e floresta.

Neste ponto, é preciso abrir espaço para comentar uma outra luta paralela entre a língua alemã do original e a língua portuguesa da tradução. Embora o conceito abrangente, inclusivo, de natureza (*die Natur*) seja feminino tanto em português quanto em alemão, a palavra floresta (*der Wald*), tal como árvore (*der Baum*), são substantivos femininos em português, mas em alemão são palavras masculinas. Assim, no original, o inimigo da protagonista é masculino. Trata-se, pois, também de um confronto entre o feminino e o masculino. Na tradução, essa voz masculina e esse confronto entre os gêneros, tendo como pano de fundo o feminino da natureza, se perdem.

A protagonista alemã é uma mulher forte que ombreia com o marido no sustento da família. O confronto com a floresta é seu único modo de sobrevivência. A floresta é o Brasil e o Brasil é a floresta. Uma floresta personificada, vingativa, invadida por forasteiros atrevidos, o que ressoa fortemente nos dias de hoje, assolados pela crise climática e pela derrubada insana das últimas florestas. O preço do embate final entre a floresta masculina e a mãe imigrante é trágico: a mãe de família sucumbe à derrubada de uma árvore, que sobre ela se abate, matando-a. Mas, nos últimos minutos, esta mãe, um Prometeu de saias, ainda incumbe o filho menor de atear o fogo costumeiro à mata. Não há trégua. Na história original, a floresta (*der Wald*), o mato masculino, aniquila o feminino. Na tradução, como se disse, perde-se a luta entre os gêneros. A vitória, embora temporária, pois o filho pequeno haverá de recolocar fogo na vegetação, a vitória temporária cabe apenas à floresta, e aponta para uma vitória da natureza sobre o homo faber, o homem artífice, o homem que tem necessidade de dominar o mundo à sua volta e o faz através de ferramentas que ele mesmo cria, no caso, o facão de mato, o machado, o serrote, as cordas.

Também a morte é apenas a chegada da paz e do silêncio: uma morte aberta, que tanto pode ser recebida como uma morte católica, protestante ou existencialista.

A luta entre a selva e a civilização persiste para além das tragédias familiares. Um tema universal de extrema atualidade, a meu ver, construído com primor. Trata-se igualmente de uma contribuição ao estudo do povoamento do sul brasileiro e suas implicações ambientais. O local e o universal apresentam-se poeticamente entrelaçados nesta narrativa. Ou seja, esta narrativa contém todos os elementos literários que a habilitam à

entrada no cânone.

A narrativa é apresentada a seguir no original e, depois em tradução de Maria António Hörster, como se disse, uma professora da Universidade de Coimbra, colaboradora do Projeto LIBEA e hoje aposentada.

Die Rache des Urwalds

Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik

Hilda Siri

Es ist noch früher Tag. Die ersten Sonnenstrahlen streifen die dunklen Wälder auf den Anhöhen. Doch im Tal, wo ein munteres Bächlein springt, ist es noch neblig und kühl. Ein sauberer, ausgetretener Weg windet sich durch die ‚Roças' und führt über Geröll und Gestrüpp den Berg hinan. Dort schreitet eine Kolonistenfamilie zu ihrem Tagewerk. Der Aufstieg wird gefährlicher, je näher sie sich dem Walde nähern. Es gilt ein Stück Urwald zu roden, neues Pflanzland urbar zu machen.

Voran geht der Vater, die Axt gebuckelt, ein großes Hackmesser in der Rechten. Ihm folgen die Söhne, der größte eine Säge tragend, die Kleineren beladen mit Buschmessern, Fuchsschwanz und Tragkörben mit der Tagesnahrung. In groben Hosen oder Röcken, verwaschenen Hemden, an den staubigen Füßen die sandigen Schlappen, so pilgert die zwölfköpfige Familie den Berg hinan. Die Mutter, mit dem Jüngsten an der Hand, bildet den Abschluss. Sie bleiben immer weiter hinter den anderen zurück. Niemand achtet darauf. Sie geht in Gedanken versunken, ab und zu streift ein stolzer Blick die kräftigen Jungen und Mädchen, ihre Kinder. Der Kleine hängt schwer an ihrem Arm und klagt über Steine und Dornen, die seine Füße verletzen.

„Es fällt mir fast zu schwer", sagt die Mutter. "Ich bin des ewigen Kampfes mit dem Urwald überdrüssig. Ich kann nicht mehr. Ich bin schon müde. Ein Kind nach dem anderen. Und jedes braucht Land. Anfangs um es zu nähren, dann... um ihm Arbeit, Verdienst und Zukunft zu geben. Ich kann die Angst vor der feindlichen Wildnis nicht überwinden."

Trotzdem ist sie gewiss, dass sie, wenn das Fällen und Roden beginnt, Kräfte haben wird wie ein Mann und nicht ermüden wird. Sie weiß auch, dass der Kampf mit dem grünen bösartigen Ungetüm alle zur Begeisterung und immer neuen Kraftproben hinreißen wird. Denn gerade die Urbarmachung ist das Interessanteste und Abenteuerlichste im harten Tagewerk des Kolonisten. Sie ist auch in ihrem tiefsten Inneren fest davon überzeugt, dass sie nicht erlahmen wird, bis der Kleinste versorgt ist, seinen Acker hat und versorgt ist. Sie

freut sich schon jetzt auf diese Zeit, auf ihr Alter und malt sich oft aus, wie schön es sein wird, still auf der Veranda ihres Hauses zu sitzen, die Hände in den Schoss zu legen, und auf das Land zu schauen, auf das besiegte, gebändigte, fruchtbare. Doch dieses Ziel liegt noch in weiter Ferne. Dort oben droht der Wald, der noch besiegt werden muss.

„Ich habe Angst vor dir." Sie sucht mit den Blicken die eintönig grüne Fläche, die sich scheinbar bis in die Unendlichkeit ausdehnt. "Ich habe immer gefürchtet, du würdest uns alle verschlingen, bevor wir deiner Herr würden."

„Setz den Strohhut auf," mahnt sie den Kleinen. „Die Sonne sticht schon heftig." Sie bindet den Knoten unter dem zarten Kinn und der Junge schmiegt seine kleine Hand wieder in die große schwielige Hand der Mutter. Ein warmer Strom tiefen Glücksempfindens entquillt ihrem Herzen und ihr Mund spricht wieder zuversichtlich und heiter:

„Wir zwei werden ihn schon packen, du und ich, den bösen Wald."

„Er ist nicht bös", sagt das Kind, "er ist schön und es gibt dort viel zu sehen. Doch diesmal will ich ihn anzünden, nicht immer der Emil. Ich will das Feuer machen."

„Ja, diesmal darfst du den Wald anzünden."

Hatten die alten Bäume, die zähen dicken Schlingpflanzen, das wirre Gestrüpp je ein solches Konzert vernommen?

Sonst lauschten sie dem Rauschen der Baumkronen, dem Rascheln und Rieseln der Blätter, dem Knacken der Äste, dem Aufprall eines mürben Stammes; dem Brüllen der Affen, dem Zirpen und Summen der Insekten, dem Gleiten einer Schlange, dem Ruf der Vögel, dem sanften Schritt eines Jaguars und dem Todesschrei eines geschlagenen Tieres. Urlaute, eintönige Melodien, in der heißen Sonne ein Schlummerlied, bei anbrechender Nacht eine anschwellende Ouvertüre, dann wieder das Brausen eines tobenden Gewitters, rasender Stürme oder wochenlang das eintönige Tropfen des Regens. Doch immer war es die ureigene, ewige Symphonie des jungfräulichen Urwaldes.

Jetzt klingen fremde Töne von Baum zu Baum und erschüttern ihr Wesen in jäher Angst. Sie erzittern in dumpfem Weh und in machtloser Wut. Was sie wahrnehmen ist der Schlachtgesang ihrer Vernichtung.

Der Wald hält den Atem an und lauscht.

Jetzt geht ein Raunen von Stamm zu Stamm. War es die viele hundert Jahre alte ‚Peroba', die den Befehl gab?

Sogar die heimtückischen Schlingpflanzen wispern es ihren Ernährern zu und sinkende Blätter teilen es den Gräsern und Farnen mit: Wir wollen uns rächen! Sie sollen nicht ungestraft unsere Herrlichkeit vernichten. Und ein krummer verästelter Baum, der unter seinen Genossen wenig Achtung genießt, lacht hämisch und niederträchtig: „Ich werde den Racheakt ausführen."

Die Riesen nicken Beifall.

„Fällt mich nur," frohlockt der verkrüppelte Baum. „Ich sterbe eines leichten Todes. Denn ich räche den Wald."

Er wartet gespannt, bis die Axt ihn berührt und blickt wählend hinunter auf Vater, Mutter und Kinder. Kalt und abschätzend folgt er jeder Bewegung. Jetzt spürt er die Schlingen und Stricke, die ihn in die Tiefe ziehen sollen, in die vorgeschriebene Richtung.

Erwartungsvolle Spannung liegt in der Luft. Auch die Menschen sind von ihr ergriffen. Gleich wird er stürzen.

Noch einmal ächzt der Baum, spöttisch und grausam und dann sinkt er um.

Doch nicht dorthin, wo Mann und Söhne ihn ziehen, sondern eigenwillig in eine andere Richtung, und erschlägt mit seinem krummen Knie die Mutter. Sie sah ihn sich neigen, spürte seinen Luftdruck, wollte entweichen, doch im Schreck erstarrt, erhält sie den wuchtigen Schlag, der sie hinstreckt und sie der Sinne beraubt.

Der Wald hält den Atem an und lauscht.

Dann braust er jubelnd auf. Doch sein Lied wird übertönt von dem schrecklichen Schmerzensschrei, der wie aus einer einzigen Brust heraus, sich elf Kehlen entringt.

Vater und Söhne heben mit Aufwand aller Kräfte den Baumstamm von dem zuckenden Körper. Ihr Schweiß mischt sich mit dem Blut der sterbenden Mutter. Der weiche Humus saugt alles gierig auf.

Sie schlägt noch einmal die Augen auf und blickt in die grünen Kronen ihrer Feinde, die ihr noch im Sterben den geliebten Anblick des blauen Himmels rauben.

„Es waren immer meine Feinde," die blutleeren Lippen bewegen sich kaum. „Ich ahnte, sie würden mich töten."

Und lebhafter fährt sie fort: „Laßt den Kleinen den Wald anzünden. Ich habe es ihm versprochen."

Langes, banges Schweigen, indem der Todesengel sie zärtlich umarmt. „Halte mich fest, Mann, es wird dunkel. Ach, und es wird Ruhe."

Fontes:

SIRI, Hilda. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Serra-Post- Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 107- 110.

ZWANZIGER, (Hilda) Iris. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 31-34.

A vingança da floresta virgem

Um destino de imigrante – De uma crônica familiar

Trad. Maria António Hörster

É ainda manhã cedinho. Os primeiros raios de sol afagam as florestas penumbrosas que se estendem pelas encostas. Mas no vale, em que um regatinho alegre corre saltitando, reinam ainda as névoas e a fresquidão. Um caminho limpo, calcorreado, vai serpenteando pelas roças e, por sobre matos e cascalho, conduz monte acima. É por aí que uma família de colonos vai avançando a caminho da sua labuta diária. A subida torna-se cada vez mais perigosa à medida que se aproximam da floresta. Há que roçar um pedaço de floresta virgem, tornar arável nova terra para cultivo.

À frente vai o pai, de machado ao ombro, empunhando na direita um grande facão do mato. Seguem-no os filhos rapazes, o maior transportando uma serra, os menorzinhos carregados com facas de mato, serrotes e cestos com as provisões para o dia todo.

Vestindo calças ou saias grosseiras, camisas desbotadas, envergando nos pés cheios de poeira as chinelas com areia, é assim que a família de doze elementos vai peregrinando monte acima. A mãe, com o menorzinho pela mão, fecha o cortejo. Vão ficando cada vez mais para trás dos outros. Ninguém repara. Ela caminha mergulhada em pensamentos, de vez em quando um olhar orgulhoso desliza por aqueles meninos e meninas robustos, os seus filhos. O pequeno pendura-se-lhe, pesado, no braço e queixa- se das pedras e espinhos que lhe ferem os pés.

“Quase que é de mais para as minhas forças”, diz a mãe.

“Estou saturada desta eterna luta com a floresta virgem. Já não aguento mais. Já estou cansada. Um filho atrás do outro. E cada um deles precisa de terra. De começo, para o alimentar, depois... para lhe garantir trabalho, o ganho e o futuro. Não consigo vencer o medo desta selva inimiga.”

No entanto, ela tem a certeza de que, quando começar a derrubada das árvores e o arroteamento, terá as forças de um homem e não há-de fraquejar. Sabe também que a luta contra aquele monstro verde e malévolo a todos entusiasma, arrebatando-os a novas provas de força. Pois que o arroteamento é o que há de mais interessante e de mais aventureiro na dura labuta do colono. No mais profundo do seu íntimo também está firmemente convencida de que não há-de esmorecer até o menorzinho ficar amparado, ter o seu campo e ficar amparado. Já se enche de alegria na expectativa desse tempo, da sua velhice, e muitas vezes imagina como há-de ser bom estar sentada na varanda da sua casa, com todo o sossego, repousar as mãos no regaço e olhar para a terra, a terra

vencida, domada, fecunda. Mas essa meta ainda vem muito longe. Lá em cima paira ainda a ameaça da floresta, que ainda tem de ser vencida.

"Tenho medo de ti." Busca com o olhar a monotonia verde da planura, que parece estender-se até ao infinito. "Sempre receei que tu nos tragasses a todos antes de nos termos assenhoreado de ti."

"Põe o chapéu de palha na cabeça", diz para o pequeno, advertindo-o. "O Sol já queima a valer."

Ata o nó sob o queixinho delicado e o menino volta a anichar a sua pequena mãozinha na mão grande e calejada da mãe. Do coração brota-lhe a corrente calorosa de um sentimento fundo de felicidade e a boca articula, de novo confiante e serena:

"Nós dois havemos de dar conta dela, tu e eu, vencer esta floresta malvada."

"A floresta não é malvada", diz a criança, "é linda e há muita coisa para ver. Mas desta vez quero ser eu a ateá-la, para não ser sempre o Emil. Eu quero atear o fogo."

"Está bem, desta vez podes ser tu a atear a floresta."

Será que as velhas árvores, os grossos e tenazes cipós, os matagais emaranhados [alguma vez] ouviram um concerto assim? Das outras vezes escutavam o rumorejar das copas, o farfalhar e ciciar das folhas, o estalido dos ramos, o embate surdo de um tronco apodrecido; os guinchos dos macacos, o estridular e o zunido dos insetos, o deslizar de uma serpente, o chamamento dos pássaros, a passada macia de uma onça e o grito de morte de um animal derrotado. Sons primevos, monótonas melodias, sob o sol escaldante uma canção de ninar, ao cair da noite, uma Ouvertüre a avolumar-se, depois, de novo, o bramar de uma trovoada em fúria, de tempestades enraivecidas ou, semanas a fio, o gotejar monótono da chuva. Mas era sempre a eterna sinfonia própria da floresta virgem, ancestral.

Agora soam sons estranhos de árvore para árvore e abalam o seu ser num medo súbito. Tremem numa dor surda e numa raiva impotente. O que escutam é o cântico de guerra da sua destruição.

A floresta suspende a respiração e fica à escuta.

Agora corre um segredar de tronco a tronco. Terá sido a peroba, velha de muitos séculos, que deu a ordem?

Até mesmo os pérfidos cipós sussurram àqueles de que se alimentam e folhas em queda passam notícia às ervas e às samambaias: "Queremos vingança! Não há-de ser impunemente que destroem o nosso esplendor". E uma árvore esgalhada e retorcida, que goza de reduzida reputação entre as suas companheiras, tem um riso pérfido e escarninho: "Eu vou executar a vingança."

Os gigantes acenam a aplaudir.

"Ora deitem-me abaixo," exulta a árvore estropiada. "Morro de uma morte leve.
Pois que vingo a floresta."

Aguarda, expectante, até que o machado a toca e, fazendo a escolha, deita um olhar lá para baixo para o pai, para a mãe e para a criança. Com frieza, e a avaliar, segue todo e qualquer movimento.

Agora sente as cordas e os cabos que a hão-de arrastar lá para baixo, na direção prescrita. No ar paira uma tensão cheia de expectativa. Que também se apodera das pessoas. Em breve tombará. A árvore geme uma vez mais, cruel e sarcástica, e então cai ao chão. Mas não para onde homem e filhos a puxam, cai, teimosamente, numa outra direção, e com o seu joelho retorcido atinge mortalmente a mãe. Ela viu-a inclinar-se, sentiu a deslocação do ar, quis desviar-se, mas hirta de pânico, é atingida pelo golpe violento que a deita por terra e lhe rouba os sentidos. A floresta suspende a respiração e fica à escuta. Depois irrompe num bramido de júbilo. Mas o seu cântico é sobrepujado pelo terrível grito de dor que se desprende de onze gargantas como se dum só peito se tratasse. Pai e filhos usam todas as suas forças para soerguer o tronco do corpo em estertor. O seu suor mistura-se com o sangue da mãe agonizante. Cúpido, o húmus mole tudo absorve. Ela ainda entreabre os olhos e fita as copas verdes das suas inimigas que, mesmo no momento da morte, lhe roubam a imagem amada do céu azul.

"Sempre foram minhas inimigas," os lábios exangues mal se movem. "Eu pressentia que elas me haviam de matar."

E com maior vivacidade, prossegue: "Deixem que seja o pequeno a atear a floresta. Eu prometi-lhe."

Longo e angustiado silêncio, enquanto o anjo da morte a envolve carinhosamente nos braços. "Segura-me bem, marido, faz-se escuro. Ai, e faz-se a paz."

Fonte:

SIRI, Hilda. *Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik*. A vingança da floresta virgem. Um destino de imigrante extraído de uma crônica familiar. Trad. Maria António Hörster. In: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. ISBN: 978-85-64168-11-4. On- line.

Hilda Siri com 81 anos, mostrando o seu livro *Die alte Truhe*, em 1999.

E eu pergunto como remate: Não gostariam as alunas e os alunos de todas as escolas brasileiras de ler ou de escutar esta história e compará-la com a situação atual?

Referências

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. LIBEA – Literatura brasileira de expressão alemã. Disponível em <https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=1>. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA. Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. Disponível em <https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=20>. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. "A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica". In: Pandaemonium Germanicum 19 (28), out 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pg/a/79tqmzgWsPcq6p5XNwgYrRG/?lang=pt>. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. "Forçando as fronteiras artificiais do cânone: o caso da literatura brasileira de expressão alemã". In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60-80. ISBN 9788566256239. <https://www.amazon.com.br/Desafios-Cr%C3%ADticos-Literaturas-Estrangeiras-Pauta/dp/8566256239>. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. “Ontem e hoje. A parte alemã da literatura brasileira”. Webinar “Preservação da memória literária do Brasil de língua alemã”. Instituto de Estudos Avançados da USP, 26 out. 2020. Disponível em <https://www.google.com/search?q=Preserva%C3%A7%C3%A3o+da+mem%C3%B3ria+liter%C3%A1ria+do+Brasil+de+l%C3%ADngua+alem%C3%A3&rlz=1C1GCEA_enBR905BR905&oq=Preserva%C3%A7%C3%A3o+da+mem%C3%B3ria+liter%C3%A1ria+do+Brasil+de+l%C3%ADngua+alem%C3%A3&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigAdIBCTMxMTBqMGoxNagCCLACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:3280ffb4,vid:hRSy9sZzZXg,st:0>. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. “A parte alemã da literatura brasileira: ontem e hoje”. In: Félix, José Luís (org.). Contos de imigrantes alemães. Assis: Gradus, 2023, p. 23-43. ISBN: 9786588496947. https://www.graduseditora.com/contosdeimigrantesalemaes>. Acesso em 27 Maio 2024.

SIRI, Hilda. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Serra-Post- Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 107-110.

SIRI, Hilda. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. A vingança da floresta virgem. Um destino de imigrante extraído de uma crônica familiar. Trad. Maria António Hörster. In: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. ISBN: 978-85-64168-11-4.
Alemão disponível em <https://drive.google.com/file/d/1Y8gAJZ0Sinc5GGHZvC4fcaoCLxJZEZNl/view>.
Português disponível em <https://drive.google.com/file/d/1ulsEH13S1xwLBQaLR5OkH8zf0HCJ8loe/view>.
Acesso em 27 Maio 2024.

ZWANZIGER, (Hilda) Iris. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 31-34.

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS

A vitalidade de marcas linguísticas do alemão (Hunsrückisch) em relação à dominância do português em contato no Brasil e na Bacia do Prata

Cléo Vilson Altenhofen*
Amanda Timmen Mello**

Resumo: O presente estudo tem por foco a vitalidade linguística do Hunsrückisch (hunsriqueano) em contato com o português na área de difusão e uso dessa língua no Brasil, Argentina (Misiones) e Paraguai. Por meio de macroanálises pluridimensionais de dados do ALMA-H (Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch – v. www.ufrgs.br/projalma), em uma rede de 44 localidades de pesquisa, analisou-se a dominância do português nos diferentes grupos de entrevista do projeto, conforme a geração de falantes (GI = 18 a 36 anos; GII = acima de 50 anos) e sua escolaridade (Ca = com nível superior completo ou incompleto; Cb = até o nível secundário). A partir da mensuração do <grau de dominância do português no Hunsrückisch> em resposta à frase Cgraml_43 do questionário do ALMA-H, transpôs-se os resultados para o mapa, para verificar macrotendências em diferentes dimensões de análise. Observou-se, desse modo, que 1) na dimensão diageracional, em tempo aparente, ocorre um nítido aumento de marcas do português no Hunsrückisch da GI, denotando uma mudança em progresso na direção da substituição linguística; além disso, 2) na dimensão diastrática, a substituição pelo português dá mostras de aumento sobretudo na Ca, devido à maior escolaridade e consequente maior influência da escrita; 3) na dimensão diatópica, as tendências observadas refletem a ordem de ocupação (maior manutenção em áreas das chamadas colônias velhas do que em localidades das colônias novas), a matriz de origem regional dos imigrantes e a representatividade demográfica, que também é mais coesa e significativa nas áreas de ocupação inicial; por fim, 4) na dimensão diarreligiosa, não se observou a manutenção associada categoricamente à confissão luterana, como se afirma na literatura (Willems, 1940), e sim esse parâmetro se combina com os demais fatores mencionados. Soma-se a esses fatores o papel desempenhado pelo suporte tradicionalmente dado à língua alemã por meio da escola, igreja e imprensa, sobretudo na microárea das chamadas "colônias velhas" do Rio Grande do Sul, que explica processo de consolidação de uma vitalidade relativamente estável do Hunsrückisch, considerando os 200 anos de presença no Brasil.

Palavras-chave: Língua de imigração alemã; Hunsrückisch; contatos linguísticos; vitalidade linguística.

Zusammenfassung: Die vorliegende Untersuchung befasst sich mit der sprachlichen Vitalität des Hunsrückischen im Kontakt mit dem Portugiesischen in den Gebieten von dessen Diffusion und Gebrauch in Brasilien, Argentinien (Misiones) und Paraguay. Mittels pluridimensionaler Makroanalysen von Daten aus dem ALMA-H (Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch - v. www.ufrgs.br/projalma) wurde in einem Netz von 44 Forschungspunkten die Dominanz des Portugiesischen in den verschiedenen Interviewgruppen

* Professor Titular da área de Língua Alemã do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras, linha de pesquisa de Sociolinguística, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do macroprojeto ALMA (Atlas Linguísticos das Minorias Alemãs da Bacia do Prata), em parceria com Harald Thun (Univ. Kiel). cleo.altenhofen@ufrgs.br.
** Mestranda em Estudos da Linguagem (Sociolinguística) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS (PPGLET/UFRGS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pesquisadora do macroprojeto ALMA. amanda.timel@gmail.com.

des Projekts nach der Generation der Sprecher (GI = 18 bis 36 Jahre alt; GII = über 50 Jahre alt) und ihrem Bildungsniveau (Ca = vollständige oder unvollständige Hochschulbildung; Cb = bis zur Sekundarstufe) analysiert. Auf der Grundlage von Messungsverfahren zum <Grad der Dominanz des Portugiesischen im Hunsrückischen> als Antwort auf den Satz Cgraml_43 des ALMA-H-Fragebogens wurden die Ergebnisse auf die Karte übertragen, um Makrotendenzen in verschiedenen Dimensionen zu erkennen. So wurde festgestellt, dass sich 1. in der diageneratione llen Dimension (also durch Apparent-Time-Vergleiche) ein deutlicher Anstieg der portugiesischen Elemente im Hunsrückischen der GI verzeichnen lässt, was auf einen Wandel in progress hin zum allmählichen Verlust deutscher Merkmale hindeutet. Darüber hinaus ist 2. in der diastratischen Dimension eine zunehmende Präsenz portugiesischer Merkmale insbesondere in Ca zu beobachten, was auf eine höhere Schulbildung und den damit verbundenen größeren Einfluss der Schriftsprache zurückzuführen ist. 3. In der diatopischen Dimension spiegeln die beobachteten Tendenzen die Reihenfolge der Besiedlung (nämlich stärkere Beibehaltung in den Gebieten der so genannten alten Kolonien als in den Orten der neuen Kolonien) die regionale Herkunftsmatrix der Einwanderer und deren demografische Repräsentativität wider, die sich in den Gebieten der Erstbesiedlung ebenfalls kohärenter und bedeutsamer zeigt. 4. In der diareligiösen Dimension schließlich wurde der Erhalt des Deutschen nicht kategorisch mit den lutherischen Sprachgruppen in Verbindung gebracht, wie in der Literatur behauptet (Willems, 1940), sondern dieser Parameter erscheint mit anderen genannten Faktoren kombiniert. Hinzu kommt die Rolle der traditionellen Förderung der deutschen Sprache durch Schule, Kirche und Presse, vor allem im Gebiet der so genannten „alten Kolonien“ von Rio Grande do Sul, was den Prozess der Konsolidierung einer relativ stabilen Vitalität des Hunsrückischen in Anbetracht seiner 200-jährigen Präsenz in Brasilien erklärt.

Schlüsselwörter: Deutsche Einwanderungssprache; Hunsrückisch; Sprachkontakte; Sprachvitalität.

Introdução

O presente estudo tem por foco a vitalidade linguística do Hunsrückisch (pt. *hunsriqueano*) em contato com o português e demais línguas presentes em sua área de uso no Brasil e na Bacia do Prata. Trata-se, neste caso, de uma língua minoritária de imigração alemã, portanto de uma “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado da língua oficial” (Altenhofen, 2013, p. 94) e, portanto, mais vulneráveis à manutenção ou perda linguística.

Considerando que a substituição de uma língua se dá de maneira lenta e gradual, afetando antes partes do que seu todo, há a necessidade de distinguir entre vitalidade linguística interna e externa. Por *vitalidade linguística externa* entende-se, neste artigo, a força de manutenção ou suscetibilidade à perda da língua enquanto entidade social e instrumento de comunicação e expressão da identidade dos usuários dessa língua. Seguem essa perspectiva estudos do campo da sociologia da linguagem, em que se diagnostica a vitalidade da língua em termos de estimativas de falantes, contextos de uso e significados sociais que assume, sem necessariamente distinguir a forma em que uma língua se apresenta. A *vitalidade linguística interna*, por outro lado, relaciona-se à manutenção ou perda das marcas inerentes ao sistema da língua,

portanto de sua configuração interna, a qual tende a ser paulatinamente ocupada por elementos exógenos provenientes das línguas e variedades em contato. Tal pode ser visto em uma gradação de pelo menos três estágios do contato linguístico:

1°) a apropriação de empréstimos linguísticos, ao nível da palavra;

2°) a realização de *code switching* (alternância de código), portanto de coocorrência das línguas/variedades, ao nível da frase;

3°) a substituição da língua-teto, ao nível das funções formais, como os usos escritos;

4°) a substituição linguística propriamente dita (*language shift* – Fishman, 2006), a qual, contudo, nem sempre resulta em um estado de língua totalmente isento de marcas do contato linguístico. Estas podem subsistir, por exemplo, em um "português *de* contato" (i.e., resultante do contato com outra língua), que se distingue do "português *em* contato", tal como é falado por falantes nativos (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 297).

A descrição desses processos segue as perspectivas sociolinguística, na sua relação com a sociedade, e geolinguística, na sua relação com o espaço. O presente estudo alinha-se a essa última perspectiva, de descrição do <grau de dominância do português> em correlação com diferentes dimensões de análise da variação e mudança linguística (Thun, 1998; Radtke; Thun, 1999) no conjunto da área de pesquisa do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch – v. www.ufrgs.br/projalma). Entre as dimensões identificadas por Thun (1998), foram consideradas, para este estudo, além 1) da dimensão diatópica (rede de 44 pontos do ALMA-H e microrregiões do hunsriqueano), 2) a dimensão diatópico-cinética (da variação e mudança no processo migratório), 3) a dimensão diageracional, conforme a geração de falantes (GI = 18 a 36 anos; GII = acima de 50 anos), 4) a dimensão diastrática, que leva em consideração a escolaridade (Ca = com nível superior completo ou incompleto; Cb = até o nível secundário), bem como, por fim, 5) a dimensão diarreligiosa, que contrasta o comportamento linguístico de membros de comunidades católicas e luteranas.

Serviu de base à macroanálise nessas cinco dimensões o trabalho de conclusão de curso de Mello (2022), que mapeou e descreveu a presença do português no

hunsriqueano na frase da pergunta Cgraml_43 do ALMA-H,[1] levando em conta 128 entrevistas do projeto (v. Altenhofen; Thun, 2016). Seguindo o método da cartografia pluridimensional (Thun, 2010), fez-se o cruzamento das diferentes dimensões e correlacionou-se, com o auxílio de gráficos de frequência, os parâmetros que se mostram mais significativos. Através dessa cartografia, elaborou-se uma série de mapas que funcionam, pode-se dizer, como "lentes de raio X" da área, com as quais se pôde identificar macrotendências da variação e mudança linguística na rede de pontos e nos diferentes grupos sociais entrevistados (velhos/jovens; mais e menos escolarizados; católicos e luteranos). Para a variável analisada aqui, foi necessário, como se verá à frente, um procedimento de mensuração do <grau de dominância do português> em cada entrevista.

Visando uma sintetização das ideias, metodologia e análises feitas, divide-se o presente artigo em três partes essenciais. Inicialmente, dedica-se atenção à identificação de fatores definidores do Hunsrückisch como língua de imigração alemã, os quais podem exercer influência na variável em estudo. Em seguida, apresenta-se a metodologia de análise e mensuração do grau de dominância do português, a qual é aplicada na análise que se segue, em que se busca identificar as macrotendências de que se falou e que mostram a variação na vitalidade linguística interna do hunsriqueano.

Topodinâmica de ocupação do Hunsrückisch entre a matriz de origem e o novo meio

Os primeiros falantes da língua de imigração Hunsrückisch chegaram ao Brasil supostamente com as primeiras levas de imigrantes alemães, vindas a partir de 1824. Sua matriz de origem remete à região do Hunsrück e seu entorno na Renânia Central (Altenhofen, 1996). Situada entre os rios Reno e Mosela, essa região engloba as áreas dialetais do francônio-renano (ao sul, com centro no Palatinado) e do francônio-moselano (como o próprio nome já diz, mais ao norte, próximo ao Rio Mosela – v. idem, 1996).

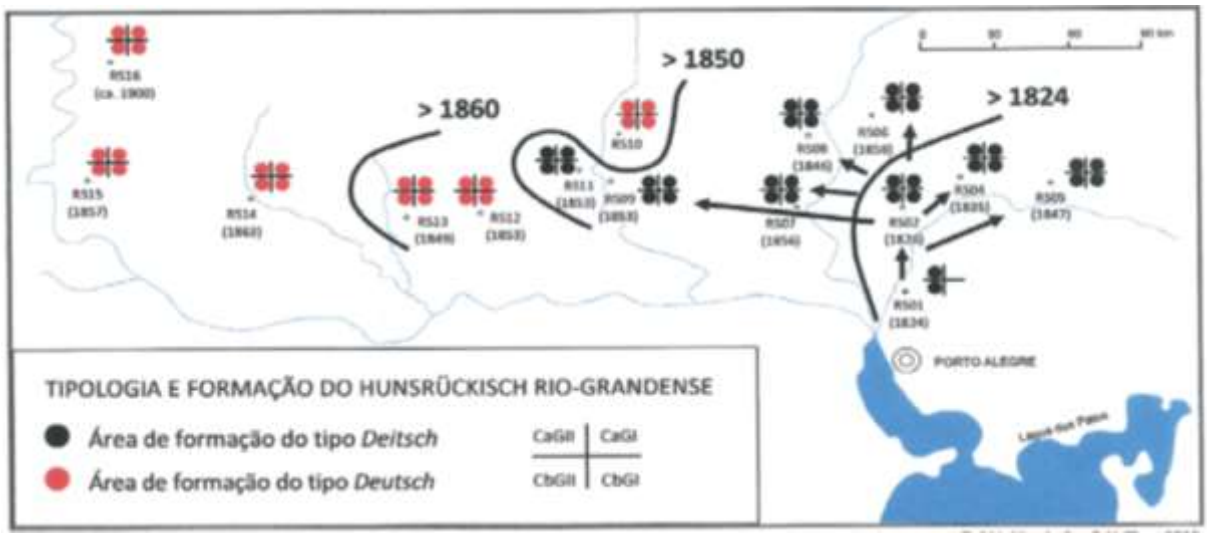
Entre 1824 e 1830, chegaram em torno de 5.000 imigrantes que se instalaram na antiga Colônia de São Leopoldo, no Vale dos Sinos (Hunsche, 1975). Esse novo meio

[1] A transcrição das entrevistas analisadas foi realizada em um grupo específico que teve a colaboração dos autores deste artigo e de duas queridas colegas de pesquisa (Cláudia F. Pavan e Júlia K. Fussieger). Queremos registrar nosso agradecimento e reconhecimento pela valiosa contribuição de cada um.

equivale ao que, hoje, se denomina de "colônias velhas" e que constitui o berço de formação do chamado "Hunsrückisch Rio-Grandense (Hrs.)" (Altenhofen, 2016), de onde se difundiu inicialmente para o seu entorno, principalmente no vale do Caí. A partir de 1850, portanto após a Revolução Farroupilha (1835-1845), quando se retomou o processo imigratório, excedentes dessas primeiras levas migraram rumo ao Vale do Taquari e às terras ao norte do rio Jacuí, juntando-se a novos imigrantes vindos da Europa.

Estudos realizados no âmbito do ALMA-H têm apontado para a diferenciação de duas microáreas linguísticas do Hrs. que refletem respectivamente o alemão vindo com os imigrantes iniciais, entre 1824 e 1830, e os imigrantes vindos após 1850, a partir do Vale do Taquari, que constitui o limite de transição entre essas duas arealidades (fig. 1): a primeira (área a leste) mostra um grau de dialetalidade maior, e é por isso chamada de área *Deitsch*; a segunda (situada mais a oeste) caracteriza-se por apresentar marcas linguísticas mais próximas do standard; é por isso identificada nos estudos do ALMA-H como microárea do tipo *Deutsch* (Altenhofen, 2016).

Figura 1 – Formação das áreas *Deitsch* e *Deutsch* nas colônias velhas do Hunsrückisch rio-grandense



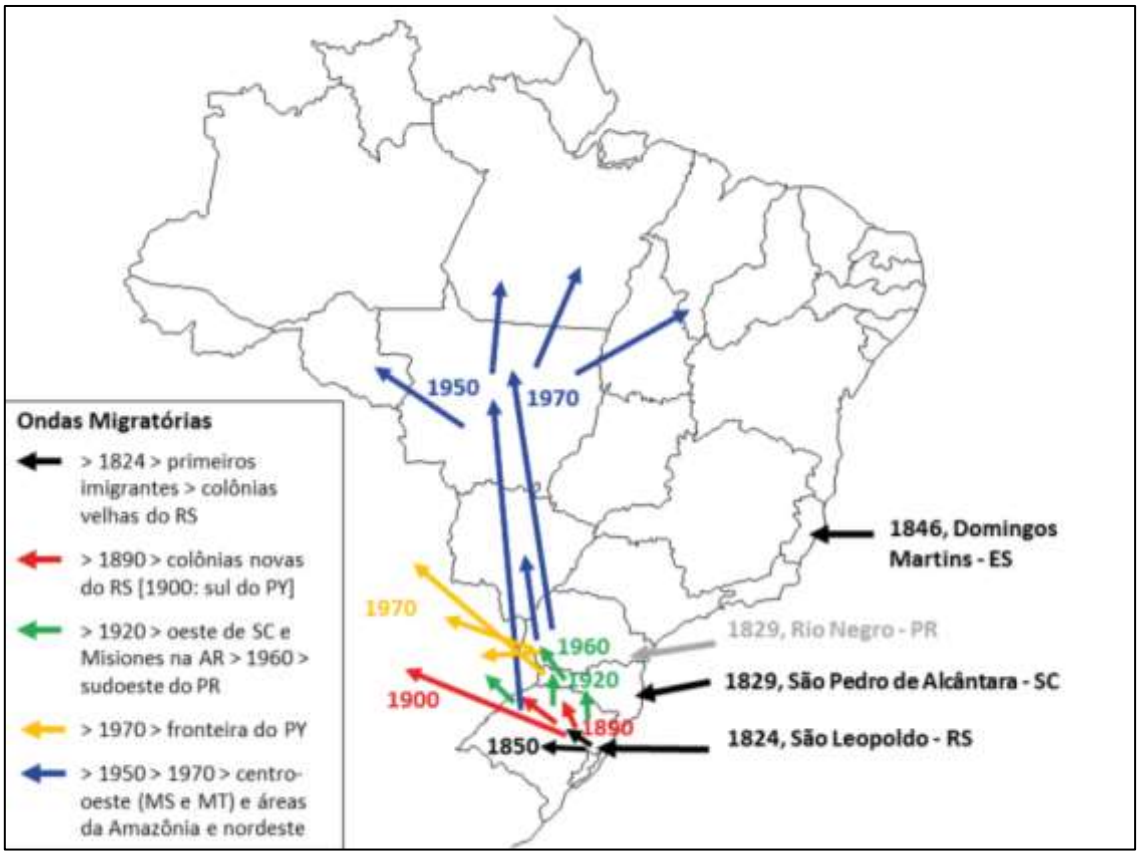
Fonte: Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 70).

Além da imigração pelo Rio Grande do Sul, via Porto Alegre e São Leopoldo (RS01,[2] 1824), onde se inicia a difusão do Hunsrückisch rio-grandense (Hrs.), houve mais três portas de entrada de imigrantes da base dialetal de matriz hunsriqueana no Brasil, a saber: São Pedro de Alcântara (SC01, 1829), como núcleo de formação do Hunsrückisch Leste-Catarinense (Hsc.); Rio Negro (PR01, 1829), cujos imigrantes iniciais, devido ao isolamento e à não vinda imediata de novos imigrantes (*Zuwanderer*), acabaram se "acaboclando" ou assimilando a variedades de imigrantes posteriores; e Domingos Martins (ES01, 1846), em cujo entorno se encontram ainda resquícios do que tipologicamente constitui o Hunsrückisch do Espírito Santo (Hes.).[3] Vale acrescentar que as migrações internas do Hrs. para as colônias novas do Rio Grande do Sul tiveram início em 1890, no começo da República, alcançando posteriormente o centro e oeste de Santa Catarina e Misiones, na Argentina, o sudoeste do Paraná e áreas do Paraguai, bem como áreas próximas à Amazônia, como o Mato Grosso (Altenhofen; Morello et al., 2018). O mapa da fig. 2 permite sintetizar as principais ondas migratórias dos teuto-riograndenses, especialmente de falantes do Hunsrückisch, nesse cenário de ocupação de novas terras.

[2] Por coerência e praticidade, usamos, aqui e na sequência, os códigos dos pontos de pesquisa do ALMA-H, com a sigla do estado ou país e o número de ordenamento equivalente à sua cronologia de fundação.

[3] Ou *Hunsrückisch Espírito-Santense*, para manter a simetria da abreviatura Hes. (Altenhofen, 2016). Apesar de ainda não claramente descrito, o que se sabe, com base em depoimentos coletados de falantes, é que essa variedade contém possivelmente marcas do Hessisch, sugerindo que a matriz de origem desses imigrantes deve ter se estendido do Palatinado ao entorno a leste do médio-alemão.

Figura 2 – Migrações de falantes de Hunsrückisch e sua difusão no Brasil e demais áreas da Bacia do Prata



Fonte: Cléo Altenhofen (Projeto ALMA-H / UFRGS), 2018.

Tamanha dispersão de falantes por uma área tão extensa acarretou, naturalmente, os mais diversos contatos linguísticos e trocas interculturais. Esses contatos não foram apenas interlinguais, isto é, de variedades do alemão por exemplo com o português, o espanhol ou o guarani, mas também foram de natureza intervarietal, como ocorreu de forma intensa desde o início da imigração. Além dos efeitos do contato moselano-renano na matriz de origem rio-grandense, contribuíram no processo de nivelamento linguístico do Hrs. pelo menos outras oito variedades de línguas de imigração alemã. Cite-se, por exemplo, o contato hunsriqueano, pomerano e boêmio em Nova Petrópolis (RS06), estudado por Habel (2022). Entretanto, é o contato com o Hochdeutsch local, que Altenhofen (2019, p. 534) considera uma "variedade onipresente", que desempenhou o papel mais determinante, como se observa em cartas manuscritas, quando, mesmo com domínio parcial, os escreventes utilizam essa norma como "ideal ao qual tentam se aproximar". Contatos interdialetais, ou intralinguais, como esses explicam a força de difusão do Hunsrückisch como variedade equivalente ao que se percebeu como mais próximo do standard, na oralidade, por essa razão

eleita para a função de *Mittelfeldsprache* (pt. "língua de intermediação") entre as diversas variedades de dialetos em contato e a norma padrão (Altenhofen, 2019, p. 533). Os relatos de falantes de outras variedades referindo-se ao Hunsrückisch como "Hochdeitsch" comprovam essa percepção.

Ressaltam-se ainda os contatos interlinguais do Hunsrückisch com línguas originárias indígenas e de origem afro-brasileira, bem como com o português e o espanhol. Inicialmente, as comunidades de falantes alóctones se desenvolveram no Brasil isoladas do português e das demais línguas presentes no país, constituindo-se a partir dos contatos interdialetais mencionados acima e se desenvolvendo como uma estrutura independente e autossuficiente (Spinassé, 2008). No entanto, as migrações internas, a necessidade de adaptação religiosa, as relações comerciais com falantes de fora, as políticas linguísticas de assimilação do português, assim como a difusão de membros dessas comunidades para centros urbanos maiores foram alguns dos fatores que contribuíram para o ingresso de línguas exógenas, em especial o português e o espanhol, no cotidiano dos imigrantes.

A influência românica no Hunsrückisch, que se propõe analisar aqui, pode ser percebida hoje na língua através de neologismos, empréstimos, alterações semânticas e sintáticas e *code switching*. Ao nível da variedade, pode-se dizer, o que foi substituído antes de tudo foi a função de língua-teto (*Dachsprachenwechsel* – Altenhofen, 2016), como norma escrita para as funções formais. Vale lembrar que a substituição linguística completa dá-se, conforme já se expôs, de forma lenta e gradual (Altenhofen; Morello et al., 2018). A identificação das marcas de influência e presença do português no Hunsrückisch reconstrói, nesse sentido, o percurso histórico dos contatos crescentes da língua de imigração com o português e seu impacto no desenvolvimento do hunsriqueano.

Línguas em contato: vitalidade, substituição da língua-teto e *language schift*

Os contatos linguísticos desempenham papel central na variação e "surgem como resultado natural de um movimento de imigração ou de migrações internas, que, via de regra, implica uma transposição de um contexto sociocultural e político a outro e, consequentemente, uma mudança de *status* social e político" (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 290). Em geral, pode-se postular que todo uso linguístico implica um contato entre variedades, ou melhor, entre repertórios linguísticos distintos. Mas, se, na relação face à face, portanto de ordem microlinguística, se costuma empregar o termo *interação*,

é sensato que reservemos o termo *contato* para as trocas ao nível macrolinguístico, portanto entre comunidades e sistemas linguísticos coletivos.

Em relação ao Hunsrückisch, sabe-se que seu uso se manteve especialmente na interação familiar. No plano mais amplo, das comunidades de fala e mesmo em celebrações tradicionais, o espanhol e, principalmente, o português surgiram como necessidade social de adaptação e busca por pertencimento ao novo meio. Pode-se dizer, a partir disso, que se instaura no contato linguístico uma espécie de "queda de braço" que traduz a ambiguidade entre, de um lado, manter a língua minoritária e, de outro, apropriar-se/adotar os padrões de fala da língua definida como oficial. Essa ambiguidade fragiliza ou compromete, naturalmente, a "vitalidade linguística" da língua minoritária e a coloca no dilema entre assumir um comportamento duplo, representado pelo plurilinguismo e suas diferentes formas de manifestação (como, por exemplo, a alternância de código), ou de ser substituída definitivamente pela língua dominante e oficial (*language shift*).

No caso do Hunsrückisch, a substituição da língua-teto, conforme já aludimos, configurou o primeiro estágio desse processo, colocando no lugar da norma escrita do alemão o português como variedade de referência em situações formais. Pode-se citar como exemplo dessa substituição a comparação das habilidades de leitura em alemão de falantes mais velhos e mais jovens. Em contrapartida, a substituição linguística, ocorrendo de forma lenta e gradual, atinge antes partes do que o todo. E são as partes dessa substituição que apontam o que designamos como "vitalidade linguística interna". Para identificar as macrotendências de manutenção ou perda de marcas do Hunsrückisch nos dados analisados, nos colocamos, por isso, diante da tarefa de ter que mensurar o grau de dominância do português.

Base de dados e método de mensuração do grau de dominância do português no Hunsrückisch

A pergunta Cgraml_43, cujas respostas fundamentaram a análise feita para este estudo, equivale à seguinte frase: "*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*" (pt. "Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido."). Sua aplicação, nas entrevistas do ALMA-H, usou como método a tradução da frase do alemão *standard* para o Hunsrückisch. Nos casos em que havia dificuldade de compreensão, o entrevistador podia recorrer, quando necessário, ao equivalente em português. As respostas dos informantes foram gravadas em áudio e posteriormente etiquetadas e recortadas em arquivos no formato .wav, os

quais foram lincados no arquivo Excel, onde foi feita a transcrição e cartografia, facilitando ao mesmo tempo a oitiva dos áudios, para controle e revisão.

É preciso ressaltar que a pergunta/frase, assim como todo o questionário do ALMA-H, foi aplicada em cada entrevista, tendo em mente os seguintes princípios e critérios de ordenamento:

1°) pluridimensionalidade da análise: para cada um dos 44 pontos de pesquisa, foram previstas quatro entrevistas com representantes dos quatro perfis sociais a seguir, equivalentes às dimensões diageracional e diastrática. Os parâmetros definidores de cada grupo de informantes seguiram o critério de oposição binária, para captar contrastes e diferenças que realmente possam ser atribuídas a esse fator (geração ou escolaridade). A disposição em cruz (quadro 1) orienta-se pelo eixo do tempo (mais velhos para os mais jovens, da esquerda para a direita) assim como pelo eixo da escolaridade e consequente estrato social (com menor ou maior escolaridade, no sentido de baixo para cima).

Quadro 1 – Grupos de informantes nas localidades de pesquisa do projeto ALMA-H

CaGII [homens e mulheres com mais de 50 anos] [+ escolaridade: nível superior]	**CaGI** [homens e mulheres de 18 a 36 anos] [+ escolaridade: nível superior]
CbGII [homens e mulheres com mais de 50 anos] [– escolaridade: nível básico]	**CbGI** [homens e mulheres de 18 a 36 anos] [– escolaridade: nível básico]

Fonte: Adaptado do site do projeto ALMA-H (2017).

2°) pluralidade simultânea de informantes: em cada grupo de entrevista buscou-se reunir pelo menos dois informantes, sendo um masculino e outro feminino. Essa mescla teve por motivação proporcionar uma futura análise da possível variação diagenérica – algo ainda não considerado, já que levar em conta mais essa dimensão duplicaria o número de entrevistas, o que sobrecarregaria o modelo. Na pluralidade de informantes, vale destacar, os informantes "se complementam e se corrigem entre si, de modo que o inquiridor pode registrar, além das divergências, também o consenso" (Radkte; Thun, 1999, p. 43). Com isso, garante-se uma segurança maior das respostas, aumentando a representatividade dos dados, visto que a

convergência ou divergência das respostas oferece uma fotografia (ou, como quer Thun, 2010, um filme) mais fiel do padrão de fala de cada grupo entrevistado.

3°) entrevistas na língua-alvo da pesquisa: sendo realizada em Hunsrückisch, a entrevista propiciou uma espontaneidade maior na fala dos informantes, além de levar a uma conversa de fato livre e aberta sobre os tópicos abordados, sem excluir eventuais divergências no uso de determinadas variantes. Isso não impedia de os próprios entrevistadores se adequarem à situação comunicativa, quando por exemplo algum informante recorria ao português, visto que se buscou não apenas fomentar a espontaneidade, mas a naturalidade da interação plurilíngue, inevitável em um contexto de contato linguístico como o do Hunsrückisch.

4°) uso da técnica em três tempos (Thun, [2005] 2017): ao perguntar + insistir + sugerir, fomentou-se o uso do Hunsrückisch e a espontaneidade da interação, pois o entrevistador se colocava como um aprendiz, e os informantes se viam não como pessoas testadas sobre seus conhecimentos, e sim como colaboradores da pesquisa, visto que passava por eles o "veridito" sobre o que ainda é usado (uso ativo), conhecido (conhecimento passivo, ainda lembrado, porém em relativo desuso) ou já desconhecido.

Para exemplificar o resultado da aplicação desses princípios e critérios, veja-se a seguir uma amostra de entrevista com uso da pergunta analisada:

> **<Pergunta, I> do entrevistador:** Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken.
> ***Informante mulher f1***: Mia backe selbst das Brot ((risos)).
> ***Inf. f2***: Mea backe selwer 'n de' Brot ((risos)).
> **<Insistência> do entrevistador**: Ia, awer hier *wird* das Brot...
> ***Inf. f1***: Hier wedd!
> ***Inf. homem m1***: Hier werdd das Brot selbst gebackt.
> ***Inf. f1/2:*** Hier wedd das Brot selwer (:) selwer gebackt.
> ***Inf. f2***: Selbst gebackt.
> **<Sugerência> do entrevistador**: *selbst* oder *selwer*?
> ***Inf. f1***: selwer, selbert gebackt.
> **<Pergunta, II>**: Es wird schließlich gar nicht alles gegessen.
> ***Inf. f1***: (::) das wedd net alles ge-...
> ***Inf. f2***: net alles gess.
> ***Inf. f1***: net alles gess.
> **<Insistência>**: no fim, nem vai ser tudo comido.
> ***Inf. f2***: Das wedd... noch net alles gess.
> ***Inf. f1***: Wedd net alles gess.
> **<Insistência>:** Tá, dea seht *alles wedd*; gibt's're, wo annerste soohn? ***(sem resposta)***
> **<Sugerência>**: Anstatt *wedd gebackt* oder *wedd gess*, *gibt gebackt*?
> ***Inf. f1***: *gibt gess* tem gente que fala.
> ***Inf. f2***: Tem gente que fala...
> **<Insistência>**: Es wedd alles...
> ***Inf. f2***: Alles gess.

> **<Insistência>**: *Gibt* gebackt schon mo geheert?
> ***Inf. f1/2:*** lo!? *gibt geback* wedd ooch schon...
> ***Inf. f2***: Se usa, ia.
> (Entrevista do ALMA-H, RS06 – Nova Petrópolis, grupo CaGII, perg. Cgraml_43).

O excerto acima deixa margem para uma série de observações sobre a espontaneidade da entrevista e o repertório linguístico que é mobilizado. Vale destacar como, na primeira tradução, f1 e f2 se atêm ao conteúdo da frase de tal maneira que chegam a rir da frase. Suas variantes parcialmente distintas (*mia* / *mea* 'nós'; *selbst* / *selwer* 'próprios'; além do gên. de *Brot* 'pão') comprovam que não se sentem influenciadas uma pela outra. Tanto se atêm à informação referencial expressa pela frase que usam o verbo *backen* 'assar' no presente. Na insistência, o entrevistador busca completar a informação em voz passiva, prevista na frase em alemão standard, dada como estímulo. Não fosse essa insistência, não se teria a informação sobre a pronúncia do auxiliar *wird*, pronunciado como *wedd*. Um informante m1 chega a usar uma variante mista – *werd* – que carece de interpretação, pois é incomum e tende mais a uma hipercorreção com *wird*, dada a manutenção de /r/ diante da oclusiva dental. Isso denota certa perda da percepção do que seja mais próximo do que a frase em alemão standard sugere. A pluralidade de informantes, entretanto, assegura, pelas repetições e consenso do grupo de informantes, que a variante usual dominante de CaGII de RS06 para uso do auxiliar da voz passiva é, de fato, *wedd*. Graças, porém, à sugerência de *gibt*, tem-se a informação de que também é de conhecimento (passivo) do grupo e, se não foi mencionada espontaneamente, significa que se encontra em vias de cair em desuso e ser substituída por *wedd*. Em suma, a eficácia da técnica em três tempos se justifica, acima de tudo, por permitir ao entrevistador captar o espectro variacional inteiro do informante que, de outra forma, ficaria com lacunas, não apenas sobre o uso ativo ou passivo de variantes em questão, como também confirmando o seu desconhecimento ou não-uso.

Tendo por base esse tipo de amostra de dados, em que se têm não apenas as respostas efetivas, mas também uma quantidade significativa de conversa espontânea, na qual essas respostas aparecem inseridas, propomos o conceito de "dominância" – que Weinreich (1974 [1953]) já usou em uma perspectiva bilíngue – para designar em que medida a língua em contato domina o repertório linguístico do informante. Sua implementação na análise de dados de fala plurilíngue depende de um método seguro e controlável para mensurar o grau de dominância do português nos dados utilizados. Nesse sentido, foi elaborada uma forma de medição baseada no método descrito por

Herrgen e Schmidt (1989) na análise de dados do *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA).

Herrgen e Schmidt (1989) propõem um método de mensuração da dialetalidade de uma variante (al. *Dialektätsmessung*) baseado no somatório de pontos atribuídos a cada variante, e que resulta em determinado *Dialektalitätswert* (*D-Wert*) (pt. "valor de dialetalidade") para o segmento analisado. O sistema de pontuação elaborado para a análise dos dados deste estudo seguiu a mesma linha de raciocínio, apesar de sofrer uma adaptação e simplificação. Para chegar a valores "mapeáveis" do grau de dominância do português no Hunsrückisch de cada entrevista analisada, foram fixados quatro critérios, aos quais se atribuiu as seguintes pontuações:

a) Necessidade de repetição da pergunta pelo entrevistador, como indicador em potencial de "incompreensão relativa" de determinada palavra da frase: <F/rep> = 0,5 ponto;
b) Necessidade de tradução da pergunta para o português pelo entrevistador, pelo mesmo motivo: <F/pt> = de 0,5 a 1,0 ponto (ocorrência e recorrência);
c) Hesitações e pausas nas respostas dos informantes: <HP> = 0,5 ponto;
d) Ocorrência de *code-switching* na fala dos informantes: <CS> = de 0,5 a 2,0 pontos (conforme a frequência de alternâncias).

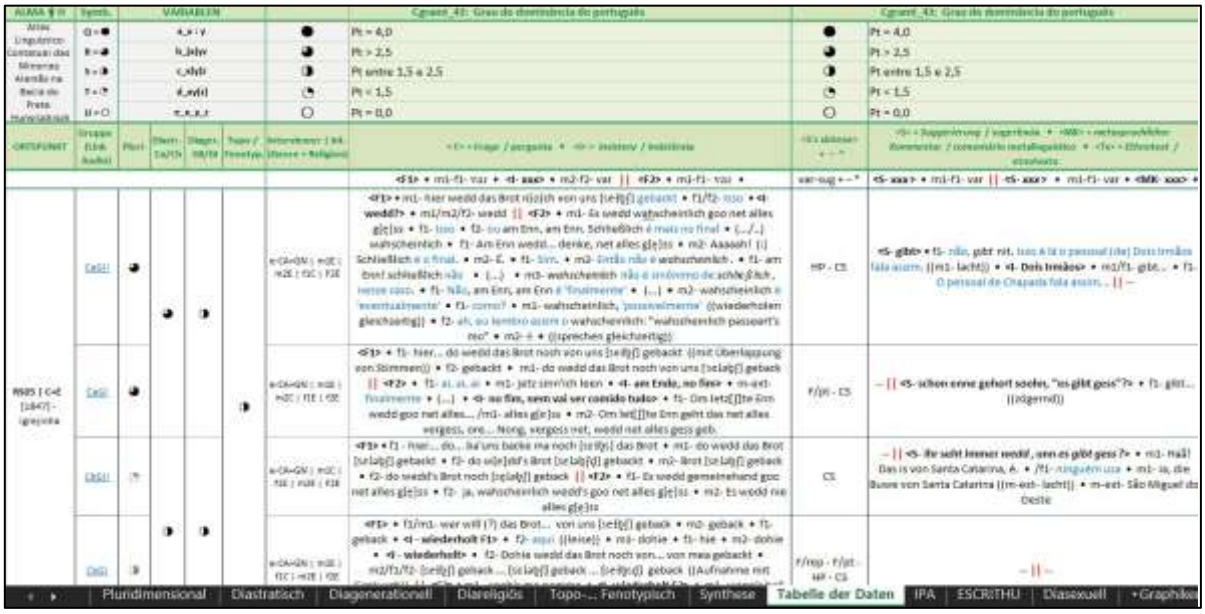
Os critérios estabelecidos partem do pressuposto de que a perda aparente de competência em alemão[4] ou, vice-versa, a presença mais forte do português na fala dos informantes, sinaliza um maior grau de dominância do português e, consequentemente, uma perda relativa da vitalidade linguística do Hunsrückisch. Essa perda de vitalidade linguística associada a um maior grau de dominância do português pode, assim, ser um indício de substituição linguística em curso.

Feita a mensuração do <grau de dominância do português no Hunsrückisch>, procedeu-se à macroanálise pluridimensional desses valores em cada entrevista da rede de pontos do ALMA-H. Inicialmente, atribuiu-se uma escala de símbolos para cada valor medido. Em seguida, conforme o sistema de cartografia do ALMA-H, esses valores/variantes foram mapeados e correlacionados em diferentes tipos de mapas, iniciando pelo mapa pluridimensional, que dá uma visão geral dos quatro grupos (CaGII, CbGII, CaGI, CbGI) na rede de pontos do atlas; o mapa diageracional, que

[4] Entenda-se "alemão" aqui como as variedades do Hunsrückisch contempladas pelo banco de dados do ALMA-H e faladas pelos informantes em cada ponto de inquérito.

dá a projeção de uma possível mudança em curso (de GII para GI); o mapa diastrático, que correlaciona a variável entre os dois níveis de escolaridade (Ca e Cb); o mapa diarreligioso, que contrasta os resultados de falantes católicos e luteranos; ao lado de outras possibilidades, como o mapa topotípico, que tipologiza o ponto conforme a tendência que o caracteriza, ou diferentes sínteses de análise quantitativa nas diferentes microáreas de ocupação e difusão do Hunsrückisch.

Figura 3 – Recorte da Tabela de Dados na cartografia dos dados do ALMA-H analisados



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

A fig. 3 acima mostra um recorte da Tabela de Dados. Esta funciona como uma "sala de comando" de onde se definem, a partir das transcrições feitas, os símbolos que irão aparecer nos diferentes mapas e que resultam, ao mesmo tempo, nos gráficos de frequência de cada mapa.

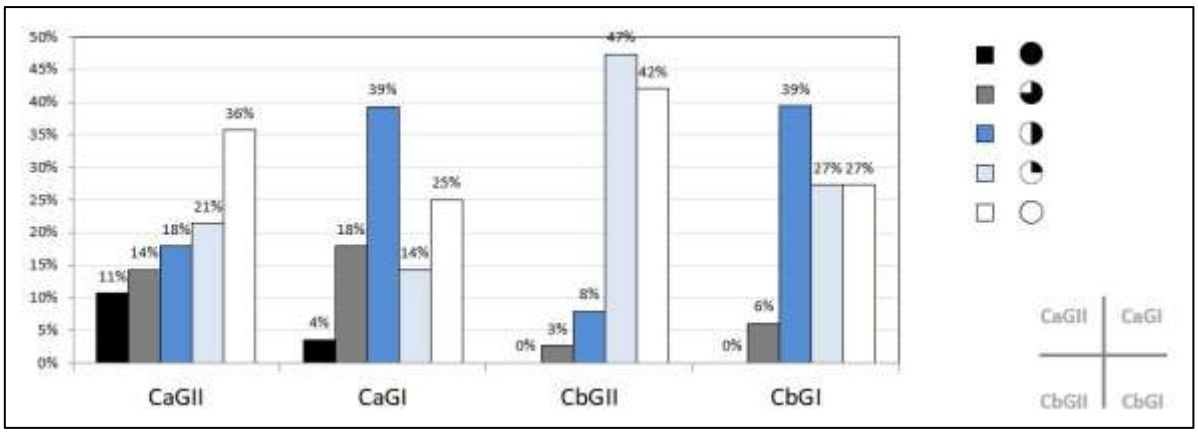
A planilha apresenta, da esquerda para a direita, a seguinte estrutura: 1) ponto de pesquisa (acompanhado da informação sobre a confissão religiosa dos entrevistados, o ano de chegada dos imigrantes e o local da entrevista – ex.: RS02 | C+E [1826] – Ivoti & Dois Irmãos); 2) código do grupo entrevistado lincado com o respectivo áudio da entrevista; 3) colunas de atribuição dos símbolos, conforme a legenda acima (na ordem, as colunas para os mapas pluridimensional, diastrático, diageracional e topotípico ou fenotípico); 4) informações sobre os entrevistadores e entrevistados de cada entrevista (gênero, ordem de fala e confissão religiosa – p. ex.: "m2C" equivale a "segundo informante homem, católico"); por fim, 5) as colunas de transcrição dos dados,

seguindo a técnica de entrevista em três tempos: respostas espontâneas à pergunta inicial; respostas após insistência do entrevistador; e, concluindo, sugerências (aceitas ou não).

Macroanálise pluridimensional: em busca de "pistas" gerais

A análise pluridimensional, com os dados apresentados em cruz, para sobrepor as dimensões diageracional e diastrática sobre a base diatópica da rede de 44 pontos de pesquisa, constitui a primeira "glotografia" para identificar tendências na variação linguística do Hunsrückisch. Como os demais mapas, segue o formato ponto-símbolo, sendo que a escala de símbolos do ALMA-H é representada por uma gradação de preenchimento do círculo, na qual maior preenchimento marca a presença de maior grau de dominância do português no Hunsrückisch, conforme a pontuação que se definiu para mensurar essa variável. O gráfico de frequência serve, nesse sentido, para auxiliar na leitura da distribuição desses graus no eixo horizontal da rede de pontos do mapa. Dois comportamentos chamam a atenção em uma primeira observação do gráfico de frequência apresentado abaixo (graf. 1), um de ordem diageracional e um de ordem diastrática.

Gráfico 1 - Gráfico de frequência do mapa pluridimensional



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

A primeira observação é que os graus máximos de dominância do português (com valor = 4,0) ocorrem, como foi esperado, nos grupos mais escolarizados, respectivamente 11% e 4% em CaGII e CaGI, e é inexistente nos grupos Cb. Nesses, predominam os valores menores, barras para os valores < 1,5 e = 0,0) com percentuais de 27% entre os jovens CbGI e acima de 42% e 47% entre os mais velhos. Um olhar sobre a dimensão diageracional mostra, além disso, a forte ocorrência de graus

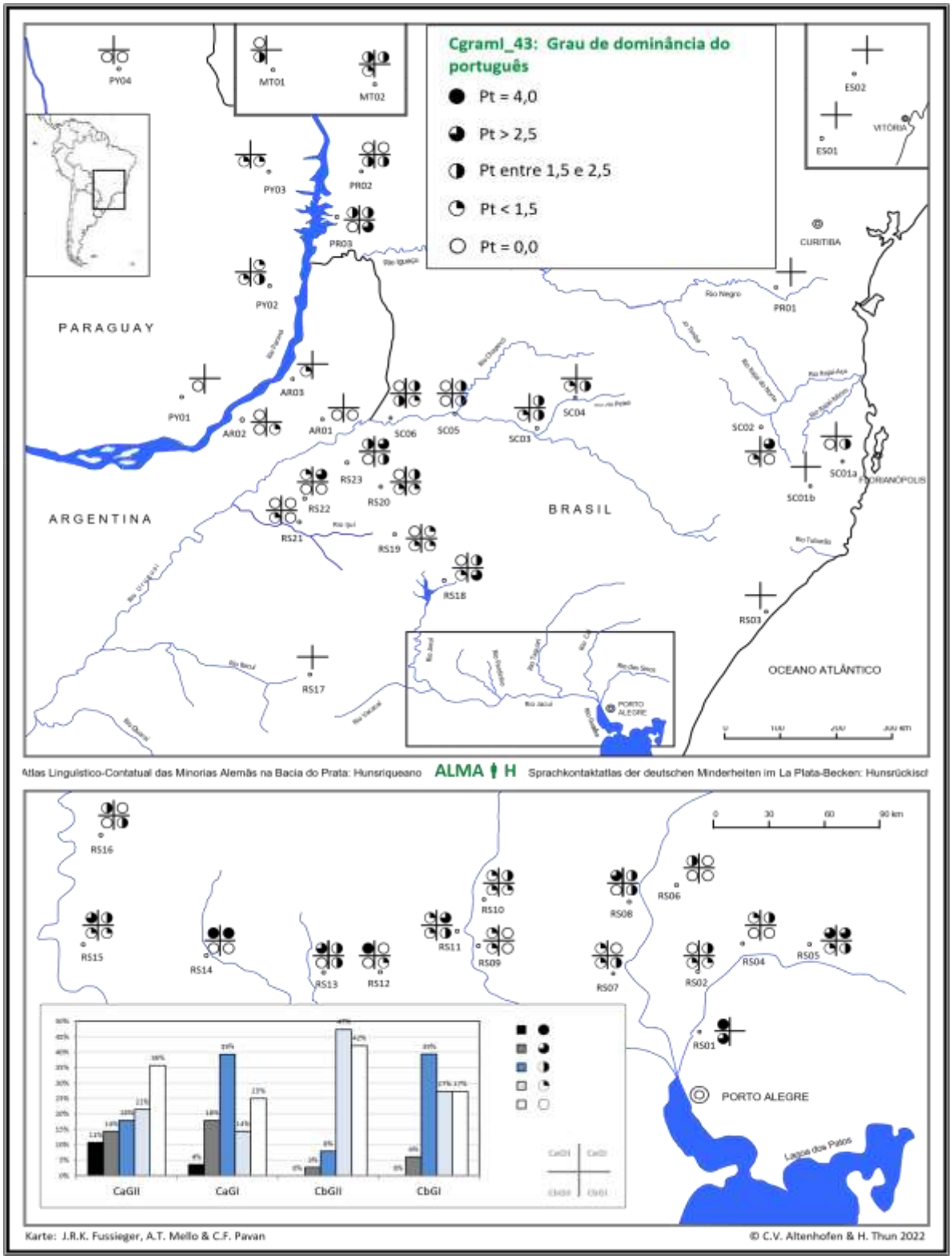
intermediários de dominância do português nos grupos GI (39% em CaGI e CbGI, colunas azul-escuras), enquanto graus mais baixos de dominância se sobressaem nos grupos GII (21% e 36% em CaGII e 47% e 42% em CbGII, colunas azul-clara e brancas). Essas frequências sugerem uma maior oscilação na fala dos jovens entre o português e o alemão, ainda que ela apareça de certa forma equilibrada. Por outro lado, a geração mais velha aparenta ter uma estabilidade maior do alemão.

A análise distributiva, no plano diatópico (v. mapa 1, próx. pág.), mostra, em contrapartida, uma vitalidade maior do alemão, na área *Deitsch*, que engloba as colônias de ocupação mais antiga. Isso pode soar paradoxal, tendo em vista o tempo transcorrido desde a instalação dos imigrantes nesse novo meio. Parece, contudo, que as condições sociais e históricas, na época da chegada dos primeiros imigrantes, assim como a relativa homogeneidade étnico-demográfica e o suporte institucional que a língua alemã recebeu aí, por meio da educação, da religião e da imprensa, favoreceram a vitalidade linguística externa do alemão e, consequentemente, a manutenção de marcas linguísticas [+ dialetais] no Hunsrückisch falado nessa área. Isso, por sua vez, pode ter favorecido uma atitude mais conservadora em relação à língua. RS01 e RS05,[5] no entanto, surgem como uma exceção. A concentração de índices elevados de dominância do português nesses pontos tem a ver com a sua formação e heterogeneidade demográfica, como pontos mais urbanizados e mais próximos de áreas de ocupação lusa. Com a migração para as colônias novas (pontos a partir de RS17),[6] transfere-se um estado de língua construído entre 1824 e 1890, nas microáreas *Deitsch* e *Deutsch*, porém se perde boa parte do suporte institucional que as comunidades de língua alemã tinham à disposição nessas áreas iniciais. O mapa mostra, de maneira geral, um acréscimo de dominância do português entre jovens (símbolos à direita da cruz), na área das colônias novas do Hrs.

[5] RS01 – São Leopoldo e Novo Hamburgo, a partir de 1824; e o ponto RS05 – Igrejinha, fundado em 1847.

[6] No ponto RS17 – São Pedro do Sul (início em torno de 1865), de localização muito exposta à influência lusa, não encontramos mais falantes de Hunsrückisch. Contrariamente, seu correlato situado na rota mais a norte, RS18 – Selbach (início em 1906), funcionou como uma espécie de entreposto no caminho para as colônias que se seguiram até a região das Missões. Isso mostra que o fluxo migratório – da vinda de novos migrantes (*Zuwanderer*) – favoreceu também aqui a manutenção da vitalidade linguística do alemão, razão por que ainda encontramos falantes para os quatro grupos de entrevista.

Mapa 1 – Mapa pluridimensional para a variável <grau de dominância do português no Hunsrückisch>



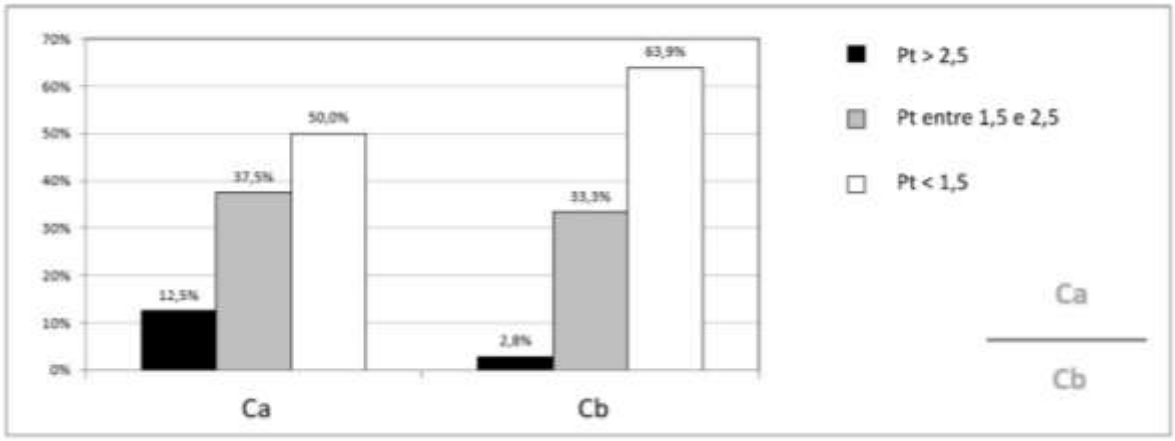
Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Como se vê, a sobrecarga de informação contida no mapa pluridimensional dificulta sua leitura e interpretação. Mesmo assim, oferece uma primeira incursão para analisar hipóteses e identificar tendências possíveis no comportamento dos quatro grupos sociais nos diferentes pontos e arealidades. Vejamos, na sequência, o que mostra a análise de cada dimensão em particular.

Dimensão diastrática: o papel da escolaridade

Analisando o gráfico da dimensão diastrática (Gráfico 2), fica ainda mais evidente a tendência já observada acima de um grau maior de dominância do português no Hunsrückisch da Ca do que ocorre na Cb que, pelo contrário, sustenta uma vitalidade maior do alemão.

Gráfico 2 – Gráfico de frequência do mapa diastrático

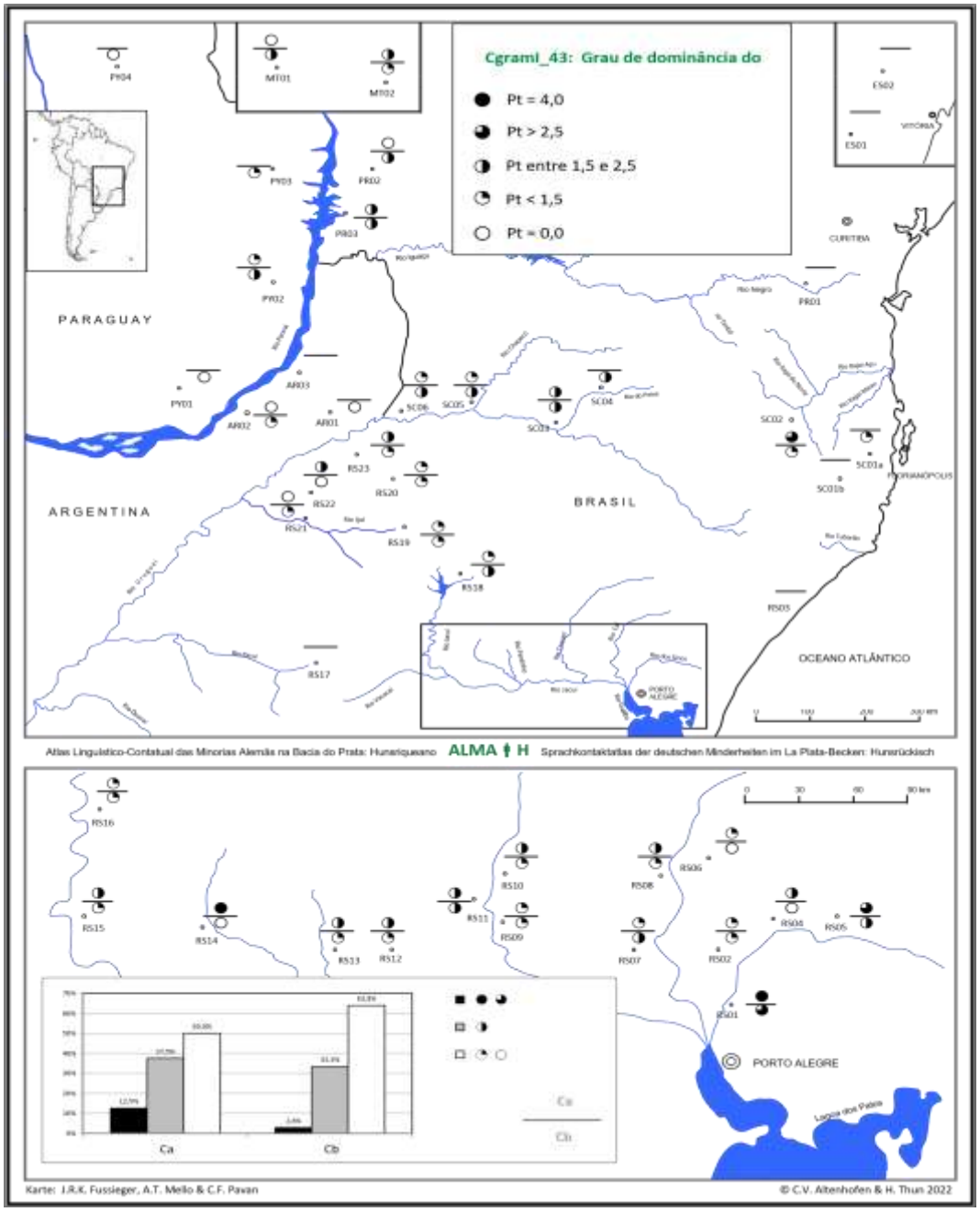


Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

A maior presença do português no Hunsrückisch de falantes da Ca (com 12,5% de Pt > 2,5) tem relação, sem dúvida, com a escolaridade e consequente maior influência da escrituralidade. Esse índice contrasta com os resultados de dominância baixa do português (< 1,5) no grupo Cb, equivalente a 63,9%. Isso se deve, certamente, a um uso do Hunsrückisch mais restrito às relações sociais do dia a dia, sobretudo no domínio da família. Mas, mesmo o índice de 50% entre os falantes Ca já pode ser considerado alto, mostrando em termos gerais uma relativa estabilidade do Hunsrückisch em relação a sua vitalidade linguística, independente da escolaridade. Contudo, as colunas de cor cinza, referentes à frequência do grau intermediário de dominância, podem sinalizar para uma normalização da coocorrência de elementos do português no sistema do Hunsrückisch e, assim, representar um sinal de mudança em progresso, como aliás se verá na dimensão diageracional.

Por outro lado, a análise distributiva dos valores de dominância do português no mapa 2 (próx. pág.) atesta que, na comparação entre as diferentes microáreas, não se observam tendências claras na diatopia. Na dimensão diastrática, porém, o que pesa para a variável em estudo parece estar, em geral, ligado ao nível de escolaridade dos falantes, independente da microárea do Hunsrückisch em que se encontram.

Mapa 2 – Mapa diastrático para a variável <grau de dominância do português Hunsrückisch>



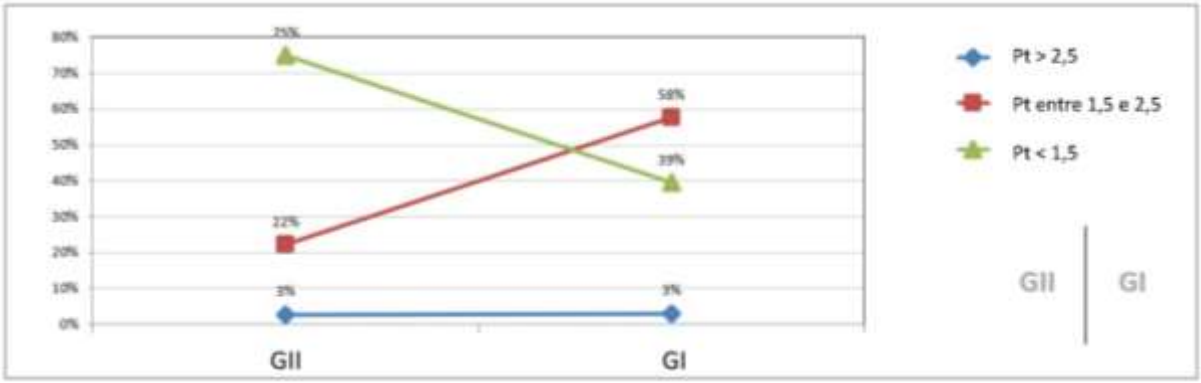
Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de pt (2022).

Dimensão diageracional: análise em tempo aparente da vitalidade linguística

Detendo-nos na análise da variação diageracional, confirmamos novamente o que foi observado no gráfico de frequência do mapa pluridimensional, porém de forma mais clarividente. Conforme abordado, o português ampliou progressivamente seu domínio nas comunidades de imigrantes ao longo dos anos, de forma que a geração mais jovem já bem cedo, desde a infância, está exposta ao seu uso, diferente do que ocorreu com boa parte dos falantes da geração mais velha. Nesta, com relativa frequência, há informantes que afirmam ter ingressado na escola sem saber português, falando em casa, com a família, apenas o alemão. Além disso, o grupo GI tem hoje um maior acesso ao português, impulsionado pela urbanização e pela mídia, através do mundo digital, o que se distingue da experiência vivida pela GII, quando era jovem.

Essa maior presença do português nas comunidades de falantes de Hunsrückisch evidencia uma mudança em curso, de substituição gradativa do Hunsrückisch pelo português, na comparação em tempo aparente dos índices da GII para a GI. O Gráfico 3 comprova essa tendência. A dominância do português pula de 22% na GII para 58% na GI, e a vitalidade linguística do Hunsrückisch, contrariamente, cai de 75% na GII para 39% na GI, apesar da estabilidade nos valores de pico acima de 2,5.

Gráfico 3 – Gráfico de frequência do mapa diageracional

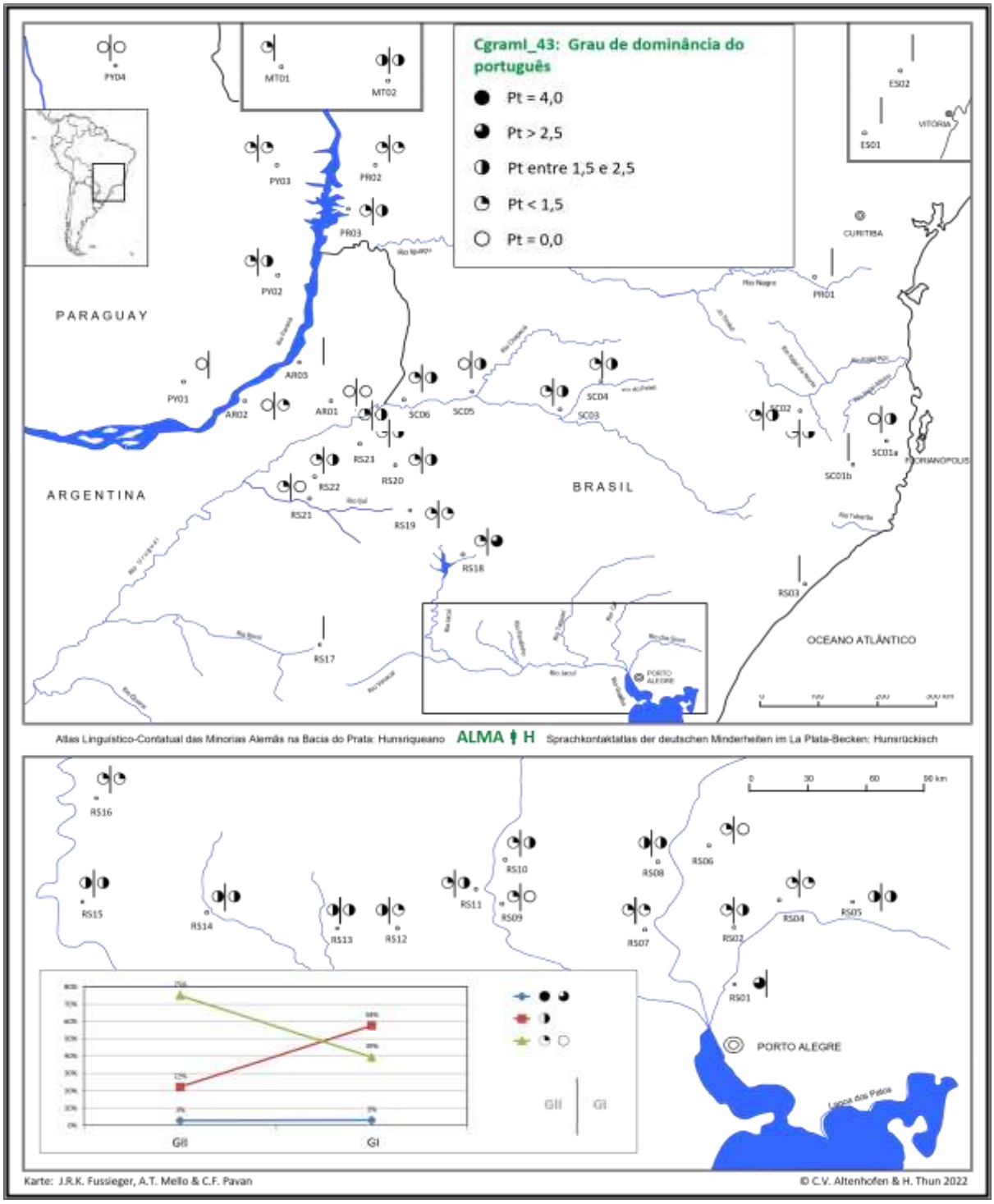


Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Quando procedemos à análise diatópica do mapa 3 (próx. pág.), novamente se observa uma variação generalizada, independente da área, atrelada mais às condições locais de cada ponto de pesquisa. De modo geral, se confirma o crescimento da dominância na GI (símbolos mais escuros à direita). O que, portanto, se sobressai, na dimensão diatópica em correlação com a variação diageracional, é uma vitalidade

interna significativa nos pontos da área hispanófona, contra uma vitalidade externa menor, em pontos de áreas laterais, visto que aí não foram encontrados informantes, sobretudo para o grupo jovem (como em RS01, PY01 e MT01).

Mapa 3 – Mapa diageracional para a variável <grau de dominância do português Hunsrückisch>

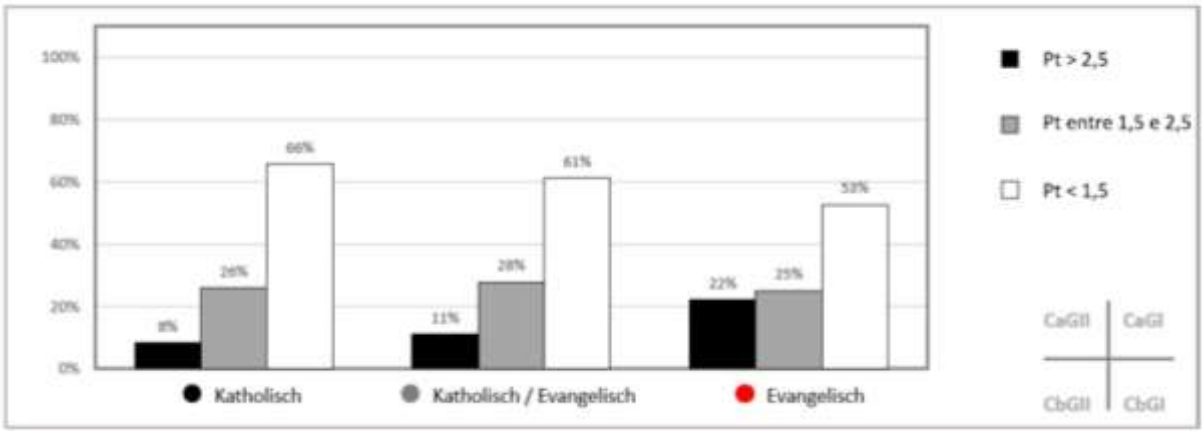


Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Dimensão diarreligiosa: variação atrelada ao comportamento de católicos e luteranos

Ao observarmos o gráfico de frequência da dimensão diarreligiosa (Gráfico 4), notamos uma dominância maior do português entre os evangélicos luteranos, que apresentam mais do que o dobro da frequência dos católicos para o grau mais alto de dominância (22%, coluna preta); ao mesmo tempo, os católicos mostram a maior frequência, entre os três grupos, do grau de dominância menor que 1,5 (66%, coluna branca), indicando uma maior vitalidade do Hunsrückisch. Esses valores são uma surpresa para nós, pois há a hipótese corrente na literatura (cf. Willems, 1940) de que os evangélicos luteranos mantêm mais a língua alemã, além de fazerem uso de um alemão [+ próximo do standard], devido à relação maior dos luteranos com a cultura alemã (bíblia, Lutero etc.).

Gráfico 4 – Gráfico de frequência do mapa diarreligioso



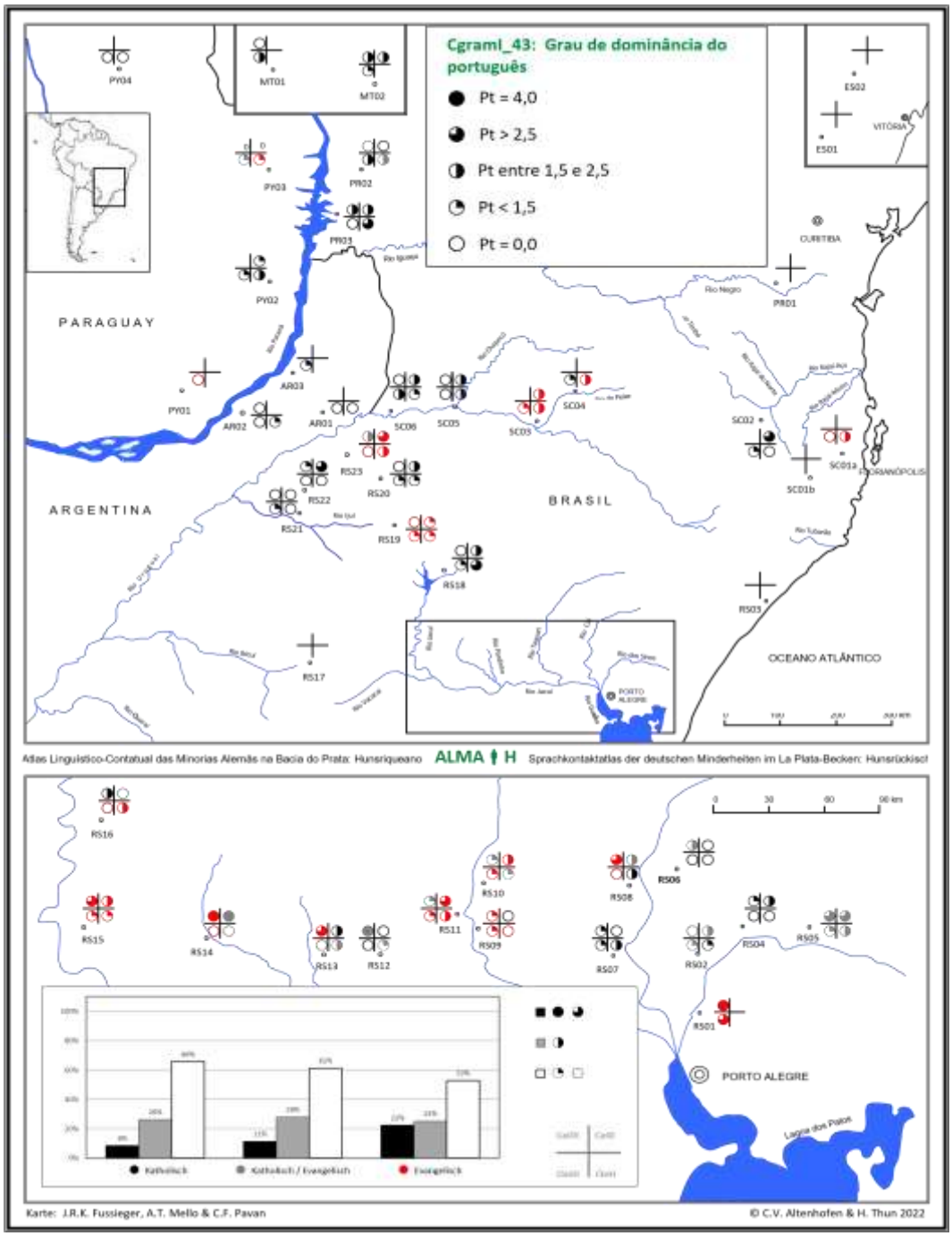
Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de Pt (2022).

Os resultados, ao menos no que diz respeito à dominância do português no Hunsrückisch dos falantes evangélicos do ALMA-H, mostra o contrário. Isso pode estar associado à maior presença de católicos na rede de pontos da área *Deitsch*, mesmo predominando aí comunidades confessionalmente mistas, assim como também em pontos das colônias novas, onde predominam comunidades confessionalmente homogêneas (v. Altenhofen, 2016). Isso pode ser comprovado pelo mapa 4 (próx. pág.).

Analisando o mapa abaixo, da dimensão diarreligiosa, o que parece servir de justificativa para os dados obtidos no gráfico parece estar vinculado muito mais à influência diageracional e, diferente das outras dimensões analisadas até aqui, também à dimensão diatópica. É possível observar que o maior contingente de falantes

evangélicos (entrevistas marcadas em vermelho) concentra-se na área *Deutsch*, a qual, como já observamos anteriormente, apresenta uma concentração de graus elevados de dominância do português; nas colônias novas. Ainda que os grupos evangélicos não se destaquem tanto nessa área como na área *Deutsch*, sua ocorrência coincide com os grupos GI, que, como vimos na análise da dimensão diageracional, também apresentam os graus mais elevados de dominância do português.

Mapa 4 – Mapa diarreligioso para a variável <grau de dominância do português Hunsrückisch>



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de pt (2022).

Considerações finais

Viu-se que, de modo geral, o que se observou no gráfico e no respectivo mapa pluridimensional (v. gráfico 1 e mapa 1) não apenas complementou, como também reforçou as conclusões apontadas nas quatro dimensões de análise selecionadas. O contato interlingual entre o Hunsrückisch e o português brasileiro mostrou sua relevância nos mapas analisados, tanto pelos quatro critérios de pontuação utilizados para sua confecção, envolvendo elementos indicadores das marcas de influência do português na fala dos informantes, bem como da ocorrência de *code-switching*, como pelos dados obtidos de seus resultados finais. Vemos que 1) os maiores graus de dominância do português se encontram nos grupos das gerações mais jovens e mais escolarizadas; 2) as áreas com maior concentração de graus elevados de dominância são de ocupação "mais recente" ou mais urbanizadas, visto também que cada ponto apresenta, em uma perspectiva histórica e do tempo presente (recorte sincrônico), níveis de presença de população monolíngue em português diferentes; 3) a confissão religiosa, ainda que não pese por si só, reafirma os resultados obtidos com base nas demais dimensões analisadas.

Foram citados anteriormente muitos fatores que podem ter contribuído para o que é explicitado nos resultados obtidos. Questões naturais do desenvolvimento social em meio a outra comunidade de fala, como a aprendizagem bilíngue nos anos iniciais, o intercâmbio de informações, o comércio, o descolamento para regiões urbanas, somados a tentativas de assimilação forçada do português e atitudes negativas dos falantes em relação à sua língua, tudo isso influenciou para o que se obteve como resultado de análise da variável <grau de dominância do português no Hunsrückisch>. Entende-se que, para obter dados de maior precisão, o ideal seria trabalhar com mais de uma pergunta e as transcrições de suas entrevistas, o que se deve seguir na sequência dos estudos. Em pesquisas futuras, espera-se aprofundar o tema com uma maior diversidade de ferramentas e materiais de análise. Ainda assim, a amostra, mesmo limitada, já indica a importância das políticas e pesquisas linguísticas visando a manutenção da vitalidade das línguas minoritárias, movimento que sem dúvida merece uma atenção especial, no momento em que se rememoram os 200 anos da imigração alemã para o Brasil.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo V. ***Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvatietät im Kontakt mit dem Portugiesisch***. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: LENZ, Alexandra N. ***German Abroad. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung***. Viena: V&R Press, 2016. p. 103-129.

ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (ed.). ***Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte***. Berlim: De Gruyter, 2019. p. 531-552.

ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; PREDIGER, Angélica. A escrita do Hunsrückisch. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; NEUMANN, Gerson R.; PREDIGER, Angélica (org.). **Hunsrückisch em prosa e verso**: textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2018. p. 23-34. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/184118. Acesso em: 6 jan. 2023.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela et al. *Hunsrückisch*: inventário de uma língua do Brasil. Florianópolis: Garapuvu, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/194384. Acesso em: 6 jan. 2023.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. **A geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.

FISHMAN, Joshua A. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (ed.). ***The handbook of bilingualism***. Malden; Oxford: Blackwell, 2006. p. 406-436.

HABEL, Jussara Maria. **O contínuo standard-substandard no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis no sul do Brasil**. Tese (Doutorado) em andamento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/238251. Acesso em: 21 maio 2024.

HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich. Dialekttalitätsareale und Dialektabbau. In: PUTSCHKE, Wolfgang; VEITH, Werner H.; WIESINGER, Peter (ed.). ***Dialektgeographie und Dialektologie. Günter Belllamnb zum 60. Geburtsag von sienen Schülern und Freunden***. Marburg: N. G. Elwert, 1989. p. 304-346.

MELLO, Amanda Timmen. **A língua de imigração à sombra da língua oficial**: entre a dominância do português e a vitalidade do Hunsrückisch. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto de Letras, 2022. 55 p. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241863. Acesso em: 25 maio 2024.

RADKTE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos na geolingüística românica: um balanço. Traduzido por Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.

HUNSCHE, Carlos H. **O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: A Nação, 1975.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, [s. p.], 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55637/33813. Acesso em: 6 jan. 2023.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMAN LINGUISTICS AND PHILOSOPHY, 21., Palermo, 1995. **Anais** [...]. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Christian (ed.). ***Language mapping***. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

THUN, Harald. Variação no contato entre informante e entrevistador. Tradução de Cléo Altenhofen e Filipe Neckel. Revisão de Cláudia Fernanda Pavan. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan./jun. 2017.

WEINREICH, Uriel. ***Languages in contact***: findings and problems. 7. ed. The Hague; Paris: Mouton, 1974 [1953].

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS

Ensino da Língua Alemã na Graduação em Secretariado da Universidade Federal do Paraná

Vitória Santos Turquenitch[1]

Resumo: Este artigo explora o perfil e currículo do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR, enfatizando competências cruciais como comunicação, gestão e adaptabilidade empresarial. Oferecido no período noturno, o curso proporciona flexibilidade aos estudantes para equilibrar seus estudos com outras responsabilidades, preparando-os para enfrentar os desafios de um mercado de trabalho em constante evolução. Além das habilidades essenciais, o currículo destaca a importância da proficiência em idiomas estrangeiros, com ênfase especial no alemão, reconhecendo a necessidade de uma comunicação eficaz em âmbito global. A Lei nº 7.377 ressalta a importância dessa proficiência para os Secretários Executivos, evidenciando sua relevância na facilitação da comunicação em contextos empresariais internacionais. O ensino de Alemão na Educação Superior é abordado, destacando os desafios enfrentados pelos estudantes brasileiros diante das diferenças linguísticas e culturais. O curso de Secretariado da UFPR oferece disciplinas de Alemão como optativas, estruturadas para desenvolver habilidades comunicativas fundamentais, com materiais didáticos adaptados ao contexto nacional. A análise das bibliografias utilizadas nas disciplinas de Língua Alemã revela uma abordagem pedagógica diversificada, combinando recursos internacionais com materiais específicos para o contexto brasileiro. Esse enfoque proporciona uma formação completa, preparando os alunos para um mercado de trabalho cada vez mais globalizado e diversificado.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica; Ensino de Alemão; Secretariado; Graduação Tecnológica; Análise Curricular.

Zusammenfassung: Dieser Artikel untersucht das Profil und den Lehrplan des Studiengangs für Sekretariatswesen an der UFPR und betont wichtige Fähigkeiten wie Kommunikation, Management und unternehmerische Anpassungsfähigkeit. Der Kurs, der abends angeboten wird, bietet den Studierenden Flexibilität, um ihre Studien mit anderen Verpflichtungen in Einklang zu bringen, und bereitet sie auf die Herausforderungen eines sich ständig verändernden Arbeitsmarktes vor. Neben den grundlegenden Fähigkeiten hebt der Lehrplan die Bedeutung der Beherrschung von Fremdsprachen hervor, insbesondere des Deutschens, und erkennt die Notwendigkeit einer effektiven Kommunikation in einem globalen Kontext an. Das Gesetz Nr. 7.377 betont die Bedeutung dieser Beherrschung für Exekutivsekretäre und zeigt deren Relevanz bei der Erleichterung der Kommunikation in internationalen geschäftlichen Umgebungen auf. Der Unterricht in Deutsch im Hochschulbereich wird behandelt und die Herausforderungen für brasilianische Studenten aufgrund linguistischer und kultureller Unterschiede herausgestellt. Der Sekretariatskurs der UFPR bietet Deutschkurse als Wahlfächer an, die darauf ausgerichtet sind, grundlegende kommunikative Fähigkeiten zu entwickeln und didaktisches Material an die nationale Situation

[1] Graduada em Logística pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2022) e aperfeiçoamento em Educação e Tecnologia (2023). Graduanda em Secretariado pela Universidade Federal do Paraná e licenciatura em Letras pelo Centro Universitário Internacional. vsturquenitch@gmail.com

anzupassen. Die Analyse der in den Deutschkursen verwendeten Bibliografien zeigt einen vielfältigen pädagogischen Ansatz, der internationale Ressourcen mit Materialien für die nationale Situation kombiniert. Dieser Ansatz bietet eine umfassende Ausbildung und bereitet die Studierenden auf einen zunehmend globalen und vielfältigen Arbeitsmarkt vor.

Schlüsselwörter: Berufliche und Technologische Bildung; Deutschunterricht; Sekretariat; Technischer Hochschulabschluss; Lehrplananalyse.

Introdução

O Curso Superior de Tecnologia em Secretariado tem se destacado pela sua proposta curricular robusta e alinhada às exigências do mercado de trabalho. Conforme indicado pelo Setor de Educação Profissional e Tecnológica da UFPR (SEPT, 2024), o Tecnólogo em Secretariado desenvolve competências essenciais em comunicação, gestão de pessoas e trabalho em equipe, além de um profundo entendimento da dinâmica empresarial, permitindo sua adaptação a diferentes ambientes organizacionais. Este curso, oferecido no período noturno, conta com uma carga horária total de 1740 horas distribuídas ao longo de três anos, o que possibilita aos estudantes conciliar seus estudos com outras responsabilidades, proporcionando flexibilidade e acessibilidade ao ensino superior (SEPT, 2023b).

O currículo do curso enfatiza não apenas as habilidades de planejamento, organização e pensamento crítico, mas também a proficiência em idiomas estrangeiros, como o alemão e o português, essenciais para a comunicação eficaz em um contexto globalizado (BRASIL, 2005). A educação profissional e tecnológica no Brasil visa integrar diversas modalidades educacionais, ciência e tecnologia, preparando os indivíduos para prosperarem em variados campos ocupacionais (BRASIL, 2002). Nas palavras de Santos (2012, p. 98) " Com o advento da globalização, a comunicação oral e/ou escrita em mais de uma língua transformou-se num critério-chave dentro das organizações corporativas.", essa ênfase é crucial para o desenvolvimento de profissionais capacitados a atuarem em um mercado cada vez mais internacional e competitivo.

A Lei nº 7.377 (BRASIL, 1985) destaca que o Secretário Executivo deve dominar idiomas estrangeiros, sendo responsável pela redação e tradução de documentos profissionais especializados, além de taquigrafia de discursos e conferências. Estas competências são fundamentais para o desempenho eficiente das funções secretariais em um ambiente empresarial globalizado, sublinhando a importância da proficiência em idiomas estrangeiros para o sucesso profissional.

Dentro desse contexto, o ensino de Alemão na Educação Superior é uma área complexa e abrangente, como observa Becker (2015), que inclui não apenas a

transmissão de conhecimentos linguísticos, mas também a integração de aspectos culturais, sociais e econômicos do espaço linguístico. No Brasil, o ensino de línguas estrangeiras é tratado de forma distinta em relação a outras áreas educacionais (Grilli; Puh, 2021), e o estudante brasileiro enfrenta desafios particulares ao aprender alemão devido às diferenças tipológicas e gramaticais em comparação com o português e o inglês (Schmidt, 2017).

O curso de Secretariado da UFPR inclui disciplinas de Alemão como optativas, refletindo a importância de preparar os estudantes para um mercado globalizado onde o conhecimento de múltiplos idiomas é um diferencial competitivo (SEPT, 2023b). Essas disciplinas, tanto presenciais quanto na modalidade de Ensino à Distância (EAD), são estruturadas para desenvolver habilidades comunicativas fundamentais, com materiais didáticos adaptados ao contexto brasileiro.

A análise das bibliografias utilizadas nas disciplinas de Língua Alemã revela uma abordagem pedagógica diversificada, combinando recursos didáticos internacionais com materiais específicos para o contexto brasileiro, promovendo uma educação linguística eficaz e contextualizada. Conforme argumenta Schmidt (2017), é essencial que o uso de livros didáticos seja complementado com a criação de materiais que atendam às necessidades culturais e linguísticas específicas dos alunos, garantindo uma formação abrangente e relevante.

Dessa forma, o Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR se apresenta como um programa inovador e adaptado às exigências contemporâneas, proporcionando aos seus estudantes uma formação sólida e alinhada com as demandas de um mercado de trabalho cada vez mais globalizado e diversificado.

O perfil e currículo do curso superior de Tecnologia em Secretariado

Segundo o Setor de Educação Profissional e Tecnológica da UFPR (SEPT, 2024), além das competências essenciais de comunicação, gestão de pessoas e trabalho em equipe, o Tecnólogo em Secretariado também demonstra um profundo entendimento da dinâmica empresarial, sendo capaz de se adaptar a diferentes ambientes organizacionais. Este profissional, independente de sua posição hierárquica, compreende a importância de sua contribuição para o sucesso da empresa e demonstra um comprometimento sólido com suas responsabilidades. Santos (2012) destaca que, para os profissionais de Secretariado Executivo, a comunicação deve ser clara e objetiva, o que exige excelente conhecimento gramatical tanto da língua materna quanto de idiomas estrangeiros. Além disso, é crucial o domínio de palavras, expressões, jargões e termos específicos de ambas as áreas. Assim, a comunicação em diversas línguas é a principal

ferramenta de trabalho e o diferencial para secretários executivos que buscam se manter atualizados e competentes.

De acordo com SEPT (2023b), o Curso Superior de Tecnologia em Secretariado é oferecido no período noturno, dentro do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, proporcionando um total de 1740 horas de formação distribuídas ao longo de três anos ou seis semestres. Este formato de ensino noturno possibilita que os estudantes conciliem seus estudos com outras responsabilidades, oferecendo flexibilidade e acessibilidade ao ensino superior.

O curso de graduação em Secretariado é projetado para desenvolver habilidades cruciais para o sucesso profissional, com destaque para proficiência em idiomas estrangeiros. Além das competências em planejamento, organização, pensamento lógico, crítico e analítico, e excelência na comunicação interpessoal e em equipe, o programa enfatiza o desenvolvimento de habilidades linguísticas em línguas estrangeiras, como o alemão e o português (BRASIL, 2005). Essa competência é fundamental, especialmente para aqueles que aspiram trabalhar em empresas multinacionais estabelecidas no país, assim como em empresas brasileiras que já operam no mercado internacional:

> Assim, acredita-se que o conhecimento de mais de uma língua estrangeira se tornou um grande diferencial no mercado de trabalho e que para o profissional se destacar, é necessário que ele busque não só conhecer uma língua estrangeira, mas sim duas ou mais línguas, pois o profissional pode deparar-se com uma realidade organizacional que interage com os mais diversos países sobre os mais variados produtos e serviços. E para tanto, uma boa fluência oral e escrita em línguas estrangeiras é indispensável, seja ela em inglês, espanhol, francês ou outro idioma. Portanto, está mais do que comprovado a importância das línguas estrangeiras para o profissional de secretariado que se encontra ou deseja se inserir em organizações envolvidas com o globalizado mundo dos negócios. (Monte, 2013, p.22)

Essas habilidades são essenciais não apenas para a comunicação eficaz em um contexto globalizado, mas também para atender às demandas específicas de empresas e organizações internacionais. Ademais, a Educação Profissional e Tecnológica, integrada a diversas modalidades educacionais, trabalho, ciência e tecnologia, visa garantir que os indivíduos tenham acesso aos conhecimentos necessários para prosperar em uma ampla gama de campos ocupacionais (BRASIL, 2002). Essa abordagem educacional abrangente e integrada, que inclui o desenvolvimento de habilidades linguísticas em línguas estrangeiras, prepara os alunos não apenas para o mercado de trabalho atual, mas

também para se destacarem em ambientes profissionais cada vez mais globais e diversificados.

Segundo a Lei nº 7.377 (BRASIL, 1985), ao Secretário Executivo, profissional diplomado no Brasil por Curso Superior de Secretariado, são atribuídas responsabilidades que enfatizam a importância do domínio de idiomas estrangeiros. Além da redação e tradução de documentos profissionais especializados, o Secretário Executivo também deve ser hábil na taquigrafia de discursos, ditados, conferências e palestras, tanto em português quanto em línguas estrangeiras. A capacidade de traduzir e versar para idiomas estrangeiros é essencial para atender às demandas comunicativas de uma empresa em um contexto globalizado. Essas responsabilidades ressaltam a necessidade de proficiência em idiomas estrangeiros para o Secretário Executivo, destacando seu papel fundamental na facilitação da comunicação eficaz em um ambiente internacional.

O ensino de Alemão na Educação Superior

O ensino de línguas é um sistema complexo que abrange uma vasta gama de conceitos. Segundo Becker (2015), ensinar uma língua estrangeira envolve não apenas a transmissão de conhecimentos linguísticos e gramaticais, mas também a integração das realidades culturais, sociais, históricas, políticas e econômicas do espaço linguístico correspondente. Esse ensino em nível nacional passa por diversas separações de outras áreas de ensino: "No Brasil, o ensino das línguas ditas estrangeiras tem sido tratado como uma área à parte da Educação" (Grilli; Puh, 2021, p. 124).

Além disso, ainda na perspectiva de Grill e Puh (2021), o estudante brasileiro de alemão precisa adquirir um vasto vocabulário e novas regras de pronúncia, além de assimilar uma gramática que é significativamente diferente daquela do inglês ou das línguas latinas, com as quais ele pode estar mais familiarizado. Deve-se a fatores como a distância tipológica entre o alemão e o português, a maior complexidade gramatical em comparação com o inglês, e fatores subjetivos, como o tamanho das palavras. Schmidt (2017) destaca que o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras em contextos universitários envolvem diversos agentes, incluindo professores, aprendizes e materiais didático-pedagógicos.

As disciplinas de Alemão são uma parte integral do currículo de Secretariado, sendo oferecidas como disciplinas optativas (SEPT, 2023b). Embora não sejam obrigatórias como as disciplinas de idiomas estrangeiros modernos, como Espanhol e Inglês, o ensino do idioma alemão desempenha um papel significativo na grade curricular. A inclusão dessas disciplinas reflete a importância de preparar os estudantes para um

mercado de trabalho cada vez mais globalizado, onde o conhecimento de múltiplos idiomas pode ser um diferencial competitivo. No quadro a seguir, é apresentada a relação das disciplinas de Língua Alemã, juntamente com suas respectivas cargas horárias, demonstrando o compromisso do curso em oferecer uma formação abrangente e adaptada às necessidades do mercado.

QUADRO 1 – RELAÇÃO DAS DISCIPLINAS

Nome/ título da disciplina	Carga horária
LÍNGUA ALEMÃ I	60 horas
LÍNGUA ALEMÃ II	60 horas

FONTE: SEPT (2023b).

É possível observar que as duas disciplinas de Língua Alemã possuem individualmente sessenta horas de aula, totalizando cento e vinte horas para o ensino do idioma. Além disso, conforme descrito no projeto pedagógico (SEPT, 2023b), o Curso de Tecnologia em Secretariado incorpora três disciplinas optativas na modalidade de Ensino à Distância (EAD), com destaque para as disciplinas de Língua Alemã I e II, as quais representam cinquenta por cento da carga horária de cada uma. Essa iniciativa reflete uma adaptação às demandas contemporâneas, visando expandir o ensino à distância para atender às necessidades dos alunos. Nas ementas das disciplinas Língua Alemão I presencial e EAD, é descrito o funcionamento e as habilidade a serem desenvolvidas:

> Estudos de Língua Alemã, treinando o aluno nas habilidades de ouvir e ler, falar e escrever. Utilização e compreensão de frases e expressões cotidianas simples no tempo presente; apresentação; capacidade de elaborar perguntas simples sobre outras pessoas e responder a perguntas desta natureza. (SEPT, 2023a, n.p.)

Tanto na disciplina presencial quanto na disciplina EAD de Língua Alemã II, ocorre o compartilhamento do ementário, que abrange os Estudos de Língua Alemã. A diretriz é treinar os alunos nas habilidades de ouvir, ler, falar e escrever, além de utilizar e compreender frases e expressões cotidianas simples nos tempos presente e passado. Os alunos desenvolvem a capacidade de elaborar e responder perguntas simples no tempo passado e de se comunicar de maneira simples, desde que o interlocutor fale de forma lenta e clara (SEPT, 2023a).

Análise das bibliografias

A comparação das bibliografias dos cursos de Língua Alemã I e II, tanto no formato presencial quanto no ensino a distância (EaD), revela diferenças significativas nos materiais recomendados, refletindo distintas abordagens pedagógicas e recursos utilizados.

Para a primeira disciplina de Língua Alemã no formato presencial, a bibliografia (SEPT, 2023a) destaca-se pelo uso do livro didático "Aussichten A1.1. Kurs-und Arbeitsbuch", publicado pela Ernst Klett em 2009. Segundo Schmidt (2017), o livro didático possui um propósito didático-metodológico, no qual os produtores selecionam determinados conteúdos e indicam como devem ser abordados no ensino e tratados em sala de aula. Além disso, são recomendados o "Dicionário Escolar Alemão. Alemão-Português com Nova Ortografia Alemã" de A. J. Keller, publicado pela Melhoramentos em 2002, e o "Wörterbuch, Portugiesisch-Deutsch/Deutsch-Portugiesisch" da Langenscheidt. De acordo com Farias (2010), a direção do dicionário está ligada à escolha da língua materna do usuário como língua de partida ou como língua de chegada, onde a língua de partida é aquela da nomenclatura e a língua de chegada é a dos equivalentes de tradução.

Na modalidade EAD dessa primeira disciplina Língua Alemã (SEPT, 2023a), a bibliografia básica inclui obras com um enfoque mais específico no contexto brasileiro. "Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos", organizado por Ruth Bohunovsky e publicado pela Editora UFPR em 2011. O livro oferece textos acessíveis que abordam temas relevantes para o ensino do alemão como língua estrangeira no Brasil, como o uso do "Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas" e a preparação para situações interculturais, além de enfatizar a importância de considerar elementos específicos para o sucesso no ensino (Editora UFPR, 2024).

Além disso, "Blaue Blume: Deutsch als Fremdsprache" publicado pela Editora Unicamp em 2011, é outro recurso fundamental, de acordo com Aquino e Cherchiglia (2021), a importância deste livro para o estudo é justificada por ser o único que oferece textos autênticos, ou seja, não didatizados. Além disso, o livro "Blaue Blume" apresenta uma versão brasileira com traduções e adaptações para o contexto local, focando no desenvolvimento de um material didático específico para o ensino e aprendizagem do alemão.

A Langenscheidt também é representada com o "Eurodicionário Português. Português-Alemão/Alemão-Português", (SEPT, 2023a) uma edição revista e atualizada em 2009, que serve como um recurso de referência indispensável. Complementando esses materiais, a disciplina utiliza o "Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen

Sprache" de Henriette Michaelis, em suas várias edições, e o material didático desenvolvido pelo professor J. J. Oliveira, "Erste Kontakte: Alemão para brasileiros", disponibilizado gratuitamente em formato PDF. Concorda-se com Schmidt (2017) que o livro didático adotado no ensino de língua estrangeira oferece diversos materiais ricos, incluindo textos escritos, orais e multimodais, além de abordar temas e elementos relacionados à língua e à cultura a serem aprendidas, constituindo uma fonte importante de insumos.

Para a Língua Alemã II (SEPT, 2023a), a bibliografia no formato presencial segue uma linha semelhante à do curso de Língua Alemã I, com a continuação do livro "Aussichten", agora na versão A1.2. Isso sugere uma progressão natural e estruturada no aprendizado do idioma, utilizando os mesmos autores e a mesma editora, Ernst Klett. O "Dicionário Escolar Alemão" de A. J. Keller e o "Wörterbuch" da Langenscheidt continuam a ser recomendados, enfatizando a importância de ferramentas de tradução consistentes e familiaridade com os mesmos recursos ao longo dos cursos.

No formato EaD da segunda disciplina (SEPT, 2023a) a bibliografia básica permanece a mesma do curso de Língua Alemã I EaD, indicando uma continuidade nos materiais didáticos que abordam o ensino de alemão no contexto brasileiro. A presença de obras como "Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos" e "Blaue Blume: Deutsch als Fremdsprache" sugere uma abordagem pedagógica coesa e integrada, adaptada às necessidades dos estudantes brasileiros. A inclusão do "Eurodicionário Português" da Langenscheidt e o "Neues Wörterbuch" de Michaelis, juntamente com o material de J. J. Oliveira, assegura que os alunos tenham acesso a recursos abrangentes e específicos para o aprendizado eficaz do alemão.

No entanto, é crucial considerar, conforme argumenta Schmidt (2017), que o papel do livro didático não deve ser limitador ou controlador da criatividade e autonomia do professor de línguas estrangeiras. Schmidt defende que o uso de materiais didáticos disponíveis no mercado deve ser conciliado com a criação de materiais alternativos ou próprios, adequados ao contexto sociocultural e educativo, que atendam às necessidades específicas, tanto linguísticas quanto culturais, dos alunos. Essa análise demonstra que, embora ambos os formatos de ensino utilizem recursos reconhecidos e de alta qualidade, a modalidade EaD incorpora materiais que consideram explicitamente o contexto brasileiro, proporcionando uma abordagem mais contextualizada e relevante para os estudantes brasileiros. Em contraste, o formato presencial se concentra mais em recursos didáticos internacionais padrão, refletindo uma abordagem mais universal no ensino da língua alemã.

Considerações Finais

O Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR se destaca como um programa dinâmico e adaptado às demandas contemporâneas do mercado de trabalho. Ao enfatizar competências essenciais como comunicação, gestão e adaptabilidade empresarial, o curso prepara os estudantes para enfrentarem os desafios de um ambiente profissional em constante evolução.

A inclusão do ensino de idiomas estrangeiros, especialmente o alemão, reflete a compreensão da importância da comunicação eficaz em um contexto globalizado. A proficiência em idiomas é reconhecida como uma habilidade fundamental para os Secretários Executivos, destacando seu papel na facilitação da comunicação em ambientes empresariais internacionais.

Na visão de Stece *et al.* (2014), a oferta de mais de um idioma estrangeiro, juntamente com a autonomia das instituições na organização de seus currículos, permitiu que os cursos de Secretariado incluíssem a representação das línguas estrangeiras oferecidas, evidenciando a importância de uma abordagem flexível e adaptável às necessidades linguísticas e culturais dos alunos.

Ademais, Santos (2012) argumenta que o domínio de línguas estrangeiras é crucial para os profissionais de secretariado, influenciando sua inserção e permanência no mercado. Com instituições cada vez mais seletivas, a comunicação em múltiplos idiomas se torna um diferencial. No ambiente organizacional, a comunicação evoluiu de anotações telefônicas para negociações internacionais e decisões importantes. O avanço tecnológico tornou a comunicação mais rápida e eficaz, exigindo que os profissionais adquiram habilidades linguísticas na língua materna e em idiomas estrangeiros para alcançar um alto poder de persuasão.

A abordagem pedagógica diversificada, combinando recursos internacionais com materiais adaptados ao contexto brasileiro, promove uma formação abrangente e relevante. Os alunos são preparados não apenas para atender às demandas do mercado de trabalho atual, mas também para se destacarem em um ambiente profissional cada vez mais globalizado e diversificado.

Monte (2013) ressalta a diversidade de disciplinas presentes nas estruturas curriculares dos cursos de Secretariado Executivo, as quais têm uma natureza interdisciplinar. Isso implica em um constante diálogo entre essas disciplinas e as de outras áreas, além da necessidade de estabelecer um objeto de estudo. A autora discute as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso, o método de interação do curso de Secretariado Executivo com outras áreas por meio da interdisciplinaridade, e a aplicação do ensino de idiomas estrangeiros dentro desses cursos.

Em suma, o Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR oferece uma formação de alta qualidade, alinhada com as exigências do mercado e preparando os estudantes para uma carreira de sucesso no campo do secretariado, tanto nacional quanto internacionalmente.

Referências

AQUINO, M.; CHERCHIGLIA, A. **Textos didatizados e não didatizados de alemão como língua adicional: uma análise quantitativa e qualitativa para o projeto Zeitgeist.** Pandaemonium Germanicum, São Paulo, v.24, n.44, 2021, p.421-451.

BECKER, J. **O Ensino do Português como Língua Estrangeira na Alemanha - O Enquadramento do Português no Ensino Superior Alemão.** Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeiras) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/15731/1/DissertacaoMestrado_JuliaBecker_Marco2015.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2024.

BRASIL. Lei n. 11.195, de 18 de novembro de 2005. **Dá nova redação ao § 5° do art. 3° da Lei n. 8.948, de 8 de dezembro de 1994.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov 2005.

BRASIL. Lei n. 7.377, de 30 de setembro de 1985. **Dispõe sobre o Exercício da Profissão de Secretário, e dá outras Providências**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7377.htm#:~:text=LEI%20No%207.377%2C%20DE,%C3%A9%20regulado%20pela%20presente%20Lei. Acesso em: 13 maio. 2024.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 3, de 18 de dezembro de 2002. **Institui as diretrizes curriculares nacionais gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia**. Brasília, DF: CNE/CP, 2002.

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **ENSINAR ALEMÃO NO BRASIL: CONTEXTOS E CONTEÚDOS**. Disponível em: <https://www.editora.ufpr.br/produto/212/ensinar-alemao-no-brasil--contextos-e-conteudos#:~:text=Esta%20obra%20re%C3%BAne%20textos%20introdut%C3%B3rios>. Acesso em: 21 maio. 2024.

FARIAS, V. S. **Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngues português-alemão / alemão-português**. RS: Contingentia, 2010, p. 1-10. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/download/13322/7623. Acesso em: 05 abr. 2024.

GRILLI, M.; PUH, M. **O ENSINO DE ALEMÃO ENQUANTO ATO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE**. Revista trama, v. 17, n. 41, p. 123–133, 1 jun. 2021.

MONTE, Patricia da Silva. **O cenário do ensino de idiomas estrangeiros nos cursos de bacharelado em Secretariado Executivo em uma amostra de Universidades Federais do nordeste brasileiro.** 2013. 66 f. TCC (graduação em Secretariado Executivo) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Fortaleza-CE, 2013.

SANTOS, M. P. DOS. **Importância do Domínio de Línguas Estrangeiras pelos Profissionais de Secretariado Executivo para Atuação no Mercado de Trabalho em Tempos de Globalização: Uma Abordagem Crítico-Reflexiva**. Revista de Gestão e Secretariado, v. 03, n. 01, p. 94–108, 1 jun. 2012.

SCHMIDT, C. **ESTUDO DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ALEMÃ NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO**: FOCO NOS ASPECTOS GRAMÁTICOS. v. 16, n. 1, p. 36–55, 11 set. 2017.

SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DA UFPR (SEPT). **Ementas - Secretariado**. 2023a. Disponível em http://www.sept.ufpr.br/portal/secretariado/wp-content/uploads/sites/11/2018/01/2023-CSTS-Ementas-Disciplinas-v1.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DA UFPR (SEPT). **Projeto Pedagógico do curso de Secretariado.** 2023b. Disponível em http://www.sept.ufpr.br/portal/secretariado/documentos-do-curso/. Acesso em: 12 mar. 2024.

SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DA UFPR (SEPT). **Tecnologia em Secretariado**. Disponível em: <http://www.sept.ufpr.br/portal/secretariado/sobre-o-curso/>. Acesso em: 16 maio. 2024.

STECE, *V. et al*. **Características dos Cursos Superiores de Tecnologia e Bacharelado em Secretariado: Um Estudo com Base na Interpretação das Diretrizes Curriculares.** Revista de Gestão e Secretariado, v. 05, n. 01, p. 62–81, 1 abr. 2014.

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS

Deutschunterricht in Brasilien: Fokus auf Wissensproduktion
Ensino de alemão no Brasil: foco na produção de conhecimento[1]

Felipe Furtado Guimarães[2]

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar a produção de conhecimento sobre o ensino da língua alemã no Brasil. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico das publicações com essa temática, disponíveis na base de dados SciELO, compreendendo o período entre 2002 e 2021, resultando num corpus de 24 textos. Procedimentos de análise de conteúdo foram aplicados ao corpus, evidenciando nove temas/áreas amplas de pesquisa. Os resultados apontam que a maioria das produções está concentrada em uma única revista, com aumento na quantidade de artigos publicados no período analisado. Também foi observado um predomínio de autores vinculados a instituições situadas em São Paulo e Rio de Janeiro. A partir dos temas que emergiram do corpus, notou-se um predomínio de estudos sobre materiais didáticos e escolhas metodológicas. A conclusão sugere que sejam consultadas outras bases de dados e outras instituições, para identificar produções fora do eixo Rio/São Paulo. Além disso, os nove temas identificados nesta pesquisa apontam tanto para aspectos do ensino de alemão que carecem de mais pesquisas (por exemplo, análises históricas), quanto para aspectos que já estão mais consolidados como temas de investigação (por exemplo, materiais didáticos).
Palavras-chave: ensino de línguas; alemão; Brasil; produção de conhecimento.

Zusammenfassung: Ziel dieser Forschung war es, die Wissensproduktion im Bereich des Deutschunterrichts in Brasilien zu analysieren. Daher wurde eine bibliografische Untersuchung der in der SciELO-Datenbank verfügbaren Dokumente zu diesem Thema für den Zeitraum von 2002 bis 2021 durchgeführt, aus der ein Korpus mit 24 Texten hervorging. Das Korpus wurde einer Inhaltsanalyse unterzogen, die neun große Themen/Forschungsbereiche ergab. Die Ergebnisse zeigen, dass sich die meisten Publikationen auf eine einzige Zeitschrift konzentrieren, wobei die Anzahl der veröffentlichten Artikel im analysierten Zeitraum gestiegen ist. Man kann auch feststellen, dass die meisten Autoren mit Institutionen in Sao Paulo und Rio de Janeiro verbunden sind. Anhand der Themen, die sich aus dem Korpus ergeben haben, kann man auch erkennen, dass Studien über Lehr-/Lernmaterialien und methodische Entscheidungen überwiegen. In der Schlussfolgerung wird angeregt, weitere Datenbanken und Institutionen zu befragen, um Produktionen außerhalb der Region Rio/Sao Paulo zu ermitteln. Darüber hinaus zeigen die neun in dieser Studie identifizierten Themen sowohl Aspekte des Deutschunterrichts, für die es an zusätzlicher Forschung mangelt (z. B. historische Analysen), als auch Aspekte, die als Forschungsthemen stärker konsolidiert sind (z. B. Lehr-/Lernmaterialien).
Schlüsselwörter: Sprachunterricht; Deutsch; Brasilien; Wissensproduktion.

[1] Este artigo teve uma versão em língua portuguesa publicada na revista *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. e476, 2021. Dieser Artikel wurde auf Portugiesisch in der Zeitschrift *Cadernos de Linguística* veröffentlicht.

[2] Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Einleitung

Der Fremdsprachenunterricht in Brasilien wurde in den letzten Jahren hauptsächlich durch von der Bundesregierung finanzierte Programme im Hochschulbereich gefördert (z. B. CHAVES et al., 2021). Es begann mit dem Programm "Wissenschaft ohne Grenzen" (WoG) im Jahr 2011, das mehr als 100 000 Stipendien für die akademische Mobilität, hauptsächlich für Studierende aus MINT-Fächern[3], anbot; dann das Programm "Englisch ohne Grenzen" (EoG) im Jahr 2012, das ursprünglich geschaffen wurde, um die Englischkenntnisse von WoG-Bewerbern zu verbessern; schließlich das Programm "Sprachen ohne Grenzen" (SoG) im Jahr 2014, eine Erweiterung des EoG-Programms um andere Sprachen wie Deutsch, Französisch, Spanisch, Italienisch, Japanisch und Portugiesisch als Fremdsprache (PaF).

Zwischen 2014 und 2019 unterstützte das SoG-Programm verschiedene Aktivitäten (hauptsächlich an Bundesuniversitäten), wie z. B. Präsenzunterricht, Online-Kurse und Sprachtests, die auf die Entwicklung von Fremdsprachenkenntnissen in lokalen akademischen Gruppen abzielen (ABREU-E-LIMA; FINARDI, 2019). Aufgrund der Unterbrechung der Finanzierung der SoG durch den Bund im Jahr 2019 wird dieses Programm derzeit mit Unterstützung des Nationalen Verbandes der Verwalter der Bundeshochschulen (Andifes) reformiert.

Die Auswirkungen des SoG-Programms auf den Hochschulkontext wurden von verschiedenen Autoren diskutiert, z. B. Da Fonseca und Ximenes (2017). Autoren wie Chaves et al. (2021) haben Erfahrungen mit dem Erlernen der deutschen Sprache im Rahmen des SoG-Deutsch-Programms im Jahr 2019 aufgezeigt, das mit Hilfe von Technologien für gemischtes Lernen, die Online- und persönliche Aktivitäten kombinieren, das Erlernen dieser Sprache in der Hochschulbildung fördert. Neben der Forschung, die sich mit dem Deutschunterricht in den oben genannten Kontexten befasst, haben andere Autoren dieses Thema auch in anderen Kontexten untersucht, z. B. in staatlichen Schulen, wie von Rozenfeld (2016) und Meireles (2002) diskutiert.

Die Vielfalt nicht nur der Kontexte, sondern auch der Themen, die in der Forschung über den Deutschunterricht in Brasilien behandelt werden — z. B. Lehrerausbildung, Unterrichtsmaterialien, Einsatz von Technologien u. a. — war eine der Motivationen für diese Studie. Darüber hinaus ist anzumerken, dass Brasilien zwischen dem 19. und 20. Jahrhundert Wellen deutscher Einwanderer aufgenommen hat, die ihre eigenen Bräuche, Kulturen und Sprachen mitbrachten und hier Schulen gründeten (z. B. SANTOS, 2012).

[3] MINT: Mathematik, Informatik, Naturwissenschaften und Technik.

Es ist auch bemerkenswert, dass dieses spezifische Thema des Deutschunterrichts in einen breiteren Kontext des Zweitspracherwerbs (L2) oder der zusätzlichen Sprache eingebettet ist — ein Studienbereich, in dem das Lehren/Lernen von Sprachen (auch) durch (hauptsächlich) formellen Unterricht im Klassenzimmer untersucht wird, obwohl solches Lehren/Lernen auch in anderen Kontexten stattfinden kann. Ein Teil der Studien im Bereich des L2-Erwerbs befasst sich mit der Analyse der Lernenden in den Erwerbsprozessen (z. B. CANATO; ROZENFELD, 2017), und eine solche Analyse würde es Forschern und Pädagogen ermöglichen, Lehrmethoden und -strategien zu identifizieren und anzupassen, z. B.

Andere Studien in diesem Bereich konzentrieren sich auf die Einstellungen und Praktiken von L2-Lehrern im Klassenzimmer (z. B. STANKE, 2011) sowie auf Studien zur Entwicklung und Verwendung von Unterrichtsmaterialien (z. B. MARQUES; ROZENFELD, 2018), neben anderen Forschungsthemen. Daher wurde in dieser Studie eine Umfrage zur Forschung im Bereich des Deutschunterrichts durchgeführt, in der Studien mit unterschiedlichen Schwerpunkten im Bereich des L2-Erwerbs, einschließlich einiger der oben genannten Forschungsthemen, gesammelt wurden. Im nächsten Abschnitt wird die in dieser Studie angewandte Methodik vorgestellt.

Methodik

Mit dem Ziel, die Produktion von Wissen über den Deutschunterricht in Brasilien zu analysieren, wurde in dieser Studie ein bibliographischer Forschungsansatz gewählt, um einen Analysekorpus zu erstellen, wobei die Datenbank *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) als Suchwerkzeug verwendet wurde, da diese Datenbank *Open-Access*-Zeitschriften enthält, d.h. ohne Zahlung von Gebühren für den Zugang zu den Texten der Artikel — ein Aspekt, der dazu beiträgt, den Zugang zu Informationen im Allgemeinen und den Zugang zu wissenschaftlicher Produktion im Besonderen zu demokratisieren. Laut Alperin et al. (2011) und Packer (2009) ist eine der Qualitäten/Vorteile der SciELO-Datenbank der disziplinäre Fokus, der mehr auf die Sozial- und Geisteswissenschaften ausgerichtet ist und mehr Produktionen aus Lateinamerika, Portugal und Spanien umfasst, im Vergleich zu anderen globalen Datenbanken wie dem *Science Citation Index* (SCI), der mehr Produktionen aus den so genannten "harten" Wissenschaften (MINT), hauptsächlich aus Nordamerika und Westeuropa, umfasst. Die Wahl der SciELO-Datenbank ist also aufgrund dieser Eigenschaften/Vorteile gerechtfertigt, da der Schwerpunkt dieser Studie auf dem Deutschunterricht im brasilianischen Kontext liegt, einem Fach, das im lateinamerikanischen Kontext mit den Geisteswissenschaften verbunden ist.

Die Abfrage in der SciELO-Datenbank wurde im Mai 2021 mit dem Ausdruck "Deutschunterricht" (auf Portugiesisch) durchgeführt und führte zu 24 Texten in dieser Datenbank, die den Zeitraum zwischen 2002 und 2021 bis zum Suchdatum abdecken und Artikel sowohl in portugiesischer als auch in deutscher Sprache enthalten, die ihrerseits Zusammenfassungen in portugiesischer Sprache haben. Anhand der Titel und Zusammenfassungen der Artikel (auf Portugiesisch und Deutsch) konnten die Analysen dieser Studie durchgeführt werden. Die in der Datenbank gefundenen Texte sind in der folgenden **Schaubild 1** beschrieben:

Schaubild 1. In der SciELO-Datenbank gefundene Texte

n.	Jahr	Autor	Titel
1	2021	Marques-Schäfer	*DaF und digitale Medien: ein Interview mit Dietmar Rösler*
2	2021	Oliveira und Ledel	*Zeitgeist*: Modelando um projeto editorial com interface digital [*Zeitgeist: Modellierung eines redaktionellen Projekts mit einer digitalen Schnittstelle*]
3	2021	Silva und Roveran	Perguntas e respostas: o uso da plataforma *Yahoo! Clever* como ferramenta de ensino de alemão como língua estrangeira [*Fragen und Antworten: Die Nutzung der Plattform Yahoo! Clever als Hilfsmittel für den Unterricht Deutsch als Fremdsprache*]
4	2020	Savedra und Meirelles	Pluricentrismo no ensino de Alemão como Língua Estrangeira: uma proposta para análise de material didático [*Plurizentrismus im Unterricht von Deutsch als Fremdsprache: ein Vorschlag für die Analyse von Unterrichtsmaterialien*]
5	2020	Nunes	Refletir é preciso: procedimentos metodológicos em um estudo piloto com professores em formação na área de alemão como língua estrangeira [*Nachdenken ist notwendig: Methodisches Vorgehen in einer Pilotstudie mit Lehrern in der Ausbildung im Bereich Deutsch als Fremdsprache*]
6	2020	Aquino	O ensino das partículas modais alemãs: estratégias didáticas em ALE [*Der Unterricht der deutschen Modalpartikel: Didaktische Strategien im DaF*]
7	2020	Gondar und Ferreira	Formação docente e autodefinição profissional de formandos em ensino de alemão como língua adicional no Rio de Janeiro [*Lehrerausbildung und berufliches Selbstverständnis von Graduierten im Unterricht von Deutsch als Fremdsprache in Rio de Janeiro*]
8	2019	Evangelista	Atividades tradutórias para ensino de alemão: uma análise baseada em argumentos contrários à tradução no ensino línguas estrangeiras [*Übersetzungsaktivitäten für den Deutschunterricht: eine Analyse auf der Grundlage von Argumenten gegen die Übersetzung im Fremdsprachenunterricht*]
9	2019	Aquino	Projeto Novela: uma abordagem comunicativa e intercultural no ensino de alemão como língua estrangeira [*Soap Opera Projekt: ein kommunikativer und interkultureller Ansatz für den Unterricht von Deutsch als Fremdsprache*]
10	2018	Ferreira und Gondar	Mapeando as dimensões de um desafio: o ensino de alemão como língua estrangeira em contextos multinível [*Die Dimensionen einer Herausforderung erfassen: Deutsch als Fremdsprache in mehrstufigen Kontexten unterrichten*]
11	2018	Marques und Rozenfeld	O uso de seriados televisivos no ensino de alemão: aspectos linguísticos, socioculturais, ideológicos e político-sociais em *Deutschland 83* [*Der Einsatz von Fernsehsendungen im Deutschunterricht: linguistische, soziokulturelle, ideologische und gesellschaftspolitische Aspekte in Deutschland 83*]

12	2017	Canato und Rozenfeld	A motivação de alunos de alemão e prática de multiletramentos em um CEL [*Die Motivation von Deutschlernenden und die Praxis der Mehrsprachigkeit in einer Sprachschule - CEL*]
13	2016	Ferreira und Marques-Schäfer	A consultoria individual e o diário de aprendizagem como instrumentos para o desenvolvimento de autonomia no contexto de ensino de alemão como língua estrangeira [*Individuelle Beratung und das Lerntagebuch als Instrumente zur Förderung der Autonomie im Rahmen des Unterrichts Deutsch als Fremdsprache*]
14	2016	Rozenfeld	O ensino de alemão em escolas públicas pela perspectiva do letramento crítico: um subprojeto PIBID em foco [*Deutschunterricht an öffentlichen Schulen aus der Perspektive der kritischen Alphabetisierung: ein PIBID-Teilprojekt im Fokus*]
15	2016	Grilli	Alemão como língua estrangeira e a didática do plurilinguismo no Brasil e na Europa [*Deutsch als Fremdsprache und die Didaktik der Mehrsprachigkeit in Brasilien und Europa*]
16	2015	Wels	Entre a Transmissão e a Transferência: implicações éticas, pedagógicas e psicanalíticas da relação mestre-aprendiz no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras [*Zwischen Übertragung und Übermittlung: ethische, pädagogische und psychoanalytische Implikationen der Beziehung zwischen Lehrenden und Lernenden im Prozess des Lehrens und Lernens von Fremdsprachen*]
17	2013	Blühdorn	*Intonation im Deutschen nur eine Frage des schönen Klangs?*
18	2012	Santos	Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs [*Bildung und Kolonisierung in Brasilien: Deutschsprachige Schulen*]
19	2011	Rozenfeld und Viana	O desestranhamento em relação ao alemão na aprendizagem do idioma: um processo de aproximação ao "outro" sob a perspectiva da competência intercultural [*Die "Entfremdung" in Bezug auf die deutsche Sprache im Fremdsprachenlernprozess: Annäherung an den "Anderen" unter der Perspektive der Interkulturellen Kompetenz*]
20	2011	Stanke	O papel do professor no ensino de alemão para o fim específico da leitura [*Die Rolle des Lehrers beim Unterrichten von Deutsch als Fremdsprache mit dem Ziel des Lesens*]
21	2010	Savedra, Liberto und Carapeto-Conceição	Questões de interculturalidade no ensino da língua alemã como segunda língua DaZ (*Deutsch als Zweitsprache*) – O caso dos "ovinhos de Páscoa" (*Ostereier*) [*Aspekte der Interkulturalität im Unterricht Deutsch als Zweitsprache (DaZ) - Der Fall "Ostereier"*]
22	2005	Bohunovsky	O imaginário (colonial) no ensino de alemão como língua estrangeira no Brasil [*Das (koloniale) Imaginäre im Unterricht von Deutsch als Fremdsprache in Brasilien*]
23	2002	Janzen	Interculturalidade e o ensino de alemão como língua estrangeira [*Interkulturalität und der Unterricht von Deutsch als Fremdsprache*]
24	2002	Meireles	Língua estrangeira e autonomia: um exemplo a partir do ensino de alemão no contexto brasileiro [*Fremdsprache und Autonomie: ein Beispiel für den Deutschunterricht im brasilianischen Kontext*]

Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Die Techniken der Inhaltsanalyse (MORAES, 1999; BARDIN, 2011) wurden in dieser Untersuchung angewandt, um umfassendere Themen zu identifizieren, in die die Texte des Korpus kategorisiert und organisiert werden können, basierend auf der Ermittlung der Häufigkeit des Auftretens von Wörtern in den Titeln und Zusammenfassungen der analysierten Artikel — ein Ansatz zur Häufigkeit des Textmaterials, der sich auf die Wiederholung von Inhalten konzentriert, die den meisten Texten gemeinsam sind, um eine Definition von gemeinsamen Themen in den Texten und

eine Analyse dieser Themen, die aus dem Korpus hervorgehen, zu ermöglichen (CAMPOS, 2004).

Darüber hinaus wurden die in den Artikeln enthaltenen Metadaten (zusätzliche Informationen über die Texte) bei den Analysen dieser Studie ebenfalls berücksichtigt, die hier als Bezugspunkte für die Analysen verwendet warden. Solche Metadaten ermöglichen die Erfassung von Daten zu Kategorien wie der Zeitschrift der Publikation, der institutionellen Zugehörigkeit der Autoren und Co-Autoren, dem Ort der Institution der Autoren und Co-Autoren usw. Auf der Grundlage dieser Texte, die über die SciELO-Plattform abgerufen wurden, werden im nächsten Abschnitt die Ergebnisse und Diskussionen vorgestellt.

Ergebnisse und Diskussion

Aus den Texten, die über die Abfrage der SciELO-Datenbank erhalten wurden, wurde **Tabelle 1** erstellt, um festzustellen, in welchen wissenschaftlichen Zeitschriften die Autoren und Co-Autoren ihre Forschungsarbeiten zum Deutschunterricht veröffentlicht haben:

Tabelle 1. Anzahl der Artikel, sortiert nach Zeitschrift der Publikation.

Zeitschrift	Einrichtung	Anzahl
Cadernos de Pesquisa (CP)	FCC-SP	1
D.E.L.T.A.	PUC-SP	1
Educar em Revista (ER)	UFPR	2
Pandaemonium Germanicum (PG)	USP	17
Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)	UFMG	2
Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA)	Unicamp	1
TOTAL		24

Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten

Man kann die Prävalenz bei der Wahl der Autoren und Co-Autoren für die Zeitschrift *Pandaemonium Germanicum* (PG) feststellen, die etwa 70% der in der SciELO-Datenbank gefundenen Artikel ausmacht. Die Gründe für diese Wahl mögen in der Tatsache liegen, dass es sich um eine Zeitschrift handelt, die einer angesehenen Universität (Universität von São Paulo - USP) in der nationalen und internationalen Szene angegliedert ist, die eine Tradition im Bereich der Germanistik hat und darüber hinaus im Bereich der Sprach- und Literaturwissenschaften auf Platz A1 (*Sucupira/Qualis Periódicos* Plattform) steht, nach den Bewertungskriterien der Koordinationsstelle für die Verbesserung des

Hochschulpersonals (CAPES), einer Agentur des Bildungsministeriums (MEC), die die Hochschuleinrichtungen in Brasilien sowie deren akademische Ergebnisse bewertet.

Insgesamt überwiegen die Zeitschriften, die mit Institutionen im Südosten Brasiliens verbunden sind, mit Ausnahme der Zeitschrift *Educar em Revista* (ER), die mit der UFPR verbunden ist, in der südlichen Region. Es lohnt sich, über diese Daten nachzudenken, da ein großer Teil der deutschen Migration nach Brasilien im 19. und 20. Jahrhundert für die südlichen Bundesstaaten bestimmt war, was sich in den demographischen Daten[4] in Form einer beachtlichen Anzahl von Familien deutscher Abstammung in dieser Region widerspiegelt. Daher könnte man erwarten, dass in diesen Staaten ein größeres Interesse am Lehren/Erlernen der deutschen Sprache besteht, was zu mehr Forschung zu diesem Thema in Einrichtungen (und Zeitschriften) in der Südregion führen könnte. In Anbetracht der Tatsache, dass die am stärksten "internationalisierten" Einrichtungen mit den meisten Möglichkeiten für Sprachkurse in der südöstlichen Region angesiedelt sind (z.B. AUTOR, 2021), könnte man annehmen, dass die Konzentration der Forschung im Südosten ein Ergebnis des Internationalisierungsprozesses in diesen Einrichtungen ist, in denen es Anreize für das Lehren/Lernen von Sprachen gibt.

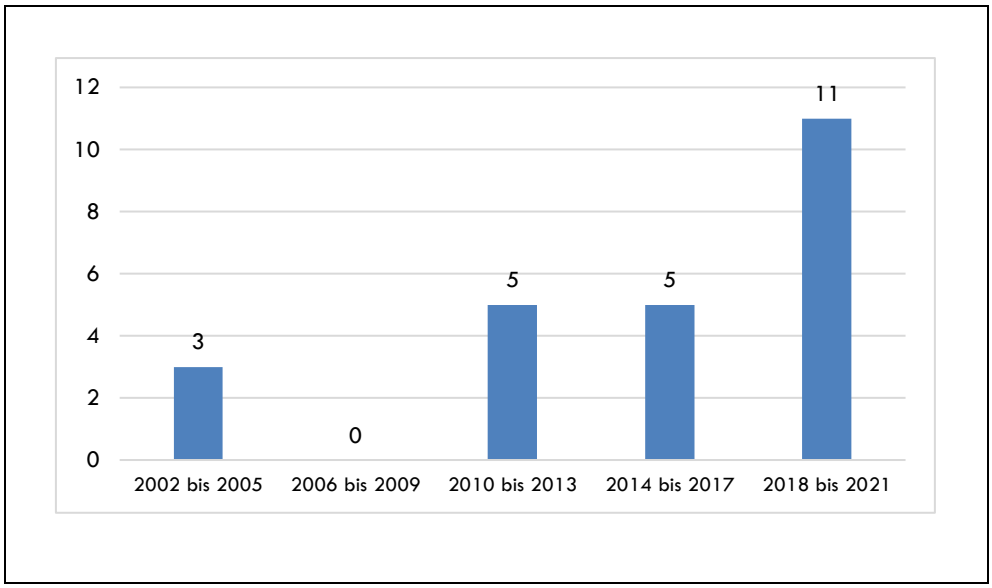
Diese Konzentration akademischer Produktionen in Zeitschriften von Hochschuleinrichtungen im Südosten und Süden Brasiliens steht im Einklang mit den Daten der Hochschulzählung[5], die auf eine Konzentration sowohl öffentlicher (mit guten CAPES-Noten/Ergebnisse unter Berücksichtigung von Internationalisierungskriterien) als auch privater Hochschuleinrichtungen in diesen Regionen schließen lassen. Daher könnte es interessant sein, mit Hilfe anderer Datenbanken genauer zu untersuchen, wie die akademische Produktion zu diesem Thema (Deutschunterricht) in anderen brasilianischen Regionen und Bundesstaaten abläuft, wobei zu berücksichtigen ist, dass andere Hochschulen in Brasilien die Ausbildung zum Deutschlehrer außerhalb des Südostens und des Südens anbieten — zum Beispiel: die Bundesuniversität von Bahia (UFBA) und die Bundesuniversität von Pará (UFPA).

Was das Jahr der Veröffentlichung der Artikel betrifft, so ergab sich folgende Verteilung: zwei Artikel im Jahr 2002; ein Artikel im Jahr 2005; ein Artikel im Jahr 2010; zwei Artikel im Jahr 2011; ein Artikel im Jahr 2012; ein Artikel im Jahr 2013; ein Artikel im Jahr 2015; drei Artikel im Jahr 2016; ein Artikel im Jahr 2017; zwei Artikel im Jahr 2018; zwei Artikel im Jahr 2019; vier Artikel im Jahr 2020; drei Artikel im Jahr 2021 (bis

[4] Weitere Informationen auf: https://censo2022.ibge.gov.br/3
[5] Weitere Informationen auf: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior

Mai). Verteilt man die Anzahl der veröffentlichten Artikel in Vierjahresintervallen, so ergibt sich das in **Graphik 1** dargestellte Ergebnis:

Graphik 1. Anzahl der in der SciELO-Datenbank veröffentlichten Artikel im Vierjahresintervallen.



Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Im analysierten Zeitraum (2002 bis 2021) gibt es in der SciELO-Basis im Zeitraum 2006-2009 keine Artikel zum gesuchten Thema. In den Zeiträumen 2010-2013 und 2014-2017 war die Zahl der in der Datenbank verfügbaren Publikationen stabil, während sich die Zahl der Publikationen im Zeitraum 2018-2021 im Vergleich zum vorherigen Zeitraum mehr als verdoppelt hat. Über diesen Anstieg der brasilianischen Wissenschaftsproduktion in den letzten Jahren wurde in mehreren Medien berichtet[6], obwohl die Investitionen in die Forschung in Brasilien immer weiter gekürzt wurden. Es lohnt sich, hier einen Vorbehalt anzubringen: Im Fall des vorliegenden Artikels handelt es sich um einen spezifischen zeitlichen und kontextuellen Rahmen, der auf diesen Anstieg der wissenschaftlichen Produktion im analysierten Zeitraum hinweist; daher wäre es wichtig zu untersuchen, wie die Produktion in anderen Wissensbereichen in einem ähnlichen Zeitrahmen ausgeweitet, beibehalten oder reduziert wurde.

Durch die Analyse der Autoren, Co-Autoren und der Anzahl ihrer Publikationen konnten 26 Forscher identifiziert werden, wie in **Tabelle 2** dargestellt:

[6] Weitere Informationen auf: https://jornal.usp.br/ciencias/orcamento-2021-compromete-o-futuro-da-ciencia-brasileira/

Tabelle 2. Forscher und die Häufigkeit, mit der ihre Familiennamen als Autoren oder Co-Autoren in den in der SciELO-Datenbank gefundenen Artikel erscheinen.

Forscher	Anzahl	Forscher	Anzahl
Aquino	2	Marques-Schäfer	2
Blühdorn	1	Meireles	1
Bohunovsky	1	Meirelles	1
Canato	1	Nunes	1
Carapeto-Conceição	1	Oliveira	1
Evangelista	1	Roveran	1
Ferreira	3	Rozenfeld	4
Gondar	2	Santos	1
Grilli	1	Savedra	2
Janzen	1	Silva	1
Ledel	1	Stanke	1
Liberto	1	Viana	1
Marques	1	Wels	1

Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Es überwiegen Forscher, deren Familiennamen nur einmal als Autor oder Co-Autor in der Menge der gefundenen und analysierten Artikel erscheinen. Einige Ausnahmen werden hervorgehoben, wie Cibele Rozenfeld (Unesp) und Mergenfel Ferreira (UFRJ), deren Familiennamen vier bzw. drei Mal im analysierten Korpus erscheinen.

Die Angaben zu den Institutionen, denen die Forscher zum Zeitpunkt der Veröffentlichung der Artikel angehörten, und die Anzahl der Nennungen in den Artikeln sind in **Tabelle 3** aufgeführt. Insgesamt wurden 10 angegliederte Einrichtungen ermittelt, von denen zwei in der Region Süd und die übrigen im Südosten angesiedelt waren.

Tabelle 3. Einrichtungen, denen die Forscher angehörten, und die Anzahl der Nennungen, die bei der Veröffentlichung der Artikel gemacht wurden.

Einrichtung	Anzahl	Einrichtung	Anzahl
IFSP	1	UFSC	1
UERJ	5	UFSCar	1
UFF	2	Unesp	5
UFPR	1	Unicamp	2
UFRJ	3	USP	7

Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Die meisten Einrichtungen befinden sich im Bundesstaat São Paulo (fünf Hochschulen: Instituto Federal de São Paulo [IFSP]; Universidade Federal de São Carlos [UFSCar]; Universidade Estadual Paulista [Unesp]; Universidade Estadual de Campinas [Unicamp]; und Universidade de São Paulo [USP] — wobei die USP (sieben Nennungen) und die

Unesp (fünf Nennungen) in den gefundenen Artikel häufiger genannt werden. Auch Einrichtungen im Bundesstaat Rio de Janeiro stechen hervor, wie die UERJ (fünf Nennungen) und die UFRJ (drei Nennungen). Hochschulen aus der Region Süd werden ebenfalls erwähnt, wie die UFPR (eine Nennung) und die UFSC (eine Nennung). Auch hier zeigt sich, dass die gefundenen Artikel zum untersuchten Thema (Deutschunterricht) sich auf Forscher konzentrieren, die mit Hochschulen im Südosten (22 Nennungen) und Süden (2 Nennungen) Brasiliens in Verbindung stehen.

Auf der Grundlage der Zusammenfassungen der in der SciELO-Datenbank gefundenen Artikel konnte **Schaubild 2** erstellt werden, in dem die Schwerpunkte der einzelnen Texte (aus den oben genannten Ansätzen der Inhaltsanalyse) wie folgt dargestellt sind.

Schaubild 2. Schwerpunkt der in der SciELO-Datenbank gefundenen Artikel, erstellt nach Analyse der Zusammenfassungen.

n.	Jahr	Autor	Fokus / Schwerpunkt
1	2021	Marques-Schäfer	Einsatz digitaler Medien im Unterricht Deutsch als Fremdsprache; Deutschlehrerausbildung; Zukunft der Unterrichtsmaterialien
2	2021	Oliveira und Ledel	Modell von Unterrichtsmaterialien für den Deutschunterricht an Universitäten in Brasilien
3	2021	Silva und Roveran	Nutzung einer Online-Frage-Antwort-Plattform für den Deutschunterricht; Authentizität des Materials; Entwicklung von Autonomie und Motivation der Lernenden.
4	2020	Savedra und Meirelles	Plurizentrismus der deutschen Sprache; Varianten und Varietäten des Deutschen; Analyse von Unterrichtsmaterialien.
5	2020	Nunes	Kreativität von Deutschlehrern; methodische Entscheidungen; Lehrer in der Ausbildung.
6	2020	Aquino	Unterrichten von Modalpartikeln; Unterrichtsstrategien; Materialien zur Entwicklung kommunikativer Fähigkeiten.
7	2020	Gondar und Ferreira	Lehrerausbildung; Professionalisierung von Lehrern; berufliche Praxis.
8	2019	Evangelista	Übersetzung als methodische Hilfsmittel; Übersetzungsaktivitäten im Deutschunterricht.
9	2019	Aquino	Kommunikative und interkulturelle Lehrmethoden; Kompetenzen und Lernbedürfnisse; Motivation und Verantwortung der Schüler.
10	2018	Ferreira und Gondar	Theoretische Aspekte des Lehrens und Lernens der deutschen Sprache unter Berücksichtigung der sozialen, pädagogischen und politischen Dimensionen.
11	2018	Marques und Rozenfeld	Fernsehsendungen als Material für den Deutschunterricht; Verwendung von authentischem Material und Fokus auf die fremde Kultur
12	2017	Canato und Rozenfeld	Motivation von Deutschlernern; Multiliteracy-Projekt.
13	2016	Ferreira und Marques-Schäfer	Autonomie der Deutschlernenden im universitären Umfeld; methodische Ressourcen; individuelle Beratung und Lerntagebuch; Lernerzentrierung.
14	2016	Rozenfeld	Potenzial des Deutschunterrichts an öffentlichen Schulen mit dem Schwerpunkt auf kritischer Bildung.
15	2016	Grilli	Didaktik der Mehrsprachigkeit; Deutschunterricht in einem mehrsprachigen Kontext.
16	2015	Wels	Lehr-Lern-Prozesse, die von objektiven und subjektiven Faktoren geleitet werden; pädagogischer Prozess und Dialog zwischen Lehrer und Schüler.

17	2013	Blühdorn	Die deutsche Intonation und ihre Bedeutung für den Deutschunterricht in Brasilien; Strategien für den Intonationsunterricht.
18	2012	Santos	Schulorganisation und Lehrplan von Grundschulen in Hansa (SC), gegründet 1897; Vermischung ausländischer kultureller Aspekte mit dem brasilianischen Kontext; Beziehungen zwischen Lehrplan und Kultur.
19	2011	Rozenfeld und Viana	Bilder über die deutsche Sprache und ihre Sprecher; Diskussion stereotyper Bilder; Unterricht und interkulturelle Kompetenz.
20	2011	Stanke	Die Rolle des Deutschlehrers bei der Vermittlung von Lesekompetenz; Entwicklung von Lesestrategien.
21	2010	Savedra, Liberto und Carapeto-Conceição	Deutschunterricht unter Berücksichtigung von Aspekten der Zweisprachigkeit und Interkulturalität; Beziehungen zwischen Sprache, Identität und sozialer Struktur.
22	2005	Bohunovsky	Die Rolle der Ideologie im Unterricht von Deutsch als Fremdsprache in Brasilien; traditionelle Unterrichtsmaterialien.
23	2002	Janzen	Interkulturalität, pädagogische Kulturvermittlung, kommunikativer Ansatz.
24	2002	Meireles	Autonomie, Kreativität und kritisches Denken bei Lernenden; Rolle des Lernenden; Einfluss der Medien auf das Lernen von Schülern an öffentlichen Schulen.

Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Ausgehend von dieser Schaubild und unter Verwendung von Techniken der Inhaltsanalyse war es möglich, anhand eines thematischen Ansatzes (unter Berücksichtigung der Titel und Zusammenfassungen der Texte) neun umfassendere Themen zu definieren, in die die 24 Texte des Korpus kategorisiert und gegliedert werden können, nämlich: (1) Lehrerausbildung; (2) Lehrmaterialien; (3) Autonomie und Motivation der Lernenden; (4) methodische Entscheidungen; (5) kommunikative und interkulturelle Praktiken; (6) theoretische Aspekte des Unterrichts; (7) historische Analyse; (8) Einsatz von Technologien im Unterricht; (9) Unterricht in spezifischen Kontexten. Auf diese Weise wurde **Schaubild 3** erstellt, um die Texte, die das Korpus bilden, zu kategorisieren und zu organisieren.

Schaubild 3. Kategorisierung der Texte des untersuchten Korpus, nach Themen

Thema	Texte im Korpus	Anzahl
(1) Lehrerausbildung	Marques-Schäfer (2021); Nunes (2020); Gondar und Ferreira (2020); Stanke (2011)	4
(2) Lehrmaterialien	Marques-Schäfer (2021); Oliveira und Ledel (2021); Silva und Roveran (2021); Savedra und Meirelles (2020); Aquino (2020); Marques und Rozenfeld (2018); Bohunovsky (2005)	7
(3) Autonomie und Motivation der Lernenden	Silva und Roveran (2021); Aquino (2019); Canato und Rozenfeld (2017); Ferreira und Marques-Schäfer (2016); Meireles (2002)	5
(4) methodische Entscheidungen	Nunes (2020); Aquino (2020); Evangelista (2019); Ferreira und Marques-Schäfer (2016); Grilli (2016); Blühdorn (2013); Stanke (2011)	7
(5) kommunikative und interkulturelle Praktiken	Aquino (2019); Rozenfeld und Viana (2011); Savedra, Liberto und Carapeto-Conceição (2010); Janzen (2002)	4
(6) theoretische Aspekte des Unterrichts	Savedra und Meirelles (2020); Ferreira und Gondar (2018); Wels (2015); Savedra, Liberto und Carapeto-Conceição (2010); Bohunovsky (2005)	5
(7) historische Analyse	Santos (2012)	1

(8) Einsatz von Technologien im Unterricht	Marques-Schäfer (2021); Silva und Roveran (2021); Marques und Rozenfeld (2018); Meireles (2002)	4
(9) Unterricht in spezifischen Kontexten	Oliveira und Ledel (2021); Ferreira und Marques-Schäfer (2016); Rozenfeld (2016); Grilli (2016); Meireles (2002)	5

Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Was die Themen betrifft, die sich aus der Analyse der Texte im Korpus ergeben haben, so ist eine kurze Diskussion über sie angebracht. Thema 1 ("Lehrerausbildung") umfasst Texte, die sich mit folgendem befassen: Verhalten von Lehrern in Bildungseinrichtungen und deren Auswirkungen auf die Lernenden; Wissen, Fähigkeiten, Techniken und Dispositionen in Bezug auf das im Unterricht behandelte Thema; pädagogische Entscheidungen von Lehrern; Einstellungen, Überzeugungen, Wahrnehmungen, Praktiken, Werte, Ideologien und Erfahrungen, die Lehrer mitbringen; von Einrichtungen und dem Staat festgelegte Politiken und Parameter für die Ausbildung von Lehrern - wie von Cochran-Smith (2004) diskutiert.

Thema 2 (Lehrmaterialien) umfasst Texte, die sich mit folgenden Themen befassen: Verwendung und Entwicklung von Materialien für das Lehren/Lernen von Sprachen, einschließlich Lehrbüchern, Filmen, Videos, Fernsehsendungen, Musik, *Podcasts*, Online-Plattformen, Handy-Apps, Gegenständen im Klassenzimmer, improvisierten "Jigsaw"-Aktivitäten (u. a.); im weiteren Sinne Artefakte, die das Sprachenlernen im Klassenzimmer fördern, und Objekte, die für pädagogische Zwecke entworfen wurden; die Art und Weise, wie Lehrende und Lernende die Materialien verwenden und mit ihnen interagieren — wie von Guerrettaz et al. (2021) diskutiert.

Thema 3 (Lernerautonomie und -motivation) umfasst Texte, in denen Folgendes erörtert wird: Planung, Überwachung und Bewertung des Lernens von Schülern; Auswahl zwischen verschiedenen Aktivitäten; Förderung von Möglichkeiten für autonomes Lernen ohne ständige Überwachung durch die Lehrkraft; Schaffung von Möglichkeiten für Schüler, mehr Kontrolle über ihr Lernen zu übernehmen; Förderung von Möglichkeiten, wie Lehrkräfte und Lernumgebungen die Lernerautonomie und -motivation unterstützen können; Beobachtung von Faktoren, die auf die Lernenden einwirken und ihr Verhalten beeinflussen; Förderung der Freiheit der Schüler, Entscheidungen über ihr eigenes Lernen zu treffen — wie von Lamb (2011).

Thema 4 (methodische Entscheidungen) umfasst Texte, die sich mit folgenden Themen befassen: Methoden, Regeln, Strategien und Verfahren, die von Lehrkräften zur Förderung des Sprachenlernens eingesetzt werden; verschiedene pädagogische Ansätze zur Förderung des Lehrens/Lernens; verschiedene didaktische Methoden (Vorlesungen,

kooperative Aktivitäten zwischen den Lernenden, *Blended Learning* usw.) — wie von Bliuc et al. (2007) und Kulavuz-Onal und Vásquez (2013) diskutiert.

Thema 5 (kommunikative und interkulturelle Praktiken) umfasst Texte, die sich mit Folgendem befassen Anwendung des kommunikativen Ansatzes im Sprachunterricht, bei dem eine Sprache funktionale und soziale Bedeutungen mit sich bringt; Anwendung kommunikativer Funktionen und sozialer Bedeutungen von Sprachen; Anwendung struktureller und funktionaler Aspekte von Sprachen; Entwicklung von Fähigkeiten, eine "einheimische" Kultur mit anderen Kulturen zu vergleichen und diese kulturübergreifenden Vergleiche zu bewerten/zu interpretieren; Anwendung von interkulturellem Wissen in der verbalen/nonverbalen Kommunikation, um mit Mitgliedern anderer Kulturen zu interagieren; Diskussion von Intoleranz/Vorurteilen gegenüber anderen Kulturen, um Respekt und Akzeptanz dieser Kulturen zu fördern — wie von Jabeen (2014) und Chlopek (2004) diskutiert.

Thema 6 (Theoretische Aspekte des Unterrichts) umfasst Texte, in denen Folgendes erörtert wird: Ansätze, Methoden und Techniken für den Sprachunterricht; Überlegungen zum Lehrplan; Sprachvarianten und -varietäten; soziale, pädagogische und politische Dimensionen des Sprachunterrichts; objektive/subjektive Faktoren, die das Lehren/Lernen leiten; Beziehungen zwischen Sprache, Identität und Gesellschaft — wie von Finardi und Porcino (2014) und Corzo (2013) diskutiert.

Thema 7 (historische Analyse) umfasste nur einen Text (SANTOS, 2012), der sich mit der institutionellen und curriculare Struktur von Grundschulen in Santa Catarina befasste, die im 19. Jahrhundert gegründet wurden und in denen es eine "Mischung" aus ausländischen und brasilianischen kulturellen Aspekten gab, was die Beziehungen zwischen Lehrplan und Kultur belegt. Historische Analysen von Bildungssystemen konzentrieren sich in der Regel auf Überlegungen zum Lehrplan, der unter anderem von sozialen, kulturellen und historischen Aspekten beeinflusst wird, wie Lenz et al. (2014).

Thema 8 (Einsatz von Technologien im Unterricht) umfasst Texte, die sich mit folgenden Themen befassen: Entwicklung und Einsatz von physischen/digitalen Unterrichtsmaterialien für den Sprachunterricht; Einsatz digitaler Ressourcen und Medien — z. B. Bücher, Zeitschriften, Zeitungen, Videos, Musik, Fernsehsendungen und Informationen in digitalem Format oder über digitale Plattformen zugänglich — zur Entwicklung des Bildungsumfelds und zur Verbesserung der Lernergebnisse; Technologien und Geräte zur Erleichterung der Zusammenarbeit im Sprachunterricht, z. B. Apps, *Smartphones*, *Tablets* und Computern — wie von Finardi und Prebianca (2019) und Navarro et al. (2016) erörtert. Es ist anzumerken, dass sowohl der "älteste" im Korpus identifizierte Text (MEIRELES, 2002) als auch einige neuere Texte (aus dem Jahr 2021)

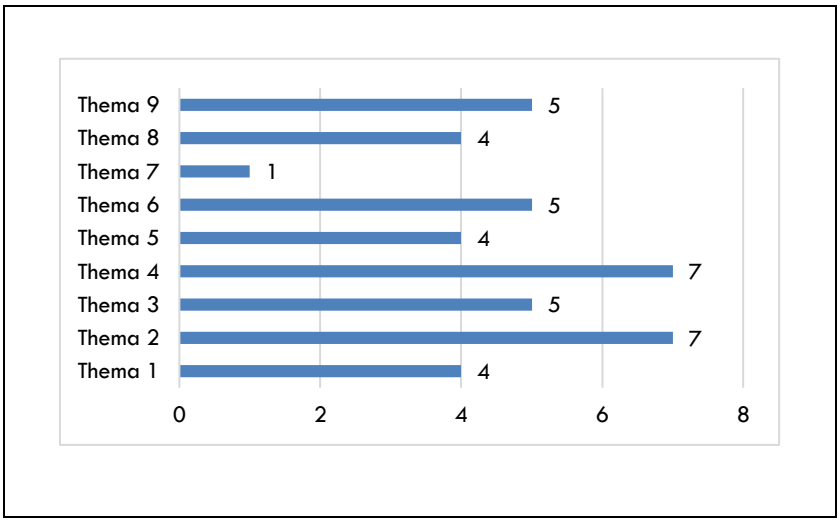
sich mit dem Einfluss von Medien und Technologien auf das Lehren/Lernen der deutschen Sprache befassen.

Thema 9 (Unterricht in spezifischen Kontexten) umfasst Texte, in denen folgende Themen erörtert werden: Sprachunterricht im universitären Kontext; Sprachunterricht in staatliche Schulen; Sprachunterricht in mehrsprachigen Kontexten; Sprachunterricht im brasilianischen Kontext; Sprachunterricht für spezifische Ziele — wie von Tilio (2014), Arnó-Macià (2012) und Lafford (2012) behandelt.

Auf der Grundlage der in dieser Studie gewonnenen Daten ist festzustellen, dass die in den Texten des Korpus behandelten Themen in gewisser Weise gut auf die Produktionen verteilt sind, wobei der Schwerpunkt (in absteigender Reihenfolge, unter Berücksichtigung der Anzahl der Texte) auf den folgenden Themen liegt: Thema 2 - Unterrichtsmaterialien (7 Texte); Thema 4 - Methodische Entscheidungen (7 Texte); Thema 3 - Autonomie und Motivation der Lernenden (5 Texte); Thema 6 - Theoretische Aspekte des Unterrichts (5 Texte); Thema 9 - Unterricht in spezifischen Kontexten (5 Texte); Thema 1 - Lehrerausbildung (4 Texte); Thema 5 - Kommunikative und interkulturelle Praktiken (4 Texte); Thema 8 - Einsatz von Technologien im Unterricht (4 Texte).

Die größere Anzahl von Publikationen zu den Themen 2 (Unterrichtsmaterialien) und 4 (methodische Entscheidungen) mit jeweils sieben Texten deutet auf die Bedeutung dieser Themen für die Forschung zum Deutschunterricht in Brasilien hin. Allerdings befasste sich nur ein Text (SANTOS, 2012) mit Thema 7 (historische Analyse) — in diesem Fall über deutsche Schulen in Brasilien im 19. Jahrhundert. Die Verteilung der Anzahl der Texte nach Themen ist in **Grafik 2** unten dargestellt. Es ist zu beachten, dass ein und derselbe Text mehrere Themen abdecken kann, wie in Schaubild 3 dargestellt.

Grafik 2. Anzahl der Texte im Korpus, verteilt nach Themen.



Quelle: eigene Darstellung, basierend auf den für diese Studie erhobenen Daten.

Zusammenfassend lässt sich sagen, dass die Analyse der Ergebnisse und ihre Diskussion auf Folgendes hinweisen: (1) Konzentration der meisten Publikationen in der Zeitschrift *Pandaemonium Germanicum* (USP); (2) Vorherrschen von Publikationen in Zeitschriften, die mit Institutionen im Südosten Brasiliens verbunden sind; (3) deutlicher Anstieg der Publikationen zum Deutschunterricht in Brasilien im untersuchten Zeitraum (2002-2021); (4) Forscher wie Rozenfeld (Unesp) und Ferreira (UFRJ) stechen als diejenigen hervor, die im untersuchten Zeitraum in der gewählten Datenbank am meisten veröffentlicht haben; (5) der Schwerpunkt liegt auf Institutionen in São Paulo und Rio de Janeiro, die als institutionelle Zugehörigkeit der Autoren und Co-Autoren der Texte angegeben werden; (6) aus den 24 Texten in der SciELO-Datenbank konnten mit Hilfe von Verfahren der Inhaltsanalyse neun umfassendere Themen (wie bereits in diesem Abschnitt beschrieben) identifiziert werden; (7) von den neun im Korpus identifizierten Themen ist eine angemessene Verteilung der Texte auf diese Themen festzustellen, wobei der Schwerpunkt auf den Themen 2 (Lehrmaterialien) und 4 (methodische Entscheidungen) mit jeweils 7 Publikationen liegt. Der nächste Abschnitt enthält die Schlussfolgerungen der vorliegenden Studie.

Schlussfolgerung

Ziel dieser Studie war es, die Produktion von Wissen über den Deutschunterricht in Brasilien mit Hilfe einer bibliographischen Untersuchung zu analysieren, um einen Analysekorpus aus der SciELO-Datenbank zu erstellen, die "*Open Access*" Texte enthält. Dieses Korpus wurde mit Hilfe von inhaltsanalytischen Verfahren analysiert, um übergreifende Themen zu identifizieren, in die die Texte im Korpus kategorisiert und organisiert werden können.

Unter Berücksichtigung der gewählten Datenbank (SciELO) deuten die Ergebnisse dieser Untersuchung auf eine deutliche Konzentration von Publikationen in einer bestimmten Zeitschrift (*Pandaemonium Germanicum*). Es wird dann vorgeschlagen, andere Datenbanken zu durchsuchen, um zu versuchen, andere Zeitschriften zu finden, die Publikationen zu dem in dieser Untersuchung untersuchten Thema (Deutschunterricht) enthalten. Außerdem überwiegen die Publikationen in Zeitschriften, die mit Einrichtungen im Südosten Brasiliens verbunden sind. Es wird daher auch vorgeschlagen, andere akademische Zeitschriften und andere brasilianische Regionen zu untersuchen, um zu sehen, wie die Produktion von Wissen über den Deutschunterricht abläuft, da es in anderen brasilianischen Bundesstaaten außerhalb der südöstlichen Region Studiengänge in deutscher Sprache gibt.

Die Ergebnisse deuten auch auf einen deutlichen Anstieg der Publikationen im untersuchten Zeitraum (2002-2021) hin, wobei der Schwerpunkt auf Autoren/Forschern der Unesp (z. B. Cibele Rozenfeld) und der UFRJ (z. B. Mergenfel Ferreira). Obwohl dieser Anstieg der Publikationen im untersuchten Zeitraum zu beobachten war, lohnt es sich zu untersuchen, wie die akademische Produktion in anderen Wissensbereichen ausgeweitet, beibehalten oder reduziert wurde, insbesondere in Anbetracht der hier bereits erwähnten sinkenden staatlichen Investitionen in die Forschung. Daher bietet sich die Untersuchung anderer Bereiche in einem ähnlichen Zeitraum als eine Möglichkeit an, die hier vorgestellten Forschungen zu vertiefen.

Einrichtungen in São Paulo und Rio de Janeiro stachen ebenfalls als institutionelle Zugehörigkeit der Autoren und Co-Autoren der Forschungsarbeiten hervor. Es wird dann vorgeschlagen, zu untersuchen, in welchen anderen Einrichtungen es Forscher gibt, die sich für das in dieser Untersuchung behandelte Thema interessieren, da die Region Rio/São Paulo im Vergleich zu anderen brasilianischen Staaten möglicherweise eine längere Tradition in der Germanistik hat.

Schließlich können die neun weiter gefassten Themen, die in dieser Untersuchung identifiziert wurden, dazu verwendet werden, Aspekte des Deutschunterrichts zu identifizieren, die weiterer Forschung bedürfen, wie z. B. Thema 7 (historische Analyse), und Aspekte, die bereits stärker als Forschungsthemen gefestigt sind, wie z. B. die Themen 2 (Unterrichtsmaterialien) und 4 (methodische Entscheidungen).

Danksagungen
Diese Arbeit wurde von CNPq, PDJ-Stipendium unterstützt.

Bibliografie

ABREU-E-LIMA, Denise de Paula Martins; FINARDI, Kyria Rebeca. Políticas linguísticas para internacionalização e o papel do programa Idiomas sem Fronteiras. In: FINARDI, Kyria Rebeca; SCHERRE, Maria Marta; VIDON, Luciano (Orgs.). **Língua, Discurso e Política: desafios contemporâneos**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 13–28.

ALPERIN, Juan Pablo; FISCHMAN, Gustavo E.; WILLINSKY, John. Scholarly communication strategies in Latin America's research-intensive universities. ***Educación Superior y Sociedad***, v. 16, n. 2, p. 1–19, 2011.

AQUINO, Marceli Cherchiglia. O ensino das partículas modais alemãs: estratégias didáticas em ALE. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 1, p. 131–161, 2020.

AQUINO, Marceli Cherchiglia. Projeto Novela: uma abordagem comunicativa e intercultural no ensino de alemão como língua estrangeira. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 22, n. 38, p. 31–47, 2019.

ARNÓ-MACIÀ, Elisabet. The role of technology in teaching languages for specific purposes courses. ***The Modern Language Journal***, v. 96, p. 89–104, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina Editora, 2011.

BLIUC, Ana-Maria; GOODYEAR, Peter; ELLIS, Robert A. Research focus and methodological choices in studies into students' experiences of blended learning in higher education. ***The Internet and Higher Education***, v. 10, n. 4, p. 231–244, 2007.

BLÜHDORN, Hardarik. Intonation im Deutschen nur eine Frage des schönen Klangs? ***Pandaemonium Germanicum***, v. 16, n. 22, p. 242–278, 2013.

BOHUNOVSKY, Ruth. O imaginário (colonial) no ensino de alemão como língua estrangeira no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 44, n. 1, p. 89–95, 2005.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611–614, 2004.

CANATO, Juliana Bonsi Corrêa; ROZENFELD, Cibele Cecílio de Faria. A motivação de alunos de alemão e prática de multiletramentos em um CEL. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 20, n. 30, p. 86–111, 2017.

CHAVES, Giovanna; MARIANO, Thiago Viti; VOERKEL, Jean Paul. Deutsch lernen im Blended-Format: Erfahrungen mit dem brasilianischen Sprachlernprogramm „Idiomas sem Fronteiras - Alemão". ***Pandaemonium Germanicum***, v. 24, n. 42, p. 165–192, 2021.

CHLOPEK, Zofia. The intercultural approach to EFL teaching and learning. ***English Teaching Forum***, v. 46, n. 4, p. 10–27, 2008.

COCHRAN-SMITH, Marilyn. The problem of teacher education. ***Journal of Teacher Education***, v. 55, n. 4, p. 295–299, 2004.

CORZO, Carolina Cruz. Formal grammar instruction: theoretical aspects to contemplate its teaching. ***Profile***, v. 15, n. 2, p. 215–224, 2013.

DA FONSECA, Jael Glauce; XIMENES, José Carlos. O Programa Idiomas Sem Fronteiras - ISF e a formação do professor de Língua Alemã da Universidade Federal da Bahia. **Revista Letras Raras**, v. 6, n. 1, p. 7–19, 2017.

EVANGELISTA, Maria Cristina Reckziegel Guedes. Atividades tradutórias para ensino de alemão: uma análise baseada em argumentos contrários à tradução no ensino línguas estrangeiras. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 22, n. 38, p. 1–30, 2019.

FERREIRA, Mergenfel Vaz; GONDAR, Anelise Freitas Pereira. Mapeando as dimensões de um desafio: o ensino de alemão como língua estrangeira em contextos multinível. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 21, n. 35, p. 121–143, 2018.

FERREIRA, Mergenfel Vaz; MARQUES-SCHÄFER, Gabriela. A consultoria individual e o diário de aprendizagem como instrumentos para o desenvolvimento de autonomia no contexto de ensino de alemão como língua estrangeira. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 19, n. 28, p. 101–123, 2016.

FINARDI, Kyria Rebeca; PORCINO, Maria Carolina. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Revista Ilha do Desterro**, v. 66, p. 239–282, 2014.

FINARDI, Kyria Rebeca; PREBIANCA, Gicele Vergine. Políticas linguísticas, internacionalização, novas tecnologias e formação docente: um estudo de caso sobre o curso de Letras Inglês em uma universidade federal. **Leitura**, v. 53, p. 129–154, 2019.

GONDAR, Anelise Freitas Pereira; FERREIRA, Mergenfel Vaz. Formação docente e autodefinição profissional de formandos em ensino de alemão como língua adicional no Rio de Janeiro. **D.E.L.T.A.**, v. 36, n. 2, p. 1–25, 2020.

GRILLI, Marina. Alemão como língua estrangeira e a didática do plurilinguismo no Brasil e na Europa. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 19, n. 27, p. 175–202, 2016.

GUERRETAZ, Anne Marie; ENGMAN, Mel M.; MATSUMOTO, Yumi. Empirically defining language learning and teaching materials in use through sociomaterial perspectives. ***The Modern Language Journal***, v. 105, n. S1, p. 3–20, 2021.

AUTOR, 2021.

JABEEN, Shazi Shah. Implementation of Communicative Approach. ***English Language Teaching***, v. 7, n. 8, p. 68–74, 2014.

JANZEN, Henrique Evaldo. Interculturalidade e o ensino de alemão como língua estrangeira. **Educar em Revista**, v. 18, n. 20, p. 137–147, 2002.

KULAVUZ-ONAL, Derya; VÁSQUEZ, Camilla. Reconceptualising fieldwork in a netnography of an online community of English language teachers. ***Ethnography and Education***, v. 8, n. 2, p. 224–238, 2013.

LAFFORD, Barbara A. Languages for specific purposes in the United States in a global context: commentary on Grosse and Voght (1991) revisited. ***The Modern Language Journal***, v. 96, p. 1–27, 2012.

LAMB, Terry Eric. Fragile identities: exploring learner identity, learner autonomy and motivation through young learners' voices. ***The Canadian Journal of Applied Linguistics***, v. 14, n. 2, p. 68–85, 2011.

LENZ, Thomas; ROHSTOCK, Anne; SCHREIBER, Catherina. Tomorrow never dies: a socio-historical analysis of the Luxembourgish curriculum. In: PINAR, William F. (Org.). ***International Handbook of Curriculum Research***. New York: Taylor & Francis, 2014. p. 315–328.

MARQUES, Lívia dos Santos; ROZENFELD, Cibele Cecílio de Faria. O uso de seriados televisivos no ensino de alemão: aspectos linguísticos, socioculturais, ideológicos e político-sociais em Deutschland 83. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 21, n. 33, p. 64–86, 2018.

MARQUES-SCHÄFER, Gabriela. DaF und digitale Medien: ein Interview mit Dietmar Rösler. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 24, n. 42, p. 11–21, 2021.

MEIRELES, Selma Martins. Língua estrangeira e autonomia: um exemplo a partir do ensino de alemão no contexto brasileiro. **Educar em Revista**, v. 18, n. 20, p. 149–164, 2002.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 7–32, 1999.

NAVARRO, Silvia Baldiris; ZERVAS, Panagiotis; GESA, Ramon Fabregat; SAMPSON, Demetrios G. Developing teachers' competences for designing inclusive learning experiences. ***Journal of Educational Technology & Society***, v. 19, n. 1, p. 17–27, 2016.

NUNES, Elaine Cristina Roschel. Refletir é preciso: procedimentos metodológicos em um estudo piloto com professores em formação na área de alemão como língua estrangeira. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 23, n. 40, p. 115–139, 2020.

OLIVEIRA, Paulo; LEDEL, Leandro. Zeitgeist: Modelando um projeto editorial com interface digital. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 24, n. 42, p. 217–254, 2021.

PACKER, Abel L. The SciELO Open Access: a gold way from the south. ***Canadian Journal of Higher Education***, v. 39, n. 3, p. 111–126, 2009.

ROZENFELD, Cibele Cecílio de Faria. O ensino de alemão em escolas públicas pela perspectiva do letramento crítico: um subprojeto PIBID em foco. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 19, n. 27, p. 148–174, 2016.

ROZENFELD, Cibele Cecílio de Faria; VIANA, Nelson. O desestranhamento em relação ao alemão na aprendizagem do idioma: um processo de aproximação ao "outro" sob a perspectiva da competência intercultural. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 17, p. 259–288, 2011.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 538–561, 2012.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; LIBERTO, Heloisa; CARAPETO-CONCEIÇÃO, Robson. Questões de interculturalidade no ensino da língua alemã como segunda língua DaZ (Deutsch als Zweitsprache) – O caso dos "ovinhos de Páscoa" (Ostereier). ***Pandaemonium Germanicum***, v. 16, p. 204–219, 2010.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MEIRELLES, Camila. Pluricentrismo no ensino de Alemão como Língua Estrangeira: uma proposta para análise de material didático. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 23, n. 41, p. 1–23, 2020.

SILVA, Mariana Kuntz de Andrade; ROVERAN, Henrique Elias. Perguntas e respostas: o uso da plataforma Yahoo! Clever como ferramenta de ensino de alemão como língua estrangeira. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 24, n. 42, p. 48–77, 2021.

STANKE, Roberta Cristina Sol Fernandes. O papel do professor no ensino de alemão para o fim específico da leitura. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 4, p. 935–961, 2011.

TILIO, Rogério Casanovas. Língua estrangeira moderna na escola pública: possibilidades e desafios. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 3, p. 925–944, 2014.

WELS, Érica S. Entre a Transmissão e a Transferência: implicações éticas, pedagógicas e psicanalíticas da relação mestre-aprendiz no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. ***Pandaemonium Germanicum***, v. 18, n. 25, p. 168–183, 2015.

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS

A literatura do trauma e o relato testemunhal em *Tudo o que tenho levo comigo,* de Herta Müller

Marinês Andrea Kunz[1]
Lovani Volmer[2]
Juracy Assmann Saraiva[3]

Resumo: Este artigo centra-se na análise da obra *Tudo o que eu tenho levo comigo*, de Herta Müller, que expõe as condições de trabalho, o sofrimento humano e a repressão sofridas pelo protagonista em um Gulag, no período após a 2ª Guerra Mundial, na União Soviética. Empreende-se, portanto, o estudo da narrativa com base na teorização sobre memória, o relato testemunhal e a literatura do trauma, amparado em Ricouer (1997; 2007), Hobsbawm (1995), Ginzburg (2000; 2008), Seligmann-Silva (2002; 2003; 2008), entre outros. A obra permite a reflexão acerca da história a partir do relato testemunhal do protagonista, do que deriva uma perspectiva a partir do interior do fato histórico. Assim, a literatura aproxima-se da história, e ambas entrecruzam-se, complementando-se. A ficção exerce, pois, seu papel de desvendamento, na medida em que aborda a matéria da vida transmutada discursivamente, por meio da *mise en intrigue*.
Palavras-chave: Literatura do trauma; História; Gulag; Herta Müller.

Zusammenfassung: Dieser Artikel konzentriert sich auf die Analyse des Werks „Tudo que tenho levo comigo“ von Herta Müller, das die Arbeitsbedingungen, das menschliche Leid und die Unterdrückung aufdeckt, die der Protagonist in einem Gulag in der Zeit nach dem Zweiten Weltkrieg in der Sowjetunion erlitten hat . Daher erfolgt die Untersuchung der Erzählung auf der Grundlage von Theorien über das Gedächtnis, dem Erfahrungsbericht und der Traumaliteratur, unterstützt von Ricouer (1997; 2007), Hobsbawm (1995), Ginzburg (2000; 2008), Seligmann-Silva (2002; 2003; 2008), unter anderem. Das Werk ermöglicht eine Reflexion der Geschichte auf der Grundlage der Erfahrungsberichte des Protagonisten, die eine Perspektive aus der historischen Tatsache ableiten. Somit steht die Literatur in der Nähe der Geschichte, und beide greifen ineinander und ergänzen sich. Fiktion spielt daher die Rolle der Enthüllung, da sie sich mit der Frage des Lebens befasst, das durch Mise en Intrigue diskursiv umgewandelt wird.
Keywords: Trauma-Literatur; Geschichte; Gulag; Herta Müller.

Introdução

O século XX assinalou um período de colapso da civilização com conflitos internacionais de toda ordem, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã, por exemplo, em uma era lembrada por um dos maiores genocídios cometidos contra a humanidade. As guerras perduraram por anos, ceifando milhares de vidas e destruindo nações por completo. Neste artigo interessa-nos a 2ª Guerra Mundial, que

[1] Doutora em Letras pela PUCRS; Professor Adjunta no curso de Pedagogia da UFPB. marinesak5@gmail.com.
[2] Doutora em Letras pela UCS/Uniritter; Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo. lovaniv@feevale.br
[3] Doutora em Letras pela PUCRS; Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo. juracy@feevale.br

envolveu praticamente todos os Estados independentes do mundo e foi justificada por questões religiosas ou, utilizando outro termo, por questões de ideologia.

> Foi também, e demonstravelmente, uma luta de vida ou morte para a maioria dos países envolvidos. O preço da derrota frente ao regime nacional-socialista alemão, como foi demonstrado na Polônia e nas partes ocupadas da URSS, e pelo destino dos judeus, cujo extermínio sistemático foi se tornando aos poucos conhecido de um mundo incrédulo, era a escravização ou a morte. Daí a guerra ser travada sem limites. A Segunda Guerra Mundial ampliou a guerra em guerra total. (HOBSBAWN, 1995, p. 50)

Ademais, para além da guerra, interessam-nos fatos pós-guerra, especialmente os ocorridos na União Soviética e que, por muito tempo, foram ocultados do mundo, como a intensificação do sistema de campos de prisioneiros e de trabalhos forçados. Nesse sentido, embora o conceito de humanidade tenha sido ressignificado, ganhando novas definições, e embora a derrota da Alemanha, em maio de 1945, tenha sido entendida como o fim de um período de barbáries cometidas contra a humanidade, o quadro do pós-guerra era desastroso. Em torno de 40,5 milhões de pessoas estavam desenraizadas na Europa, um milhão de crianças polonesas, além de outras 20 mil alemãs, perambulavam em meio aos escombros à procura de suas famílias. Além disso, a fome continuou a assolar a população, uma vez que a economia das nações havia se voltado para a produção de armamento, deixando outros setores, como o alimentício, em segundo plano. Mulheres, crianças, velhos e prisioneiros foram os responsáveis pela reconstrução de seus países.

Podemos elencar extensa lista de filmes e romances sobre essa guerra, além da manutenção de espaços e monumentos com caráter educativo, que intentam manter a história viva, para que tais horrores não se repitam. No âmbito da literatura, há narrativas ficcionais e outras de testemunho, que relatam as trágicas memórias de sobreviventes e denunciam as crueldades vivenciadas, iluminando no presente as injustiças cometidas no passado (BENJAMIN, 1992).

A ênfase nessas produções recaiu na maior parte sobre os horrores do Holocausto empreendido pelos nazistas e, com menor enfoque, sobre o que ocorreu na União Soviética após o término da guerra, que acarretou a repatriação de grande contingente de pessoas, das quais um sem-número foi exterminado ou enviado aos campos de prisioneiros, que, acreditava-se, impulsionavam a economia soviética.

A escritora e jornalista Anne Appelbaum busca explicar tal falta de interesse pela realidade soviética pela prevalência da ideia de que o sistema comunista primava pela igualdade e o bem comum, de modo que não se lhe poderia atribuir os mesmos horrores cometidos pelo sistema nazista: “Ninguém quer saber que a vitória Aliada teve outro lado,

mais sombrio, ou que os campos de Stalin, nosso aliado, se expandiam justamente quando os de Hitler, nosso inimigo, eram libertados" (APPELBAUM, 2008, s.p.).

Outro aspecto foi o fato de que não havia muitas informações sobre esses campos, cujos dados eram mantidos em segredo. Paulatinamente, contudo, com a abertura de arquivos secretos durante a *glasnost* empreendida na Rússia por Mikhail Gorbatchev, no final dos anos 1980, com o apoio de dissidentes soviéticos instalados em países ocidentais e do movimento dos Direitos Humanos, informações sobre os campos de prisioneiros e de trabalho forçado, os Gulags, vieram à tona:

> Literalmente acrônimo para Glavnoe Upravlenie Lagerei, ou "Administração Central dos Campos", palavra que por fim passou a descrever todo o sistema soviético de punição e trabalhos forçados voltado a prisioneiros criminais e políticos, crianças e mulheres - espalhavam-se por todo o país, da gélida Sibéria às inóspitas regiões da Ásia Central, passando pelas florestas dos Urais e os subúrbios de Moscou. Eles surgiram antes mesmo de seus infames contrapartes nazistas como Auschwitz, Sobibor e Treblinka, e continuaram a crescer muito tempo depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Mas só agora, após o colapso do comunismo, a história desse sistema de repressão e punição que aterrorizou milhões vem à luz com toda a sua força. (APPELBAUM, 2008, s.p.)

Esses campos foram expandidos sob a mão de ferro de Stálin, considerado autocrata cruel e sem escrúpulos e seus planos de industrialização ocuparam "uma força de trabalho de entre 4 e 13 milhões de pessoas prisioneiras (*os gulags*)" (Hobsbawn, 1995, p. 371). Hobsbawn acrescenta ainda que

> É provável que jamais se possa calcular adequadamente o custo humano das décadas de ferro da Rússia, pois mesmo as estatísticas oficiais de execução e da população dos *gulags* existentes, ou que podem vir a tornar-se disponíveis, não podem cobrir todas as perdas, e as estimativas variam enormemente dependendo da suposição feita pelos estimadores. (1995, p. 382).

Nessa perspectiva, a literatura, compreendida como registro da memória, assume papel crucial, o que nos leva ao objetivo deste estudo, que consiste em analisar o romance *Tudo o que tenho levo comigo*, da escritora romena Herta Müller — obra contemporânea, enquadrada na literatura do trauma, que, na forma de relato testemunhal, apresenta vivências de um sobrevivente de um Gulag.

Literatura do trauma

Hobsbawm (1995, p. 282) afirma que "quando enfrentam o que seu passado não as preparou para enfrentar, as pessoas tateiam em busca de palavras para dar nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem entendê-lo". Assim, a literatura do trauma surgiu no final da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente após a

libertação dos campos de concentração espalhados pelo território europeu (ANTONELLO, 2016). Com o tempo, incluíram-se no gênero relatos sobre a violência racista e os abusos cometidos nas ditaduras nas Américas e na África. Como exemplo, podemos mencionar as obras Se *isto é um homem* e *A Trégua*, do escritor italiano Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz-Birkenau, na 2ª Guerra Mundial, e *Arquipélago de Gulag*, de Alexander Soljenítsin, preso por onze anos, em Kolima, um dos campos de trabalho forçado. Sua narrativa se baseia nas cartas e nos relatos de duzentas e trinta e sete pessoas, que lhe confiaram sua experiência.

As narrativas da literatura do trauma são, portanto, provenientes de pessoas que sobreviveram às violências física e psíquica e que buscam, por meio do testemunho, a libertação desse passado. Hartmann (2000, p. 214) destaca que as testemunhas

> lembram de fatos com uma clareza impressionante. Ao mesmo tempo, frequentemente se sentem como se nunca tivessem deixado o lugar no qual tantos morreram. Eles também parecem ter morrido durante aqueles anos terríveis, sendo agora fantasmas que se autoperseguem.

Os relatos nascem, pois, da experiência traumática da qual foram vítimas, e seus testemunhos são decorrentes do trauma. Ao tratar de qualquer situação de violência da qual o autor foi vítima, essa literatura está ligada ao trauma e apoia-se em um paradoxo: a necessidade de escrever aquilo que é impossível ser escrito, já que sobreviventes acreditam que seu relato apenas tangencia o que foi experienciado. O trauma não cabe nas palavras, pois estas não expressam a intensidade do sofrimento:

> Nós todos sabíamos que nunca, nunca diríamos o que era preciso dizer, nunca exprimiríamos em palavras coerentes, inteligíveis, nossa experiência de loucura absoluta. A caminhada pela noite abrasadora, o silêncio antes e durante as seleções, a prece monótona dos condenados, o Kaddish dos moribundos, o medo e a fome dos doentes, a dor e a vergonha, os olhares alucinados, os olhos esgazeados: nunca saberia dizê-los. As palavras me pareciam gastas, bobas, inadequadas, maquiadas, anêmicas; eu as queria ardentes. (Wiesel, 1984, p. 8 *apud* ANTONELLO, 2016, p. 107).

Assim, é complexo compreender os traumas sofridos e representá-los mediante as limitações dos recursos de linguagem convencionais. A forma como ocorreram os extermínios, a violência e a radicalidade não podem ser representados em moldes tradicionais, pois acabariam por banalizar a catástrofe. O terror do massacre no Holocausto leva escritores a fugir das estruturas convencionais de representação, pois, de acordo com Jaime Ginzburg (2000, p. 47),

> Representar a experiência da catástrofe em proporções tais como as que a História nos mostrou no século XX implica, necessariamente, uma renúncia aos modos convencionais de representação, pois estes seriam incapazes de preservar a singularidade da experiência e a perplexidade que deve acompanhá-la.

Essa afirmação é verdadeira também para os sobreviventes de outras situações traumáticas de violência, como a prisão em Gulags. Relatar os traumas vividos é, pois, uma forma de desenterrar a sua própria história para viver a vida no presente. Nesse sentido, sobreviventes de campos de concentração costumam referir-se a si mesmos em terceira pessoa, pois não existe identificação com o eu fora dos campos.

Nessa perspectiva, Seligmann-Silva (2008) afirma que a literatura de testemunho, em função de sua relação com o trauma e o que não é passível de representação, viabiliza uma literatura que se ocupa de eventos encontrados fora da representação, da simbolização e do sentido, ou seja, trata de um evento que resiste a toda e qualquer forma de representação. Nesse caso, presenciamos um paradoxo, pois o autor de um testemunho deverá narrar aquilo que, a priori, não é passível de ser narrado. É sobre esse contrassenso que se ergue a literatura de testemunho, motivo pelo qual ela coloca em evidência uma face da literatura, pautada, principalmente, na literalidade narrativa.

Antonello (2016), por sua vez, defende que o testemunho não é uma obra de ficção e que os eventos ocorridos nos campos de concentração e extermínio foram revelados ao mundo por aqueles que estiveram lá, sobreviveram e puderam contar a sua história. Sendo assim, os relatos testemunhais tornam-se fontes de documentos históricos e dão voz àqueles que foram forçadamente emudecidos. Já Ginzburg (2008, p. 2) destaca:

> García considera a escrita de testemunho uma forma nova de criar literatura, em contrariedade à tradição canônica (GARCÍA: 2003, 12). Caracteriza sua especificidade uma conexão direta dos textos com a defesa de direitos civis, em contrariedade a autoritarismos institucionais. Relatos testemunhais surgem associados a abusos de Estado, em solidariedade às vítimas e em atenção crítica à violência.

Seligmann-Silva (2002) pondera, ainda, que "o testemunho não deve ser confundido com o gênero autobiográfico nem com a historiografia - ele apresenta uma outra voz, um canto - ou lamento - paralelo, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado" (SELIGMANN-SILVA, 2002, p.16). O relato testemunhal é, dessa forma, um meio de complementar, pelo relato das vivências dos sobreviventes, uma parte da história que busca ser esquecida ou mesmo ocultada, como é o caso dos campos soviéticos.

Nas palavras de Ettore Finazi-Àgro (2012, p. 81-82):

> Quem pode prestar ouvido e denunciar, refletir e protestar sobre os infindáveis atos de violência cometidos contra quem não possui poder algum? A Literatura, porque reinventa a realidade, dá a conta do impossível e mostra só o que poderia ser relatado pela testemunha de uma experiência de desumanidade e violência, mas que não consegue transmiti-la aos outros. É porventura essa voz despedaçada, prestes a se desfazer no choro ou na reza, tudo aquilo que nos resta, aquilo que sobra entre o agora e o fim, olhando e sendo olhados por uma

> realidade que devoramos e que continua mastigando a nossa, já muito manca, humanidade.

O ato literário de narrar tem, assim, como o monumento, o objetivo de alertar para o perigo do horror, da violência, do fascismo e da supremacia de uns sobre os outros.

Primo Levi, por sua vez, reafirma essa necessidade de narrar/escrever: "Recém regressado do campo de concentração, [...] sentia uma necessidade irrefreável de contar para todo mundo o que me havia sucedido" (Levi, 1998, p. 173, *apud* ANTONELLO, 2016, p. 86). Contribui, dessa forma, com a partilha da história vista e compreendida "de dentro", ou seja, o ponto de vista epistemológico é construído pela dor sentida no corpo, pela fome e pelos sentimentos, como o medo, o abandono, a saudade.

Nessa perspectiva, a autora do romance *Tudo o que tenho levo comigo*, Herta Müller[4], sofreu com as perseguições à minoria de origem alemã na Romênia, e sua mãe, assim como todas as mulheres desse grupo étnico de sua geração, após ter sido repatriada pela Alemanha, foi deportada para um campo de concentração, onde ficou presa por cinco anos. Além disso, em 1987, a escritora fugiu da ditadura romena, estabelecendo-se na Alemanha Ocidental, onde, como outros dissidentes, não foi bem recebida pelos alemães. Em entrevista, explica a importância de registrar o que vivenciou:

> Não supero nada. Superar é uma palavra muito positiva. Ao escrever, conseguimos compreender melhor o passado. Mas, quando termino, estou de novo como comecei. Todo mundo vive com as suas recordações. Não podemos lavar as nossas cabeças por dentro e dizer: "Agora é o momento zero". (RUETHER, 2011, s. p.).

Todo testemunho é único e insubstituível e representa exemplos daqueles que vivenciaram atrocidades inomináveis. E, assim, a história vem sendo apresentada por meio de relatos de sobreviventes que narram suas experiências, a fim de compartilhar, quiçá compreender, o que aconteceu e as razões dessas atrocidades, para lidar com os impactos delas em sua vida. Colocar o vivido em um ordenamento narrativo, na *mise en intrigue* (RICOUER, 1997), possibilita a construção de um sentido, permitindo a refiguração do passado em que habita o horror inominável.

É nessa refiguração que testemunho e história se interpenetram, guiadas pelo fio da dor e do trauma, lançando luz sobre o passado. Ambas se complementam e possibilitam maior entendimento acerca das mudanças sociais e políticas ocorridas na

[4] A escritora escreve em alemão, sua língua mãe, como forma de resistência, sendo autora de vasta obra, como *Já então a raposa era o caçador*, *A terra das ameixas verdes*, *Hoje preferia não ter me encontrado*. Recebeu vários prêmios, como o *Prémio Europeu de Literatura Aristeion* (1995), o *International IMPAC Dublin Literary Award* (1998) e, em 2009, o prêmio *Nobel de Literatura*.

sociedade, uma vez que a memória do testemunho pode questionar e relativizar a história oficial.

Jaime Ginzburg (2008) afirma que o estudo do testemunho exige uma concepção da linguagem como campo associado ao trauma. A escrita, neste caso, não é espaço dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento, seus fundamentos e suas consequências, por mais que sejam, muitas vezes, obscuros e repugnantes. O século XX estabeleceu-se como tempo propício para o testemunho, em virtude das guerras e dos genocídios. Para o sujeito da enunciação do testemunho, entre o impacto da catástrofe e os recursos expressivos, pode haver um abismo intransponível, de sorte que toda formulação pode ser imprecisa ou insuficiente.

Seligmann-Silva destaca que

> na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nesta literatura, redimensionamos a relação entre linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que "tudo é literatura/ficção". Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da "realidade", mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 49-50)

O horror também foi vivido nos campos de prisioneiros da União Soviética, antes, durante e após as Guerras Mundiais, e muito ainda há que ser elucidado sobre esse passado. A História passou por diversas transformações quando se trata de conhecimento, e o testemunho, que antes não desfrutava de muito reconhecimento, transformou-se em um elemento de especial relevância no que diz respeito à historiografia, visto que permite aproximar experiências de quem presenciou o passado com os registros oficiais do mesmo período. As vítimas de eventos de experiência-limite são, por conseguinte, atores históricos do século XX fundamentais e, por meio de seu testemunho, engendram narrativas de seu próprio tempo, ampliando, com isso, as possibilidades de compreensão por parte da História.

Assim sendo, à guisa dos pressupostos teóricos ora apresentados, ater-nos-emos à obra *Tudo o que tenho levo comigo*, de Herta Müller, na tentativa de perceber como o relato, único e insubstituível, engendra a experiência do vivido, promovendo reflexões acerca dos fatos históricos.

Vamos, então, ao Gulag apresentado na literatura de Herta Müller.

Tudo o que tenho levo comigo

A obra *Tudo o que tenho levo comigo* foi baseada em relatos que Herta Müller registrou em cadernos a partir de conversas com pessoas deportadas para os campos de trabalho forçado na União Soviética. Entre elas, Oskar Pastior, que relatou detalhadamente suas vivências no Gulag ao longo de cinco anos de prisão. O objetivo de ambos era escrever juntos o romance, mas Pastior faleceu antes disso, de forma que a escritora tomou para si a tarefa, com base no testemunho deixado por ele e por outros sobreviventes.

Publicada em 2009, na Alemanha, a narrativa nos chega pela voz do protagonista Leopold Auberg, que, com quase oitenta anos, relembra os anos de sua juventude, dos dezessete aos vinte e dois, quando esteve preso em um campo de trabalho forçado. Assim como Pastior, o protagonista é homossexual, o que, por si só, constituía crime passível de punição mediante prisão ou morte. Embora a narrativa enfoque um personagem fictício, consideramos a obra como de testemunho e de trauma, uma vez que a história foi elaborada, como afirmamos, a partir dos cadernos de anotação de Pastior e de relatos de outros deportados, recolhidos pela escritora. Além disso, a vida de Herta Müller e de sua família também é perpassada por perseguições e prisões vivenciadas no período pós-guerra, o que imprime ao discurso a faceta do trauma. Nesse sentido, é importante destacar o seguinte trecho, em que a escritora explica a gênese da sua obra:

> Quando, em 2006, Oskar Pastior morreu repentinamente, eu tinha quatro cadernos repletos de anotações manuscritas, além de esboços para alguns capítulos. Depois de sua morte, fiquei como paralisada. A proximidade pessoal que as anotações propiciavam fez com que a perda se tornasse ainda maior. Somente depois de um ano, consegui obrigar-me a me despedir do "nós" e escrever este romance sozinha. Porém, sem os detalhes de Oskar Pastior sobre o cotidiano no campo de trabalho, eu não teria conseguido fazê-lo. (MÜLLER, 2011, p. 298).

Sobre isso, recorremos a Paul Ricoeur, que discute o entrelaçamento da memória individual e da coletiva:

> o testemunho não é considerado enquanto proferido por alguém para ser colhido por outro, mas enquanto recebido por mim de outro a título de informação do passado. [...] Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento do ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. (Ricoeur, 2007, p. 131)

O autor acrescenta que a memória individual assenhoreia-se de si pelo fato de a experiência individual pertencer a um grupo. Logo, a narrativa ficcional advém da memória individual reconhecida e tornada coletiva, na medida que o memorialista consultado — Oskar Pastior — e a memorialista escritora pertencerem a um grupo, que

em dado momento da história vivenciou o horror e as consequências deste. Somos feitos, portanto, das memórias dos outros, em um processo de alteridade, até o ponto de não ser mais possível distinguir o individual do coletivo, como em um processo de mímese da memória do outro experimentada pelo sujeito, a partir de um terceiro, e assim por diante.

O narrador protagonista de *Tudo o que tenho levo comigo* relata o que viveu na macabra viagem, tal como o narrador benjaminiano que regressa e dá a conhecer o que viu e viveu. Trata-se de um narrador mediador, uma vez que é ele quem conduz o receptor pelas veredas da narrativa, sendo responsável por mostrar e esconder e por envolver o leitor no narrado. Leopold Augberg registra a vida no Gulag, revelando detalhes da permanente luta contra a fome, da constante presença da morte e dos sentimentos mediante o tratamento desumano a que os prisioneiros são submetidos.

Na madrugada de 15 de janeiro de 1945, o protagonista, juntamente com outros homens e mulheres, foi levado pela patrulha russa. A viagem, em vagões de transporte de animais, em uma temperatura de -15° C, prenunciava o indizível, mas a gravidade do que estava por vir não tinha sido imaginada pelos aprisionados: "O que poderia haver nas palavras DEPORTADOS PELOS RUSSOS passava pelas nossas cabeças, mas não pelo espírito" (MÜLLER, 2011, p. 21). Inicialmente, Leo sente alívio com a ideia da viagem, pois imaginava ir a um lugar maior, onde pudesse ser mais livre, sem esconder sua homossexualidade, sempre vigiada e experimentada em encontros fugazes no parque de sua cidade. Ele sabia o perigo que seus encontros representavam, pois quem fosse descoberto seria morto ou enviado à prisão, da qual, "[...] quem retornava [...] o fazia transformado num cadáver ambulante. Envelhecido e arruinado, inservível para qualquer tipo de amor neste mundo" (MÜLLER, 2011 p. 13).

O trem que levou os prisioneiros é emblemático, pois era empregado para transportar animais, antecipando o que os aguardava no campo, nivelando-os a animais amontoados, sem privacidade, despersonificados, como se percebe no trecho a seguir:

> Em um vagão de animais desaparece qualquer singularidade. Está-se mais entre outros do que consigo mesmo. Também não eram necessárias cerimônias. Apoiávamo-nos mutuamente como em casa. Talvez eu fale apenas de mim mesmo, quando relato isto hoje. Talvez nem de mim mesmo. Talvez a estreiteza no vagão de animais tenha me amansado, porque eu queria ir embora de qualquer jeito, e na mala ainda havia comida suficiente. Não tínhamos a menor ideia de que em breve a fome selvagem cairia sobre nós. Quantas vezes, nos cinco anos que se seguiriam, quando o Anjo da Fome nos visitasse, nos pareceríamos com essas cabras lívidas e duras. E quanto lamentaríamos tê-las perdido. (MÜLLER, 2011, p. 22-23)

Mediante o paradoxo do necessário testemunho e da impotência das palavras, o narrador faz uso de metáforas, personificações e neologismos. A palavra *Hasoweh* é, por

exemplo, uma contração das palavras alemãs Hase (coelho) e Weh (dor) - Hasoweh é o som do trem, é o gás que aquece, é a fome, é a dor do trabalho no campo; e a personificação da fome, pela imagem do Anjo da Fome. A oposição entre a fragilidade do coelho e a dor lancinante remete à impotência dos presos diante da violência do sistema dos campos de trabalho forçado. Essas criações remetem-nos à observação de Levi (ano), quando afirma que "a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem" (Levi *apud* SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 15), de modo que se faz necessária a criação de neologismos no intento de melhor expressar o indizível.

A própria organização textual remete-nos àquilo que restou ao protagonista após a prisão, ou seja, fragmentos de si. O terror e a miséria vivenciados ganham expressividade em capítulos fragmentários, curtos e que não apresentam os fatos de forma totalmente linear, mas a partir de temas. Capítulos inteiros são dedicados ao carvão, às ervas comestíveis encontradas no pátio e cozidas com água, à fome, a pequenos objetos que o mantiveram consciente e lúcido perante a realidade vivida.

A fome é personificada pela Anjo da Fome, que acompanha cada um dos presos e, como um ladrão, rouba-lhes o cérebro, ou seja, a capacidade de pensar e de discernir. A alimentação era pouca e de má qualidade, sendo constituída de um pão grudento e de sopa de repolho, muitas vezes, sem repolho, insuficiente para a jornada de trabalho braçal pesado a que eram submetidos os presos. A técnica dos internos era guardar parte do pão da manhã para comer à noite e comer lentamente a sopa servida duas vezes por dia. O narrador reflete:

> O que se pode dizer sobre a fome crônica. Pode-se dizer: existe uma fome que te deixa doente de fome. Que se soma, ainda mais fome, à fome que já se tinha. A fome sempre renovada, que cresce insaciável, e que salta para dentro da eterna e tão trabalhosamente amansada antiga fome. Como se anda pelo mundo quando não se tem nada mais a dizer sobre si mesmo, além do fato de estar com fome. Quando não se consegue pensar em mais nada. E o céu da boca é maior do que a cabeça: uma cúpula, alta e sonora até o crânio. Quando a fome fica insuportável, ela se estende até o céu da boca, como se tivessem colocado uma pele de coelho fresca para secar atrás do seu rosto. As faces murcham e se cobrem com uma pálida penugem. (MÜLLER, 2011, p. 26-27)

Muitos presos morriam de frio, fome, doenças decorrentes das más condições de vida. Alguns perdiam partes do corpo, que congelavam no inverno rigoroso, já que não havia roupa ou calçados para protegê-los do clima severo. Outros deixavam-se morrer por não mais suportarem a vida no campo, como Irma Pfeifer, que se deixou cobrir de massa de concreto, morrendo afogada, em pé.

O trabalho excessivo e a má alimentação paralelamente à privação da liberdade e à falta de agasalhos e calçados comprometiam a saúde de distintas formas:

> Poliartrites, miocardites, dermatites, hepatites, encefalites, pelagra. Distrofia, com a boca torta, chamada *cara de mico morto*. Distrofia com mãos frias e rígidas, chamada *garra de galo*. Demência. Tétano. Tifo. Eczema. Ciática. Tuberculose. Então vem disenteria com sangue claro ao evacuar, furúnculo, úlcera, atrofia muscular, pele ressecada com gretas, periodontite com perda de dentes, dentes podres. (MÜLLER, 2011, p. 151-152).

Nesse contexto, a possibilidade de morrer era uma constante, e os mortos, muitos, o que, de certa forma, anestesiava os presos diante da tragédia. O trauma da iminência da morte – por frio, fome ou fuzilamento – marca o protagonista. Nesse sentido,

> A morte instaura, pois, uma rutura dentro da vida, ao sublinhar a vulnerabilidade da existência, a precariedade do ser, a finitude humana. Daí, a obsessão da sobrevivência revela no homem a preocupação de conservar a sua individualidade para além da morte, ao que Edgar Morin (*id.*:35-36) chama de "*triplo dado da morte*" e que revela uma inadaptação fundamental: o homem tem consciência do facto "morte", dado reconhecê-la como acontecimento perturbador, e a tomada de consciência do aniquilamento conduz à sua negação na recusa da lei da natureza, que lê claramente na decomposição, o o que lhe provocará um sentimento traumático – o horror da morte é a *consciência da perda da individualidade*. (GUERREIRO, 2014, p. 175-176)

A consciência da perda da individualidade guarda em si a vergonha dessa nudez ontológica, que necessariamente é o fim de todos, mas que, nos campos, é ainda mais marcante pela falta de privacidade, a falta do cuidado e a falta do rito de despedida. Situação que se constitui em objetificação do ser, o qual, inservível, tem seu corpo eliminado.

A individualidade dos presos relaciona-se também aos objetos trazidos por eles na viagem, vestígios de um mundo que lhes é interdito mediante o aprisionamento. Restos da identidade do que foram, mas que, após a libertação, transformam-se na traumática lembrança que os assombra infinitamente. Assim, novamente em casa, a mala de Leo torna-se seu armário, já que, para viver, basta o pouco.

Com a morte, os despojos dos que pereceram eram recolhidos pelos outros, que se valiam das roupas e dos calçados para se aquecerem:

> É necessário despi-lo rapidamente, enquanto ele ainda se mantém flexível e antes que outro leve a sua roupa. É necessário tirar do travesseiro o pão economizado, antes que outro apareça por lá. A coleta é nossa forma de luto. Quando a maca chega ao alojamento, os dirigentes do campo de trabalho não devem ter nada para levar embora, além do próprio cadáver. [...] O campo de trabalho é um mundo prático. Não podemos dar-nos ao luxo de sentir vergonha ou horror. Atua-se com uma estável indiferença, talvez uma acovardada satisfação. (MÜLLER, 2011, p. 150).

A miséria, o frio e a fome desumanizam os presos, que buscam sobreviver nos campos. Seus objetos e suas roupas eram, também, vendidos em troca de comida ou mesmo de uma porção de sal ou de açúcar. E as atividades desenvolvidas pelos presos eram designadas a partir do estado físico de cada um, em um cruel sistema de gestão administrativa de divisão do trabalho, que considera as pessoas apenas como força motriz da produção:

> Tur Prikulitsch escrevia nas rubricas ao lado dos nossos nomes: colcozes, fábrica, entulheiras, transporte de areia, trechos de linha de trem, canteiro de obra, transporte de carvão, garagem, bateria de coque, escórias, porão. Tudo dependia do que estava escrito ao lado do nome. Se ficaríamos cansados, muito cansados ou mortos de cansados. Se depois do trabalho teríamos tempo e forças para o comércio ambulante. Se poderíamos revolver despercebidos o lixo da cozinha atrás do refeitório. (MÜLLER, 2011, p. 31).

Todo esse esforço físico era mantido com pão e sopa, de modo que a indigência a que eram reduzidos não mais permitia a diferenciação entre homens e mulheres:

> Já que na trindade de pele, ossos e água distrófica não é possível diferenciar entre homens e mulheres, as diferenças entre os sexos ficam em suspenso. Continuamos dizendo ELE ou ELA, como falamos o *pente* ou a *barraca*. E assim como estes, os semimortos-de-fome não são masculino ou feminino, e sim objetivamente neutros, como objetos, mais prováveis do gênero neutro. (MÜLLER, 2011, p. 160).

Despersonalizados, despojados da aparência identificadora de gênero, da feminilidade e da masculinidade. Como mortos-vivos, eram mantidos em um processo de desumanização e de erosionamento do EU, em uma humilhação e dor coletivas.

Importante na luta pela sobrevivência eram as palavras. Na noite da partida, a avó lhe disse que sabia que ele voltaria, frase que acompanhou Leo Augberg como um mote para a resistência às investidas da morte. E quando a fome se tornava insuportável, os presos lembravam as refeições de sua infância e o nome do que era comido normalmente em suas casas, sendo que as palavras como que os preenchiam pelas sensações proporcionadas pela memória acionada pelo signo linguístico. Nesse caso, a palavra, em um processo de semiose ilimitada, presentifica o passado, aciona a memória afetiva e atua como mecanismo de superação do desespero dos famélicos. Trauma que se instalou para nunca mais abandonar o protagonista: "Desde a minha volta do campo de trabalho há sessenta anos, eu como lutando para não morrer de fome" (MÜLLER, 2011 p. 27).

Apesar do horror da vida no campo, o regresso ao lar não se converteu em redenção. De um lado, havia o silenciamento sobre o que acontecera na prisão, pois era norma não falar sobre essa experiência, o que fez com que sua família não lhe

perguntasse nada. Situação artificial e sufocante, que instituía o distanciamento entre eles: "Eu já estava havia meses em casa, onde ninguém sabia o que eu tinha presenciado. E ninguém perguntava. Só é possível contar quando somos capazes de transmitir nossas experiências" (MÜLLER, 2011 p. 270).

De outro lado, os próprios sobreviventes, mediante a vergonha pelas humilhações e privações sofridas, buscam a reclusão e, ao se reencontrarem, não se reconhecem propositalmente. A cumplicidade da dor e do sofrimento impede o reencontro, o qual, necessariamente, os obrigaria a reconhecer tudo o que lhes foi impingido e, por conseguinte, revivê-lo. É o que ocorre quando Leo e Trudi Pelikan, colegas de campo, se cruzam nas ruas da pequena cidade natal: "Por nosso próprio bem, não quisemos mais nos reconhecer. Não há nada a entender nisso" (MÜLLER, 2011, p. 179).

A vida de Leo, depois dos campos de trabalho, é um andar sem rumo, repleto de inadaptações. Para não fugir da perseguição por ser homossexual, casa-se, mas após alguns anos, muda-se sozinho para a Áustria, fugindo de seu país. Tem dificuldades de se relacionar com a família e com outras pessoas: "Nada me interessava. Eu estava trancado em mim mesmo e excluído de mim mesmo, eu não pertencia a eles, e sentia a minha própria falta" (MÜLLER, 2011, p. 272).

A longa submissão a condições desumanas deixou marcas indeléveis:

> Eu desaprendera a comer com garfo e faca. Não só minhas mãos tremiam, mas também tinha problemas ao engolir. Eu sabia como era passar fome e como se estica ou devora a comida ao tê-la finalmente. Quanto tempo se mastiga e quando se deveria engolir; contudo, comer com boas maneiras era algo que eu não sabia mais. (MÜLLER, 2011, p. 275).

Leo descobre-se um estrangeiro em sua própria cidade. Os traumas e os fantasmas do tempo da prisão continuavam a fazer parte de sua vida, assim como o medo de ser preso novamente.

> Depois dos cinco anos no campo de trabalho eu vagava dia após dia pelo tumulto das ruas, ensaiando mentalmente as melhores frases para o caso de ser preso: PRESO EM FLAGRANTE - pensei em mais de mil desculpas e álibis para essa acusação. Levo comigo uma bagagem silenciosa. Fechei-me tão profundamente e por tanto tempo no silêncio que nunca consigo abrir-me através das palavras. Apenas me fecho de outras formas quando falo. (MÜLLER, 2011 p. 13).

O retorno de Leo não deixou, nesse sentido, a família confortável — nem a ele mesmo, paralisado pelas memórias: "Ninguém mais pode agarrar-se a mim. Fui educado pela fome e sou inalcançável, por humildade, não por orgulho" (MÜLLER, 2011, p. 249).

Leo sofre do que Seligmann-Silva, em seus estudos sobre literatura e trauma, conceitua como "síndrome do sobrevivente", ou seja, o sobrevivente é caracterizado por uma situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos

recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, "automatização do ego", incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído (Niederland *apud* SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 6). Assim, Leo refugia-se no trabalho, pois lhe é insuportável ser livre e as palavras "DE LÁ NUNCA MAIS SAIREI" (MÜLLER, 2011, p. 293) estão em seu cérebro, aprisionando-o para sempre.

Considerações finais

A obra *Tudo o que tenho levo comigo*, de Herta Müller, retoma o passado por meio de um narrador em primeira pessoa, que expressa sua experiência de cinco anos preso em um campo de trabalhos forçados na União Soviética, após o fim da 2ª Guerra Mundial. Leo Augberg, o protagonista, é um jovem homossexual romeno de origem alemã de dezessete anos. Como outros do mesmo grupo étnico, foi preso sob a acusação de ter apoiado as forças nazistas, sendo obrigado aos trabalhos forçados.

Apesar de ser um personagem fictício, consideramos a obra como sendo de testemunho e de trauma, tendo em vista que o protagonista é inspirado em Oskar Pastior, que registrou suas memórias em cadernos, com o auxílio da escritora, a qual também pertence a esse grupo e cuja mãe igualmente estivera presa. Nessa perspectiva, o trauma e o testemunho perpassam a dimensão autoral do romance e, portanto, subjazem à refiguração do passado.

A obra expressa a dor tornada coletiva pelos testemunhos que se entrecruzam e se complementam na trama fictícia, revestindo os fatos rememorados de ressentimento, culpa e vergonha. A malha narrativa é habitada, assim, por vozes que, de outra forma, ficariam silenciadas, mas que, pela literatura, ecoam e intentam ser ouvidas. Testemunhas do horror que toma seus corpos tornados objeto do sistema de opressão, úteis à produção enquanto tiveram força para os trabalhos em condições abjetas. Possibilita o ressoar do medo, do pavor, do ódio, da vergonha, da culpa, do desejo de justiça que rompem o silêncio e mostram ao leitor o que foi um Gulag, sistema mantido em segredo e que apenas no final do século XX foi tornado público.

A perda da individualidade e o despojamento de tudo o que pertence ao sujeito, inclusive sua vontade e sua força, experienciados no campo, aniquilam o Eu, impedindo-o de realmente ligar-se a outros após a libertação. Abre-se um abismo entre o Eu e o si-mesmo, não passível de reconstituição. Assim, tudo o que tem, o protagonista leva consigo, já que, diante da perda de si e da individualidade, que estilhaçou o Ego, pouco é necessário: "Levo comigo uma bagagem silenciosa" (MÜLLER, 2011, p. 13).

Pela malha narrativa, a literatura aproxima-se da história. Elas se entrecruzam, se interinfluenciam e se inter-iluminam. Cada uma com suas verdades, mesmo que provisórias, constituem um chamamento ao leitor, para alertá-lo a vigiar o que ocorre à sua volta, pois, como afirma Ricoeur (1997, p. 327), "talvez haja crimes que não se devam esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa. Só a vontade de não esquecer pode fazer com que esses crimes não voltem *nunca mais*".

Tudo o que tenho levo comigo entrecruza ficção e história, apresenta o testemunho e o trauma e, com isso, cumpre a função da literatura de revelar, diante dos olhos assombrados do leitor, aquilo de que o homem é capaz.

Referências

ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e escrita: uma articulação entre a literatura de testemunho e a psicanálise.** Rio de Janeiro, 2016. f. Tese (Doutorado em Memória Social), CCHS, UFRJ, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese57.pdf. Acesso em: 10 de fev. 2024.

APLLEBAUM, Anne. **Gulag: uma História dos Campos de Prisioneiros Soviético**s. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política.** Lisboa: Relógio d'água, 1992.

FINAZI-AGRÒ, Ettore. **Nefas: palavras e imagens da violência na moderna literatura brasileira.** In: SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; HARDMAN, F. F. Escritas da violência. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 81-82.

GINZBURG, Jaime. **Autoritarismo e literatura. A história como trauma**. Vidya Revista Eletrônica. Jan.-jun. 2000. Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/533 . Acesso em: 14 fev. 2024.

_____. **Linguagem e trauma na escrita do testemunho.** Revista Conexão Letras. Porto Alegre, v. 3, n. 3, 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55604 Acesso em: 10 dez. 2023.

GUERREIRO, Emanuel. **A ideia de morte – do medo à libertação**. Revista Diacrítica. vol. 28, n.2, Braga, 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200012. Acesso em: 20 jan. 2024.

HARTMAN, Geoffrey. **Holocausto, testemunha, arte e trauma**. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MÜLLER, Herta. **Tudo o que tenho levo comigo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo III. Campinas/SP: Papirus, 1997.

_____. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RUETHER, Graça Magalhães. Nobel de Literatura em 2009, Herta Müller fala da dura experiência de escrever sobre o passado nazista, refugiado e dissidente de sua família. **O Globo.** Nov. 2011. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/nobel-de-literatura-em-2009-herta-muller-fala-da-dura-experiencia-de-escrever-sobre-passado-nazista-refugiado-dissidente-de-sua-familia-2709850 . Acesso em: 29nov. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura e trauma**. Revista Pro-Posições, ano 13, n. 3(39), 2002. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf . Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. (Org.) História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **Testemunho da Shoah e literatura**. Revista Eletrônica Rumo à tolerância. FFLCH-IEL-UNICAMP, 2008, p. 1-16. Disponível em: http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf. Acesso: 18 abr. 2023.

Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS

Walter Benjamin e Haroldo de Campos: interlocução sobre a Aura e a tradução como Transcriação

Josafá de Assis Silva[1]
Eliana Vasconcelos Medeiros do Nascimento[2]

Resumo: O trabalho em questão tem como objetivo central examinar se o texto traduzido pode atuar como um meio de preservar a Aura, conceito de Walter Benjamin, e como esse processo se manifesta nas teorias tradutórias, especialmente na vertente transcritiva de Haroldo de Campos. O questionamento central é se este é um movimento duplo e inacabado. Para abordar essa questão, o estudo explora a perspectiva teórica de Walter Benjamin sobre o conceito de Aura, seguido pela análise da abordagem de Haroldo de Campos, especialmente em relação à transcriação. Metodologicamente, o trabalho se baseia em uma investigação bibliográfica, utilizando as obras de ambos os autores para estabelecer um diálogo entre o campo da tradução, da literatura e das artes visuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pois busca compreender fenômenos complexos e multifacetados que não podem ser quantificados. O estudo destaca a incompletude do texto traduzido conforme abordada por Haroldo de Campos, que sugere a possibilidade de recriação semântica e sintática na relação autor-tradutor, indicando tanto a preservação quanto a criação de uma nova Aura. A importância de mais pesquisas que conectem essas teorias é ressaltada, bem como a reflexão sobre o papel do tradutor na preservação e transmissão da obra. Ao considerar a ética Benjaminiana, o tradutor é visto como alguém que preenche lacunas e viabiliza outros discursos possíveis, destacando sua importância na preservação da obra. A tradução é percebida como um mecanismo que resgata o tempo e narra novamente a história, em linha com a visão de Susan Buck-Morss sobre a preservação da memória. A reflexão sobre a tese de Benjamin sobre o conceito de História ressalta a importância da tradução na preservação da verdadeira imagem do passado, permitindo que ela ecoe no presente e no futuro.
Palavras-chave: Aura; Walter Benjamin; Haroldo de Campos; tradução; transcriação.

Zusammenfassung: Das Ziel dieser Arbeit ist es, zu untersuchen, ob der übersetzte Text als Mittel zur Bewahrung der Aura, einem Konzept von Walter Benjamin, fungieren kann, und wie sich dieser Prozess in den Übersetzungstheorien, insbesondere im transkriptiven Ansatz von Haroldo de Campos, manifestiert. Die zentrale Fragestellung ist, ob es sich hierbei um eine unvollständige doppelte Bewegung handelt. Um diese Fragestellung anzugehen, erkundet die Studie zunächst die theoretische Perspektive von Walter Benjamin zum Konzept der Aura, gefolgt von einer Analyse des Ansatzes von Haroldo de Campos, insbesondere in Bezug auf die Transkription. Methodisch basiert die Arbeit auf einer bibliografischen Untersuchung, wobei die Werke beider Autoren verwendet werden, um einen Dialog zwischen dem Bereich der Übersetzung, der Literatur und den visuellen Künsten herzustellen. Es handelt sich um eine qualitative Forschung, da komplexe und

[1] Graduação em Psicologia (FIR - 2018), Mestrado em Filosofia (UFPE - 2020). Doutorado em andamento em Letras (Tradução e Cultura) pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: josafa.assis.10@gmail.com
[2] Graduação em licenciatura plena em letras língua portuguesa (2019) pela Universidade Federal da Paraíba, tem graduação incompleta em licenciatura plena em letras língua francesa (2010), pela Universidade Federal da Paraíba. Tradutora e livre pesquisadora da obra de Walter Benjamin. Contato: eliana.nascimentopb@gmail.com

vielschichtige Phänomene untersucht werden, die nicht quantifiziert werden können. Die Studie hebt die Unvollständigkeit des übersetzten Textes hervor, wie von Haroldo de Campos dargestellt, der die Möglichkeit einer semantischen und syntaktischen Neuschöpfung in der Autor-Übersetzer-Beziehung vorschlägt und sowohl die Bewahrung als auch die Schaffung einer neuen Aura anzeigt. Die Bedeutung weiterer Forschungen, die diese Theorien miteinander verbinden, wird betont, ebenso wie die Reflexion über die Rolle des Übersetzers bei der Bewahrung und Übertragung des Werks. Unter Berücksichtigung der Benjaminschen Ethik wird der Übersetzer als jemand betrachtet, der Lücken füllt und andere mögliche Diskurse ermöglicht, wodurch seine Bedeutung für die Bewahrung des Werks hervorgehoben wird. Die Übersetzung wird als ein Mechanismus wahrgenommen, der die Zeit wiederherstellt und die Geschichte erneut erzählt, im Einklang mit der Vision von Susan Buck-Morss über die Bewahrung der Erinnerung. Die Überlegung zu Benjamins These über das Konzept der Geschichte unterstreicht die Bedeutung der Übersetzung für die Bewahrung des wahren Bildes der Vergangenheit, das es ermöglicht, im gegenwärtigen und zukünftigen Echo zu hallen.
Schlüsselwörter: Aura; Walter Benjamin; Haroldo de Campos; Übersetzung; Transkription.

Introdução

A escrita desse trabalho, de cunho bibliográfico, emergiu das altercações e pesquisas propostas nas primeiras aulas da disciplina *Tópicos especiais em Tradução e Cultura I* ministrada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. O presente trabalho busca discutir/investigar em torno das perguntas: "seria o texto traduzido um elemento de preservação da Aura de Walter Benjamin? Como se dá esse processo na teoria tradutória (transcriativa) e interpretativa? Trata-se de um duplo movimento inacabado?". Para essa altercação, buscamos analisar a perspectiva da base teórica do conceito de Aura para Walter Benjamin, e a vertente tradutória pelo método de transcriação criado e aplicado por Haroldo de Campos. Apresentaremos a princípio a conceituação e obra do Walter Benjamin e depois a teoria de Campos, a transcriação. Em termos metodológicos, propusemos uma investigação de cunho bibliográfico, baseada nas obras de Haroldo de Campos sobre tradução, e de Walter Benjamin, sobre obra de arte, aura e outros conceitos, de modo a estabelecer um diálogo entre o tradutório, o literário e o artístico. Quanto à forma de abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, ou seja, voltada para um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 1993). Sendo assim, é uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com as palavras de Gil (2002, p.44), "embasa-se em materiais já produzidos, como artigos, livros, revistas e acervos da web", etc.

A obra de arte para Benjamin: a Aura e a reprodutibilidade técnica

Walter Benjamin, um filósofo pertencente à Escola de Frankfurt e contemporâneo de figuras proeminentes como Adorno e Horkheimer, foi uma das vítimas diretas da perseguição dos nazistas contra os judeus. A extensa e diversificada gama de seus escritos contribuiu para a persistente caracterização de Benjamin como um pensador

fragmentário, cuja abordagem não se conforma a um sistema filosófico unificado e sim não sistemático. (ROCHLITZ, 2003). A própria Hannah Arendt (2015) classifica Walter Benjamin como um grande ensaísta, conforme registrado por Theodor Adorno e Rolf Tiedemann (1987), estes últimos detentores dos direitos autorais de seus trabalhos até o final da primeira década do século XXI. Esta designação ganha ainda mais relevância quando consideramos a classificação do pensamento de Benjamin no contexto brasileiro. Portanto, em busca de transcender a estrutura tradicionalista que envolve sua obra, é oportuno adotar a perspectiva proposta por Susan Sontag (1986), que descreve a imagem do pensamento de Benjamin essencialmente como um ato de resistência: "Pensar e escrever são fundamentalmente questões de resistência. (...) A tarefa ética do escritor moderno não é ser um criador, mas um destruidor – um destruidor da interiorização superficial, a ideia consoladora do universalmente humano, da criatividade diletantística e das frases vazias".

De tudo aquilo que Walter Benjamin escreveu no texto da Obra de Arte, selecionamos apenas um conceito para ser explorado aqui, o conceito de AURA. Benjamin traz esse conceito quando escreve a respeito da obra de arte; ele tem uma visão "religiosa, romântica", um pouco mais purista da obra de arte. Benjamin relata que, quando o artista (que é uma espécie de gênio), cria a sua obra de arte, ele deixa nela, ou imprime nela aquilo que ele mesmo vai chamar de aura. "Uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja" (BENJAMIN, 1994, p.170). Mas o que seria essa tal de aura? Benjamin usa esse vocabulário emprestado da Grécia antiga, do seu vocabulário religioso. Para os religiosos, todo ser vivo, principalmente o ser humano, tem uma espécie de cura, um campo energético, magnético, divino, que circunda o seu corpo material, ou seja, que dá a ele uma espécie de vida, de unicidade, de identidade na realidade. Essa aura, portanto, aplicada à obra de arte, é aquilo que garante a autenticidade, a presença das intenções, dos sentimentos e também das provocações e dos pensamentos dos artistas, quando ele se pôs na obra de arte, na pincelada, no desgaste do tempo, nas cores, nas texturas — ou seja, o artista permanece no aqui e no agora da arte. Entendamos um pouco melhor: a palavra aura já remete, mesmo no latim ao significado de ar, de sopro, de respiro; então, a aura pode ser uma espécie de respiração do artista na sua obra. É uma espécie de presença do próprio artista ali naquele objeto. Benjamin nos conduz a partir de 3 aspectos a entender como ele mesmo percebe a aura na obra de arte, o que torna a obra de arte então, única.

O primeiro aspecto se apresenta da seguinte forma: se entendermos a aura como esse "sopro" do criador em relação a sua obra, podemos perceber então que naquela

obra existe algo transcendental, ou seja, algo que ultrapassa tanto o entendimento de quem percebe, quanto o entendimento de quem criou. É algo além, místico, divino e ao mesmo tempo, por ser sopro do artista, também garante a vida daquela obra de arte.

No segundo aspecto essa obra de arte ganhará uma sobrevida, atravessará os tempos. Essa mesma aura é o que vai garantir também, nessa interpretação de campo magnético ou unicidade, a identidade da obra, que vai dar a ela a autenticidade, que fará com que ela não exista em nenhum outro lugar, em nenhum outro tempo da maneira com que ela existe ali quando foi criada.

O terceiro aspecto diz respeito a aura ser o que permite que a obra de arte não envelheça nunca, porque ela será sempre fresca, sempre atual, sempre presente. O problema é que naquele contexto, em meados do século XX, quando surge o pensamento de Walter Benjamin, Benjamin diz que a obra de arte será submetida a uma reprodução, à reprodutibilidade técnica ou mecanizada. Perceba, não a uma reprodutibilidade qualquer, a uma *reprodutibilidade técnica*[3], porque a obra de arte sempre foi passível de reprodução — se pensarmos, à época das cavernas, temos indícios de reprodução, de técnicas escassas; avancemos e pensemos nos artistas que eram contratados para replicar quadros na Idade Média e perceberemos que, independente da técnica, essa reprodução sempre aconteceu. A particularidade do século XX é a disposição de tecnologias que permitem que essa obra de arte não só seja reproduzida, mas que seja reproduzida à

[3] Nascimento (2022) nos apresenta um amplo e abrangente panorama histórico das traduções do texto "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica no Brasil" na língua portuguesa. No total, são onze versões, cada uma com suas escolhas e particularidades. A primeira versão em língua portuguesa foi publicada em 1959, traduzida por Dora Rocha. A segunda versão e tradução do texto em língua portuguesa foi publicada na revista Civilização Brasileira, em 1968, por Carlos Nelson Coutinho. A terceira versão em língua portuguesa foi publicada no livro "A Ideia do Cinema" em 1969, traduzida por José Lino Grünewald. A quarta versão foi publicada no livro "Teoria da Cultura de Massa", também em 1969, organizada por Luiz Costa Lima. A quinta versão em língua portuguesa foi traduzida por Gilberto Velho, em 1959. A sexta versão foi publicada em uma coleção da editora Abril, em 1975, intitulada "Os Pensadores", e traduzida novamente por José Lino Grünewald. A sétima versão em língua portuguesa foi publicada em 1985, pela Editora Brasiliense, em uma coletânea de obras que reuniram textos de Benjamin sobre autores como Kafka e Proust. A tradução foi feita por Sérgio Paulo Rouanet e o prefácio por Jeanne Marie Gagnebin. A oitava versão em língua portuguesa foi publicada em 2012 pela editora Zouk, traduzida por Francisco de Ambrosis Pinheiro de Machado. A nona versão foi publicada em 2013 pela L&PM Editores e republicada pela L&PM Pocket na primeira edição da coleção em novembro de 2017. Essa tradução for feita por Gabriel Valladão Silva e foi organizado e prefaciado por Márcio Seligmann-Silva. A décima versão foi publicada em 2015 pela editora Contraponto, com tradução de Marijane Lisboa e organização de Detlev Schöttker. A décima primeira e última versão analisada em língua portuguesa foi publicada no Brasil em 2017 pela editora Autêntica, traduzida por João Barrento.

exaustão, aos milhares. Essa crítica se voltaria primeiramente à invenção da imprensa: Benjamin diz que o estabelecimento da imprensa foi a primeira possibilidade que se teve de se reproduzir alguma coisa à exaustão. Claro que, nesse caso, inicialmente, eram letras, palavras, textos, mas havia também gravuras — as ilustrações que acompanhavam os textos eram igualmente reproduzidas. A partir daí, Benjamin cita outra invenção, que pode reproduzir as imagens à exaustão: a fotografia. Esta faz com que a arte chegue a outro patamar de reprodução, em que também o original perde sua relevância, porque agora não é mais preciso preservar ou preocupar-se com ele, já que é possível reproduzir a imagem quantas vezes se quiser.

Depois da fotografia, surge outro mecanismo de reprodução (que, aí sim, chega a ser o ápice), que permite a reprodução da imagem, como a fotografia, do som e de todas as outras coisas que envolvem a criação de imagem e de contação de história: o cinema. O cinema é o que leva o espectador a se preocupar apenas com a reprodução e não mais com a criação do original. Assim mesmo, para Benjamin, na mais perfeita reprodução de alguma obra de arte, duas coisas muito importantes se perdem, o aqui e o agora, que é o que garante essa aura permanente. Nesse sentido, há também outro agravante, que não diz somente respeito à obra ser reproduzida, como também a essa reprodução estar agora submetida a uma lógica capitalista de reprodução em massa para o mercado. A obra de arte deixa, nessa perspectiva, de ser algo religioso, místico, único, para ser agora um produto e um produto de fetiche. Esse produto não serve mais para uma experiência única; ele passa a ser decoração, estampa de objetos, passa apenas a significar que a pessoa está consumindo arte como qualquer outro produto. Pode-se, assim, consumi-la, dispensá-la e também trocá-la por outra.

Sendo então mercadoria, a arte perde o caráter religioso. É evidente que a reprodução permite que a obra de arte chegue a lugares em que ela nunca antes poderia ter chegado, ou que ela alcance pessoas que nunca antes poderiam ter acesso a ela. Uma vez que ela permaneça apenas no original, em museus ou outros lugares de apreciação, seriam de difícil acesso para, por exemplo, pessoas com limitação financeira, ou acesso a bens limitado. Nesse sentido, então, a reprodução permite que a obra de arte chegue de alguma forma até o espectador, ainda que de maneira distanciada, nem que apenas através de uma notícia. Contudo, essa lógica mercadológica de distribuição de arte faz com que o contato com a arte pare na reprodução e não se avance no pensamento, na fruição e muito menos na apreciação quase mística/religiosa da arte.

Transcriação: uma tradução poética/artística da linguagem

Haroldo de Campos (1929 – 2003, SP), poeta, crítico e tradutor, realiza um trabalho singular de tradução literária de textos como a *Ilíada* de Homero, algumas obras de Dante e textos bíblicos em três obras: *Qohélet: O que sabe* (1991), *Bere'Shith: A cena da origem* (2000), *Éden: um tríptico Bíblico* (2004). Transcriou também alguns textos de Goethe, Mayakovski e Mallarmé. Para Haroldo de Campos, os textos benemerentes a serem traduzidos são aqueles que, além da exuberância poética, atuam como textos vigorosos de uma determinada cultura. Cabe destacar que, a forma de tradução, por transcriação, realizada por Haroldo de Campos, valoriza aspectos singulares no texto (pausas, organização de parágrafos, utilização de palavras no sentido literal), aspectos esses, que parecem ter passado despercebidos em algumas traduções. Por ser não apenas um tradutor, mas também um poeta, Haroldo fazia questão de ressaltar os aspectos poéticos do texto.

A ideia da tradução como transcriação percorre a obra poética e crítico-filosófica de Haroldo de Campos como uma espécie de necessidade de marcar a singularidade da linguagem literária. Nas palavras de Campos (2011, p. 27), "o tradutor traduz não o poema (seu conteúdo aparente), mas o *modus operandi* da função poética no poema, liberando na tradução o que nesse poema há de mais íntimo, sua *intentio* intra-e-intersemiótica". Isto é, traduz-se tudo aquilo que no poema é 'linguagem' e não meramente "língua". Baseado nas visões sobre tradução de Ezra Pound, músico, poeta e crítico literário norte-americano, Kenner (1953, p.12) se manifesta contra as traduções baseadas em certa filosofia do significado, afirmando que os tradutores "estão habituados a traduzir o significado e não o tom do que é dito", sendo justamente a percepção da tonalidade o elemento definidor da forma poética.

Nesse sentido de tradução como transcriação, Haroldo de Campos destacará a tonalidade como um fato importante para recuperar a informação estética, uma vez que é o tom que imprime a musicalidade/sonoridade do texto. Conforme palavras do crítico, "não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedade sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris[4], a iconicidade do signo estético" (CAMPOS, 2010, p. 35). Para Campos, o exercício de tradução literária é uma transcriação em que "a informação estética é, assim, inseparável de sua realização" — em poucas palavras,

[4] Charles Morris (1901-1979) foi filósofo e semioticista. Sua obra fora construída em torno do estudo de simbologismo, signos e filosofia. (*Writings on the General Theory of Signs*. Den Haag: Mouton, 1971.)

"tradução é arte". Eis aí a característica do texto como inacabado: ao ser transliterado ou traduzido para outra língua o texto faz-se aberto, inacabado, passível de recriação.

Ainda segundo o autor, a simplificação do escrito a partir apenas do significado se torna um problema resistente ao trabalho de tradução que visa captar as circulações de sentidos entre essas múltiplas linguagens. Trata-se, então, de pensar na perspectiva de uma outra filosofia da linguagem, uma que não privilegie apenas o problema do significado, uma capaz de dar conta inclusive das problemáticas do sentido, especialmente a partir do trabalho transcriativo-tradutório.

A tradução e a transcriação na teoria usada por Haroldo de Campos possuem caráter singular. Embora a crítica literária nacional tenha consagrado Haroldo de Campos quase como uma referência apenas da poesia concretista, internacionalmente o trabalho do poeta utópico como tradutor de textos (principalmente dos clássicos e sagrados) é reconhecido como expressão artística de maior grandeza. Acerca do método de tradução de Haroldo de Campos, sabe-se das influências que autores como Charles Morris, Roman Jakobson, Walter Benjamin e Jacques Derrida exerceram na sua compreensão de tradução como um processo de recriação (muito mais do que transposição) do original. Isso significa dizer que, como poeta e tradutor, Campos considerava não apenas os aspectos que correspondiam ao significado linguístico, mas também à forma e à materialidade sonora, isto é, o aspecto sensível da linguagem. Nas palavras de Campos (2011, p. 34),

> A tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução [...] não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por "signo icônico" aquele "que é de certa maneira similar àquilo que ele denota").

O texto a ser traduzido, de acordo com Campos, estaria aberto à recriação, em se tratando de poema, a uma transpoetização. No empenho de ressaltar a importância da tradução crítica e artística do tradutor na relação com o autor (a ser traduzido), Haroldo de Campos (2011, p. 24) recorre ao pensamento de Walter Bejamim (1980), dizendo: "Libertar na sua própria àquela língua pura, que está desterrada na língua estranha; liberar, através da transpoetização (*Umdichtung*), aquela língua que está cativa (*gefangene*) na obra, eis a tarefa do tradutor". Para Benjamim, a tradução deveria

considerar salutar o possível dialogismo entre a língua de partida e a língua de chegada, imbricados na perspectiva de entender a possibilidade e impossibilidade de traduzir. Dito doutro modo: o texto a ser traduzido encontra-se aberto às possibilidades do tradutor, uma relação íntima entre autor-tradutor. Não haveria, portanto, tanto para Benjamim, quanto para Haroldo, a possibilidade de "tradução" (*ipsis litteris*), mas sim de transcriação.

De acordo com Haroldo de Campos (2011, p. 24): "Correlatamente, a tarefa da fidelidade consiste em emancipar o tradutor da preocupação com a transmissão do mero conteúdo referencial; a reivindicação de liberdade da tradução transpõe-se para um plano mais alto, o do resgate". O tradutor seria, portanto, um reconciliador das múltiplas línguas. O processo da tradução e do texto aberto às "traduções" proporciona a emancipação do tradutor, que logo torna-se autor. De acordo com Passini (2015, p. 02):

> "Para Benjamin a tarefa do tradutor vai muito além desse aspecto pragmático, na medida que tem por finalidade dotar de visibilidade o "mais íntimo relacionamento das línguas entre si". (BENJAMIN, 2011, 106). Assim, na contramão do famoso adágio *traduttore, traditore*, segundo o qual toda tradução causaria necessariamente uma perda quando comparada à leitura de um original, a reflexão benjaminiana sobre tradução constitui-se num verdadeiro elogio à tarefa de traduzir, pois é vista como um meio de restituir a afinidade perdida entre as línguas, e assim, reestabelecer a pretensa harmonia que reinava antes do marco babélico".

Portanto, para Haroldo, o texto a cada ato de tradução encontra-se aberto às possibilidades, aberto às plurivocidades (muitas vozes), às muitas traduções/transcriações, transpoetizações. Deve-se considerar a compreensão dos escritos de Jacques Derrida, principalmente "Torres de babel", como fundantes do entendimento de certa incapacidade humana de nomeação. Ao homem restou apenas a capacidade de comunicação, que é ressaltada por Walter Benjamim, e sustentada pela crença em uma primeira língua pura, que fora corrompida no evento da torre de babel. De acordo com Passini (2015, p 04):

> "A tradução permite não apenas observar pontos de proximidade e de distanciamento entre as diferentes línguas, mas principalmente porque constitui um meio de reconciliação, ainda que parcial, entre as línguas, e, assim, um passo em direção à pura língua. Em cada ato de tradução, portanto, o tradutor se depara com a incompletude tanto da língua da qual traduz, quanto daquela para a qual traduz. Nesse momento, ele está diante do efeito da plurivocidade, que se deixa ver no próprio movimento da tradução, mas ali está também a semente da pura língua que deve ser amadurecida pelo fazer do tradutor. Assim, o que a tradução deflagra não é apenas a diferença entre as línguas, mas acima de tudo o caráter complementar que existe entre elas. É pela própria peculiaridade de cada uma delas, revelado por sua intenção,

> que juntas elas formam a tessitura de uma língua maior, que é a pura língua".

Considerações Finais

O trabalho realizado buscou explorar teorias e autores de vertentes semelhantes, procurando uma aproximação entre suas ideias. Haroldo de Campos, ao abordar a transcriação, destaca a incompletude do texto traduzido, apresentando uma possibilidade de recriação semântica e sintática entrelaçada na relação autor-tradutor. Esse processo pode indicar tanto a preservação da aura quanto a criação de uma nova aura, utilizando os termos benjaminianos. Ao analisarmos como Haroldo de Campos percebe o texto traduzido, observamos que ele o trata como um elemento aberto à recriação, um elemento incompleto e inacabado. É notável a importância de mais pesquisas que conectem discursivamente ambas as teorias, abordando essa temática com maior profundidade e assertividade. Além disso, é crucial refletir sobre o papel da tradução e a figura do tradutor. Ambos são instrumentos e mecanismos essenciais para a continuidade de uma obra, permitindo que ela sobreviva e mantenha sua resistência.

Ao considerar a ética Benjaminiana, o tradutor é visto como alguém que preenche lacunas, proporciona voz aos excluídos e viabiliza outros discursos possíveis, destacando sua importância na preservação e transmissão da obra. Nessa perspectiva, a tradução se revela como um mecanismo que resgata o tempo e o narra novamente. A indagação a respeito de o tradutor ser uma espécie de historiador surge naturalmente. Assim como o historiador reconta o passado em seu próprio tempo, o tradutor realiza uma tarefa semelhante. Susan Buck-Morss, em seu ensaio sobre a obra de arte, aponta que "sem a profundidade da memória, a experiência fica empobrecida", estabelecendo um paralelo entre a função do tradutor e a preservação da memória. Essa reflexão nos conduz ao que Benjamin afirmou em sua tese V da obra "Sobre o Conceito de História" (BENJAMIN, 2010): "A verdadeira imagem do passado escapa. Somente como imagem, que jamais voltará no exato momento do seu reconhecimento, o passado é apreendido. A Verdade não nos escapará." Portanto, entre o passado e o futuro, o que perdura é a imagem do momento. Essa perspectiva reforça a importância da tradução na preservação da obra, permitindo que a verdadeira imagem do passado não se disperse, mas continue a ecoar no presente e no futuro.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem.** Organizadora Jeanne Marie Gagnebin. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2011.

BENJAMIN, Walter. **O trabalho do Tradutor.** Gesammelte Schriften.Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980. Band IV-1.

BRANCO, Lúcia (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português.** Belo Horizonte: Fale /UFMG, 2008.

CAMPOS, Haroldo de. "A língua pura na teoría da tradução de Walter Benjamin". **Revista USP**, v. 33. p. 160-171, 1997.

CAMPOS, Haroldo (Org.). **Ideograma: Lógica poesia e linguagem**. Textos traduzidos por Heloyse de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1986.

CAMPOS, Haroldo de. **Bere'Shith: a cena da origem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

CAMPOS, Haroldo de. Da transcriação: poética e semiótica da operaçãotradutora. Belo Horizonte: **Fale/UFMG**, p. 160, 2011.

CAMPOS, Haroldo de. Éden: Um tríptico bíblico. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. **Qohélet: o que sabe (Eclesiastes).** São Paulo: Perspectiva, 1991.

CAMPOS, Haroldo. "Transluciferação Mefistofáustica". In: **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 179.

CAMPOS, Haroldo. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 2010a.

CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem e outras metras: ensaios de teoria e crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DASCAL, M. 1992. Models of interpretation. In: M. STAMENOV (ed.), **Current Advances in Semantic Theory**. Amsterdam, John Benjamins, p. 109-127

DA SILVA COSTA, Márcia Hávila Mocci. **Estética da recepção e teoria do efeito**. 2022.

DA SILVA, Ana Cláudia Salomão; PAZ, Ravel Giordano. Observações sobre a aplicação da metodologia da estética da recepção a helena, de Machado de Assis. **Revista Eletrônica de Estudos Literários-REEL**, n. 14, 2014.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

FIGURELLI, Roberto. Hans Robert Jauss e a estética da recepção. **Revista Letras**, v. 37, 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** 5 a Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KENNER, Hugh. Introduction. In: POUND, Ezra. **As traduções de Ezra Pound.**London: Faber & Faber, 1953.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORRIS, Charles W. **Writings on the General Theory of Signs**. Den Haag: Mouton, 1971.

MOSTAÇO, Edélcio. Uma incursão pela estética da recepção. **Sala Preta**, v. 8, p. 63-70, 2008.

PASSINI, Michele Teixeira. O tradutor como redentor em Walter Benjamin. **Caderno Walter Benjamin**, Ceará, n. 3, p. 32-42, 2015.

ROCHLITZ, Rainer. **O desencantamento da arte.** Bauru – SP: EDUSC. 2003.

SONTAG, Susan. **Sob o signo de Saturno.** São Paulo: L&PM Editores. 1986.

TIEDEMANN, Rofl. **Études sur la Philosophie de Walter Benjamin.** Trad. Rainer Rochlitz. ACTES SUD France. 1987.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da literatura**. Porto Alegre: UniRitter, 2015.